EDWIN LOUIS COLE



Editora
Betânia

HOMEM AO MÁXIMO

SABEDORIA &
VISÃO PARA
MAXIMIZAR
SUA VIDA

UM GUIA PARA O ÊXITO FAMILIAR

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

EDWIN LOUIS COLE

HOMEM AO MÁXIMO

Editora Betânia

BELO HORIZONTE
2006

DO ORIGINAL
Maximized Manhood
© 2001 by Edwin Louis Cole
© 2006 by Editora Betânia
PUBLICADO ORIGINALMENTE POR
Whitaker House
1030 Hunt Valley Circle
New Kensington, PA 15068 EUA

TRADUÇÃO
Myrian Talitha Lins
Ana Carolina Vilela

CAPA
Pedro Jr.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219

Cole, Edwin Louis.
Homem ao máximo / Edwin Louis Cole ; tradução de Myrian Talitha Lins e Ana Carolina Vilela. – 2 ed. – Belo Horizonte : Betânia, 2006.
192 p. ; 21 cm.

Título original: Maximized manhood, c2001.
ISBN 0-88368-655-4 (edição original)
ISBN 978-85-358-0120-0

1. Masculinidade. 2. Psicologia masculina. II. Título.

CDD 248.842

1ª EDIÇÃO, 1994 2ª EDIÇÃO, 2006

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova
31570-000 Belo Horizonte, MG
Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG

PRINTED IN BRAZIL

Digitalização e edição: Semeador Jr.

Dedicatória

Para minha esposa, Nancy, "a mais bela mulher do mundo". Seu amor por mais de cinquenta anos tem sido a fonte de força, sabedoria e caráter, e sem ela, não sei onde estaria. Obrigado, Nancy, por essa maravilhosa vida que você tão graciosamente me deu para ajudar-me a me tornar o homem e a pessoa que sou hoje.

Para Paul, Lois e Joann, que me perdoaram por todos os meus erros ao longo dos anos e permaneceram comigo como uma fonte inesgotável de encorajamento e bênção.

Para os homens mencionados no livro, Doyle, Alan, Jim, John, Ben, Jack, e outros, que me ensinaram tanto sobre tomo desenvolver uma hombridade real como suportaram minha tentativa de ensinar-lhes por meio de ações e palavras. Obrigado, companheiros.

E obrigado a vocês, os editores, Bob Whitaker, Sr., e Bob Whitaker, Jr., que continuaram a crer na mensagem e manter nossa amizade.

Sumário

Prefácio da Nova Edição em Inglês.....6

Prefácio.....7

1. Uma Sentença Forte.....10

2. Impedidos de Entrar em Canaã.....15

3. A Síndrome da Playboy.....23

4. Dez Ordens ou Simples Sugestões?.....31

5. Que Rombo Foi Aquele na Porta?.....43

6. Afetuoso, mas Enérgico Também.....51

7. Há um Sacerdote na Casa? 63

8. Gorjeta – um Gesto de Apreciação.....72

9. Trocando de Cabeça.....82

10. “As Transferências de Culpa Terminam Aqui!”.....92

11. Uma Caricatura de Pai.....104

12. Pais Ausentes.....112

13. Pare, Olhe, Escute!.....117

14. Um Casamento Experimenta Uma Renovação.....123

15. Uma Questão Decisiva.....131

16. Homens Imaturos.....136

17. O que Importa é o Coração.....142

18. Vá Até a Cruz.....146

19. Este é o meu Pai! 152

20. Ame a Deus com Todo o Fervor e Não Deixe a Glória se Dissipar.....159

Epílogo: Um Ministério Especial Para Homens.....165

Prefácio da nova edição em inglês

Milhões de homens leram este livro desde que foi publicado em 1982. Quando me pediram para atualizar o conteúdo, eu o deixei em sua forma original com exceção de alguns poucos retoques que gostaria de ter feito antes da primeira impressão. Acrescentei também alguns capítulos que não somente validam o que foi escrito no original, mas ampliam também a revelação e o significado profundo da verdade que *"Hombridade e semelhança a Cristo são sinônimos"*.

Prefácio

Um fenômeno bastante interessante está ocorrendo em nosso país[*]. A principal figura de autoridade que nossas crianças conhecem, do nascimento até quase os vinte anos, é delineada quase totalmente por mulheres. Vez por outra, a figura masculina aparece nesse quadro, mas com presença pouco marcante.

No hospital, são as enfermeiras que se encarregam de quase todos os aspectos relativos ao cuidado do recém-nascido. Em casa, geralmente, a figura dominante é a mãe. E 90% dos professores do curso primário são – todo mundo sabe – mulheres. Em alguns casos, o policial que auxilia a criança na travessia da rua em frente à escola é uma mulher.

E há muitas outras situações como, por exemplo, supermercados, lojas, lanchonetes, escola dominical, em que são mulheres que atendem, orientam e ensinam as crianças a respeito de Deus. (A exceção vem de algumas igrejas, onde um homem prega para uma congregação constituída, na sua maioria, de mulheres.)

Quem instrui a criança sobre que roupa deve vestir, quem lhe inculca os primeiros bons hábitos, quem a ajuda com os deveres de casa, quem faz as compras da família? Em suma, quem é que manda? Não é de se admirar, portanto, que o rapaz de hoje esteja se esforçando ao máximo para demonstrar que é homem de verdade – como a mamãe.

E é por isso que em nossos dias os homens aderiram ao uso de pulseiras, colares, e até de brincos. Têm cabelo comprido, camisas justas desabotoadas em cima lembrando um "decote". Ou então são "machões", que têm uma atitude irresponsável com a mulher e os filhos, ou que levam uma vida sexual desregrada e vivem como bem querem. Em qualquer dos casos, o homem se acha "liberado", ou pelo menos é o que lhe dizem as feministas, cujo objetivo é minar sua posição como homem.

[*] O autor refere-se aos Estados Unidos. (Nota do digitalizador).

Por outro lado, as mulheres estão usando o cabelo bem curto, calças e *blazers* masculinos, e algumas, até gravatas. No desejo de se "autoafirmar" ou "castigar seus opressores", muitas vêm dando vazão a uma raiva até então reprimida, e agindo de forma violenta contra os homens que elas acreditam serem os culpados de tudo.

Enfim, os homens e mulheres de nossos dias não sabem exatamente como devem agir, desconhecem sua função como homem ou mulher, e por causa disso sentem-se confusos e ansiosos.

A tendência da mentalidade prevalente hoje é anular as diferenças básicas entre homem e mulher, em especial no que diz respeito às suas funções. De modo geral, os homens não assumem uma posição clara, preferindo omitir-se. Simplesmente vão vivendo a vida sem assumir seu papel. E como o natural é que quando alguém se omite, outro acabe preenchendo seu espaço, as mulheres estão sendo levadas a ocupar as áreas que eles abandonam. O resultado de tudo isso são homens, mulheres e crianças frustrados, irritados, e um número cada vez maior de indivíduos em "crise de identidade".

E agora, em meio a toda essa "descaracterização", surge a ressonante tese do *Homem ao Máximo*, que ressoa como um sonoro tapa numa crise de histeria, um grito de desafio aos homens, ou um jato de água gelada na pele. Este livro não se limita a uma simples discussão retórica: entra em confronto direto com as questões que acabamos de levantar.

Sem fazer concessões e sem pejo algum, é um livro dirigido aos homens. Sabemos de muitas obras escritas sobre nós. Mas são muito raras as dirigidas a nós. Ele lembra a velha "conversa de homem pra homem", em que se discutiam questões como as virtudes masculinas; o cavalheirismo, o respeito às mulheres e crianças, questões essas associadas ao que se entendia por "homem feito". Ele nos ajuda a descobrir todo o nosso potencial, para vivenciarmos ao máximo nossa condição de homem. E chega em muito boa hora.

Com uma mensagem direta e penetrante, é um livro que chama às falas o homem moderno. É possível que alguns leitores fiquem tão irritados com as afirmações aqui feitas que provavelmente fecharão o livro com raiva, e o porão de lado. Outros terão vontade de mandar uma carta "malcriada" para o autor, dizendo-lhe certas verdades "que ele precisa ouvir".

Alguns ainda irão concordar com parte dos conceitos e princípios aqui esposados, mas não atenderão ao apelo dele, já que exige sacrifícios. Se esses

não tomarem a decisão de modificar-se, continuarão com os mesmos problemas. E ainda outros, apesar de lá no fundo concordarem com sua mensagem, vão se sentir intimidados pela "dura realidade atual", visto que as posições defendidas pelo autor batem de frente com os conceitos mais populares de nossos dias. Por causa disso, não encararão a verdade nele contida.

Entretanto alguns homens lerão este livro, concordarão com ele e porão em prática os princípios aqui apresentados. Isso vai revolucionar a vicia deles, a de sua esposa e sua família. E poderá revolucionar até toda a nação.

A Bíblia diz: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai... E assim se fez".

Ser do sexo masculino é questão de nascimento; ser homem é questão de decisão. Obrigado, Senhor, por nos teres feito da maneira como somos. E muito obrigado a você, Ed, por ter se empenhado em nos lembrar isso.

– Ben Kinchlow

Apresentador do programa Clube 700

.1.

Uma sentença forte

Felizmente a companhia de aviação "United Airlines" tinha um voo direto de Los Angeles a Eugene, no Oregon. Na ocasião, eu exercia quatro atividades ao mesmo tempo, tentando "controlar" – como um malabarista – diversas responsabilidades. Por isso, passava muito tempo em aviões e aeroportos. Então dessa vez fiquei alegre de não precisar fazer escala em Portland, Reno ou outro lugar qualquer, mas poder ir direto a Eugene, onde participaria de um retiro espiritual.

Era um retiro para homens, durante um final de semana. E no final de semana seguinte haveria outro ali mesmo, nas montanhas nevadas daquele estado. No intervalo entre um e outro, eu faria um voo rápido a Seattle onde pregaria também. Por fim, daria uma parada curta em casa, na Califórnia, e em seguida partiria de novo, para algum outro lugar.

Muitas de minhas mensagens e palestras – uma atividade tão sublime – eram alinhavadas numa poltrona de corredor de um jato. Grande parte do meu ministério era planejada naquele pequeno espaço que há entre um braço outro de um assento de avião.

Agora, enquanto a "United" me transportava a Eugene, procurei concentrar-me e predispor-me mentalmente a estudar.

Homens.

Somando-se os dois retiros, eu falaria a mais de quinhentos homens. Sabia que eles iriam ali na expectativa de ouvir alguma coisa que valesse a pena, que provocasse uma mudança de vida, alguma coisa que continuasse a ocupar-lhes o pensamento quando voltassem para casa, para o escritório, lojas, para as atividades de lazer. Desejavam alguma coisa que os ajudasse a atingir

todo o seu potencial como homens, para se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo.

Para falar a verdade, aqueles retiros eram até pequenos se comparados com as inúmeras reuniões em que eu tinha pregado, ou com o ministério de televisão que eu vinha desenvolvendo havia vários anos. Portanto não existia nenhuma razão especial para que esse evento representasse algo de excepcional.

Desejavam alguma coisa que os ajudasse a atingir todo o seu potencial como homens.

Entretanto, eu sentia com relação a ele um peso, uma seriedade, um senso de responsabilidade persistentes. Deus estava falando ao meu espírito. Principiava a conscientizar-me de que essa ida ao Oregon para falar em um retiro de homens constituiria um marco em minha vida.

Havia já várias semanas que eu vinha orando, pedindo a Deus que me desse a mensagem certa para aqueles irmãos. Imagens sobre o homem moderno me vieram à mente. A atual poluição moral vem desvirtuando o verdadeiro conceito de homem, a hombridade, que vai se desintegrando bem diante de nossos olhos. Comecei a compreender que era da maior importância que os homens se apercebessem do que está acontecendo e que tomassem alguma providência.

Deus não se agrada do jeito como as coisas vão indo.

O ronco dos motores do avião era quase como um fundo musical. Eu havia descido a bandeja do banco à minha frente para apoiar a Bíblia e meu caderno de anotações. Em profunda meditação, cheguei a esquecer *de* onde me encontrava. Alguma coisa acontecia em meu espírito. Sentia-me fortemente consciente da presença de Deus.

Lembrei-me de uma palestra que Campbell McAlpine, um conhecido expositor bíblico, havia feito em nossa igreja, algumas semanas antes. O texto bíblico em que ele baseara sua preleção ficara indelevelmente gravado em minha mente. Era como se aquela passagem tivesse ganhado vida para mim. Desde aquele dia eu vinha meditando nela e no quanto ela era importante para os homens.

Deus tem uma terra de bênçãos para o seu povo.

Campbell pregara sobre 1 Coríntios 10. Nos ver-

sos de seis a dez, Paulo menciona cinco razões por que os israelitas não puderam entrar em Canaã, a terra prometida.

Trata-se de uma verdade básica: Deus tem uma terra prometida, simbolicamente uma terra de bênçãos, para lodo o seu povo. Os israelitas perderam a oportunidade de entrar nela por causa de cinco pecados.

Contudo, para mim, o texto ganhou um novo significado, um sentido mais amplo do que o que eu vira antes. Ali esses pecados acham-se relacionados com o povo de Israel. Mas existe uma relação direta entre eles e o homem moderno. A Bíblia afirma que os israelitas foram "exemplos para nós".

Como esse texto se aplica ao homem de hoje?

Olhei para a Bíblia. Reli todo aquele capítulo de 1 Coríntios, meditando sobre as cinco razões que impediram Israel de entrar na terra prometida.

No ministério cristão, é muito importante dizerem-se as palavras certas, com a atitude certa, no momento adequado. E eu queria muito que a mensagem que iria entregar àqueles homens, nas montanhas do Oregon, fosse a certa.

De acordo com o texto, as razões do fracasso do povo de Israel são as seguintes:

- Cobiça;
- Idolatria;
- Imoralidade;
- Pôr o Senhor à prova;
- Murmuração.

Quando revia a lista de pecados que Campbell mencionara, senti que o da "imoralidade" se destacava dos demais. Comecei a lembrar de pessoas que eu conhecia – e que conheço – que não entraram na sua "terra prometida" devido a pecados sexuais.

Eram casais, homens, amigos, pregadores, deputados, senadores – gente de todas as camadas sociais; cristãos e não cristãos; santos e pecadores.

Alguns dias antes, um amigo meu da Califórnia viera conversar comigo.

"Sabe de uma coisa, Ed", falou à queima-roupa, "você precisa atacar fortemente essa questão da promiscuidade sexual. O problema é geral. Tem gente aí vivendo junto, sem se casar, e frequentando a igreja, achando que são cristãos!"

É, não somos nem um pouco melhores que os israelitas! Cometemos os mesmos pecados que eles cometeram.

Algum tempo atrás, estávamos tomando o café da manhã, quando minha filha disse algo que me estarreceu. Achávamo-nos sentados à mesa e eu comentei com minha esposa, Nancy, e minha filha, Joann, que me sentia cada vez mais preocupado com os problemas sexuais do homem moderno. Elas me ouviram atentamente, e depois Joann fez um comentário em que revelou extraordinário discernimento, resultante de seu convívio na faculdade e contato com o cristianismo.

"Papai", falou ela, "o senhor não sabe que os pecados sexuais vão ser o grande problema da igreja nos anos 80?"

Fiquei a olhá-la sem responder. Isso nunca me havia passado pela mente antes. Mas quando ela o disse, foi como se uma luz começasse a acender-se. Visualizei com clareza o estado de nosso povo: homens e mulheres, jovens e velhos, líderes e gente do povo – em todos os lugares. Depois enxerguei o mesmo com relação ao mundo. E compreendi uma coisa.

Há já algum tempo a fibra moral de nossa nação, de toda ela, vem sendo esgarçada. E a igreja não se acha imune ao processo. A sociedade está impondo seus costumes e ideias à igreja de Jesus Cristo.

E assim muitos estão sendo enredados nos pecados do sexo.

A pregação de Campbell. A palavra de sabedoria pronunciada por Joann. E a Palavra de Deus.

Levado pela "United Airlines", eu me encontrava cada vez mais próximo de meu destino e do retiro espiritual. De repente, comecei a escrever. Tive consciência de que o Espírito de Deus me inspirava e guiava-me a mão, enquanto ia escrevendo naquele caderno.

Terminei, e olhei para o que havia escrito.

Era uma sentença que eu nunca tinha visto antes – ou, se o tinha, não fora expressa do mesmo modo. Pelo menos, eu nunca dissera uma frase como aquela.

A sentença era tão forte que fiquei a olhar para ela por um bom tempo, sem saber quando, onde e para quem deveria proferi-la. Mas, subitamente, senti meu espírito como que dar um salto dentro de mim. Compreendi que seria naquela noite, para os homens que participassem daquele retiro.

Ela era forte demais para mim. Apesar de ser eu um pregador profeta, acostumado a profetizar para grandes multidões, nunca falara nada daquele teor.

Mas aquilo vinha de Deus.

Compreendi que teria de dizê-la.

Mas quando e como?

Numa situação dessas é de vital importância que se saiba o momento certo.

Era uma ordem que eu teria de proferir.

Em voz alta. Em público. Com autoridade.

E seria naquela noite, aos homens que participassem no acampamento Davidson, nos arredores da cidade de Eugene, Oregon.

Sem o respaldo do poder de Deus, poderia ser terrível proferi-la. Mas com a confirmação e a legitimação divinas, seria glorioso. Traria libertação a muitos.

Eu teria de dar a ordem.

Cabia a Deus legitimá-la.

.2.

Impedidos de entrar em Canaã

Naquela noite, em Oregon, no culto realizado numa igrejinha rústica, em meio a um bosque de pinheiros, chegou a minha vez de pregar. E eu sabia exatamente o que deveria fazer, o que deveria dizer. Não linha a menor dúvida, nenhuma incerteza.

Fitando aquele grupo de homens alheios a tudo o que se passava dentro de mim, senti um crescente senso de empolgação. Como sempre faço antes de pregar, pedi-lhes que ficassem de pé para repetirmos uma confissão de nossa fé cm Jesus Cristo e em seu Senhorio, e a orarem comigo o que costumo chamar "oração do consenso".

Em seguida, antes que eles se sentassem, olhei-os diretamente e transmiti-lhes a ordem divina.

"Se alguém aqui hoje estiver cometendo adultério, imoralidade, homossexualismo, incesto, masturbação, buscando prazer em pornografia, dando-se a fantasias sexuais ou qualquer outro tipo de pecado sexual, eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo de Nazaré que se arrependa e acerte seu relacionamento com Deus Pai, reconciliando-se com ele por intermédio de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo."

Durante um segundo reinou um profundo silêncio em todo o salão. Aquelas palavras, que, algumas horas antes, eu escrevera numa simples folha de bloco, agora percorriam o ambiente como um choque elétrico. Em seguida, num movimento rápido e conjunto, aqueles homens ergueram as mãos e se puseram a louvar e adorar a Deus. O Espírito Santo invadiu aquela igrejinha

das montanhas, desencadeando uma reação extraordinária a uma pergunta impiedosa, porém sincera.

Aqueles homens – empresários, pregadores, obreiros, jovens e velhos – estavam desejosos de que alguém lhes apontasse uma direção. Ansiavam por uma palavra de orientação; precisavam ouvir a voz de Deus, por mais severa que ela fosse.

Desejavam desesperadamente uma mudança de vida, queriam ver-se livres de suas dúvidas e indagações. Como o desditoso povo de Israel, hoje o homem sonha com uma terra prometida, com a sua Canaã. Anseia por uma existência caracterizada por força e energia, onde os problemas possam ser resolvidos, onde cessem os conflitos, e os relacionamentos sejam restaurados.

Aqueles homens ansiavam por uma Canaã.

Mas, antes de prosseguirmos, pensemos um pouco no significado de Canaã e o que seria ela para nós.

Para Deus, Canaã sempre foi o símbolo da vida humana vivida em todo o seu potencial. É o lugar onde as promessas divinas se cumprem, onde o povo de Deus atinge o máximo de sua capacidade, tanto a nível individual como coletivo. E isso envolve toda a sua vida – o espírito, suas emoções e seu corpo, inclusive seu casamento, seus filhos e sua atuação profissional.

Para Deus, Canaã sempre foi o símbolo da vida humana vivida em todo o seu potencial.

A Canaã do Antigo Testamento era a terra onde Deus queria que os israelitas vivessem após sua libertação do cativeiro egípcio. Ali eles viveriam pela fé, e o Senhor cumpriria todas as suas promessas.

Eu gostaria que o leitor entendesse claramente que Canaã é a terra da promessa, onde Deus quer que você viva pela fé, hoje. Ali ele vai cumprir todas as promessas que lhe fez, e ali você poderá atingir o máximo de seu potencial.

Xangrilá era ficção; Canaã é real.

Mas os israelitas não conseguiram entrar em Canaã. E não entraram devido às cinco razões mencionadas em 1 Coríntios 10. E são as mesmas razões que impedem os homens de hoje de chegarem à sua Canaã, a terra da realização pessoal. E, no entanto, Deus deseja que os cristãos tenham uma existência

tipo "terra de Canaã", nos seus negócios, no seu casamento, no relacionamento com os filhos, nos estudos, em tudo. Temos de reconhecer, porém, que não a temos. Não temos atingido o nosso potencial. E esse pode ser o seu caso, leitor, ou o de alguém que você conhece.

Aqueles mesmos cinco pecados básicos assediam o homem moderno, impedindo-o de desenvolver todo o seu potencial.

Esses pecados são os seguintes.

1. COBIÇA

A cobiça é a busca constante da satisfação de nosso ego às custas de Deus ou de outrem. É uma extrema preocupação ao com aquilo que nosso ego deseja, a satisfação ou gratificação dos desejos da carne.

Já o amor é algo próprio de Deus. O verdadeiro amor é sempre doador. Por natureza, ele sempre deseja satisfazer a quem ama. "*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito.*" (Jo 3.16.). Deus é amor. O amor é doador.

O amor é algo próprio de Deus. O verdadeiro amor é sempre doador.

A cobiça, ao contrário, quer receber. Sua tônica é basicamente o egoísmo.

O amor dá; a cobiça estende a mão e pega. A diferença entre os dois é a direção que cada um segue. Os israelitas cobiçaram o que haviam deixado para trás, no Egito. Fisicamente seguiam para Canaã. Entretanto, em seu coração, estavam retornando ao Egito. Eram mais amigos dos prazeres do que de Deus.

O amor dá; a cobiça estende a mão e pega.

É fácil saber quando a cobiça está nos dominando: quando desejamos satisfazer-nos às custas de outrem. Da mesma forma, pode-se saber quando é o amor que predomina: desejamos satisfazer o ente amado, mesmo que para isso tenhamos de sofrer alguma perda.

O homem casado que, no ato sexual, só se preocupa em satisfazer a si mesmo e deixa a esposa insatisfeita e frustrada, está sendo cobiçoso. O rapaz que afirma amar a namorada, mas que depois de satisfazer-se sexualmente a abandona, deixando-a enfrentar sozinha e desesperada a gravidez, na verdade

não a ama. O que sente por ela é apenas cobiça. Aquela que usa irresponsavelmente o cartão de crédito, acumulando dívidas que o marido não pode pagar, prejudicando assim toda a família, vive sob o domínio da cobiça. As empresas também cobiçam umas das outras. Até as nações cobiçam bens umas das outras.

Acredito que o sentido de cobiça está bem claro, e o leitor será até capaz de citar outros exemplos. Esse pecado, então, é um dos que impedem homens (e mulheres) de atingir todo o seu potencial.

2. IDOLATRIA

A idolatria é um sistema de valores que criamos, cm que damos mais importância a qualquer outra coisa que a Deus. Alguns interesses que podem se tornar ídolos para nós são: o poder, o prestígio, os estudos, o dinheiro, os negócios, a religião, a popularidade, o ego, a pornografia, etc. Há homens que se ajoelham diante do altar do seu trabalho; outros, no templo cios esportes e lazer. Ainda outros se curvam perante o som da caixa registradora. Há inclusive pastores que fazem do seu ministério um ídolo. Devotam-se tanto a ele que não têm tempo para adorar a Deus, aguardar na sua presença para ouvi-lo e ter comunhão com ele. E existem aqueles cujo ídolo é o seu televisor.

Todo tipo de pornografia é idolatria. Baseia-se na capacidade que o homem tem de criar fantasias ou imagens mentais que o satisfaçam, e com que pode ter prazer.

Certa vez, quando pregava em Phoenix, fiz menção disso. Uma senhora de lá me contou que se achava tão dominada pelas novelas de televisão, que criara uma série de fantasias sexuais, a que se entregava durante horas a fio. Depois, sentia-se tão esgotada que não conseguia ir para a cozinha preparar o jantar. E na opinião dela tal vício era pior que o alcoolismo.

O setor empresarial nos Estados Unidos, hoje, tornou-se, sob vários aspectos, uma atividade idólatra. Muitos empresários chegam ao ponto de sacrificar a família por causa do seu negócio.

Atores e atrizes também são idólatras: adoram a si mesmos. E verdade que qualquer um pode adorar a si próprio, mas os artistas são mais suscetíveis a isso, devido à adoração que recebem dos fãs.

A idolatria, portanto, é outro pecado que impede que desenvolvamos ao máximo o nosso potencial nos aspectos pessoal, conjugal, profissional e espiritual.

3. IMORALIDADE

O termo "imoralidade" designa todos os tipos de pecados sexuais. Pecado é sempre pecado, não importa o nome que lhe damos.

Em nossos dias, a imoralidade tornou-se popular. A promiscuidade sexual já é aceita em toda parte – menos na Bíblia. Não me admira que os homens queiram queimá-la, negá-la, ou crucificá-la. Mas ainda é a Palavra de Deus que revela o caráter de Deus, que estabelece para o homem o padrão de fé e as regras de conduta.

Os relatos bíblicos sobre essa questão, como, por exemplo, os de Sansão, Davi e outros, ensinam preciosas lições acerca das tristes consequências do pecado. E o mesmo se aplica ao homem de nossos dias. Muitos homens hoje conseguem desenvolver todo o seu potencial em algumas áreas, mas acham-se limitados em outras devido a pecados sexuais.

Solteiros e casados, jovens e velhos, todos acham-se dominados por desejos, apetites, paixões e tentações que causam sérios estragos em seu ser, impedindo-os de se tornarem como Deus deseja que sejam.

Sabemos de homens cujo ministério foi destruído, ou então se acha debilitado. Outros têm caráter fraco, ou pouco desenvolvido.

Deus afirma que os "vencedores" irão assentar-se com ele em seu trono. E vencedores são aqueles que concluem com êxito a carreira espiritual. Todo mundo tem oportunidade de entrar em sua Canaã, isto é, de cultivar ao máximo seu potencial.

Deus afirma que os "vencedores" irão assentar-se com ele em seu trono.

Os homens de Israel que praticaram a imoralidade morreram no deserto, e nunca chegaram a ver a terra prometida. E em nossos dias também muitas pessoas estão morrendo num "deserto" pessoal, atoladas no lodo moral, e perdendo as gloriosas bênçãos que Deus tem para elas.

Esse nunca foi o plano divino para o homem, nem naquela época nem no presente.

4. PÔR O SENHOR À PROVA

As multidões que por ocasião da crucificação de Jesus diziam-lhe que descesse da cruz, estavam pondo-o à prova. Pôr o Senhor à prova é pedir que ele faça algo contrário à sua vontade, ou ao seu caráter. E muitos hoje agem da mesma forma, cobrando de Deus outro meio de salvação que não a cruz.

Pôr o Senhor à prova é pedir que ele faça algo contrário ao seu caráter.

Quem não é correto nos negócios, e ainda cobra de Meus que o abençoe e lhe dê prosperidade, está pondo o Senhor à prova. Há gente que vive na promiscuidade, perfeitamente consciente de que está pecando; há filhos que rejeitam a orientação espiritual dos pais; cristãos que exigem que o pastor promova o crescimento da igreja com base em programas de ação social, e não na pregação da Palavra de Deus e na oração; outros desejam gozar dos benefícios da salvação e ao mesmo tempo viver nos prazeres do pecado. Tudo isso é pôr o Senhor à prova.

Esse foi um dos pecados que impediram Israel de entrar em Canaã.

E continua impedindo que muitos homens entrem em sua Canaã hoje.

5. MURMURAÇÃO

Em sua forma mais simples, murmurar nada mais é do que fazer uma "confissão negativa".

Queixar da vida, criticar outros, achar erro em tudo ou espalhar boatos são formas de murmuração. No quinto capítulo dessa mesma carta aos coríntios, Paulo fala sobre o "maldizente". Maldizente é aquele que difama outros, blasfema e usa de linguagem profana. Deus quer que ajamos com firmeza e disciplina para com tal indivíduo.

"Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!" (Tg 3.5)

A língua é assim. Basta uma pequena observação, um comentário crítico, uma tirada sarcástica para provocar um incêndio de ódio, inimizade e guerra. Ela arrasa relacionamentos, deixando após si desolação e cinzas.

Há homens que murmuram contra o patrão ou contra a empresa onde trabalham, e depois não entendem por que não recebem uma promoção. Cristãos murmuram contra o pastor, e não entendem por que os filhos não se convertem. Murmuram contra a Palavra de Deus e depois se queixam de sua fé ser improdutiva.

Não entram em Canaã.

Quando li esse texto e vi esses cinco pecados, compreendi claramente que eles continuam sendo a causa básica de os homens não atingirem todo o seu potencial. São os pecados básicos de toda a humanidade.

Deus quer que os homens entrem em Canaã, um lugar de descanso, de bênção, de sucesso, de capacidade e autoridade. Seu desejo é que todos estejam ali. Entretanto é evidente que os homens continuam vagueando pelo deserto, definhando-se por causa do pecado. E, por isso, nunca chegam a ser exatamente como Deus quer que sejam.

São cinco pecados básicos.

É evidente que os homens nunca chegam a ser exatamente como Deus quer que sejam.

A sentença que Deus me confiou quando viajava para o retiro espiritual no Oregon tinha a ver com um deles – a imoralidade.

Era uma afirmação muito forte, e surtiu um efeito fenomenal.

Duzentos e sessenta e cinco homens foram à frente, dispostos a arrepender-se de seus pecados, e expressando o desejo sincero de desenvolver todo o seu potencial como homens de Deus. Alguns choravam.

Era um grupo compacto, ali de pé, na presença de Deus. E o poder de Deus se manifestou com força tal que todos os presentes foram tocados ou experimentaram uma mudança de vida.

E agora faço o mesmo apelo a você que me lê. Se você estiver dominado por qualquer um dos pecados sexuais, que esta seja a hora do arrependimento e restauração. Permita que Deus, neste momento, opere em sua vida o mesmo que fez na daqueles homens. O desejo dele é que você seja como sempre quis ser.

Seja homem! (Ou mulher, se estiver lendo este livro.)

Os irmãos que foram àquele retiro são pessoas exatamente iguais a nós; têm os mesmos desejos, as mesmas indagações e problemas, e pelas mesmas razões não estavam vivendo no máximo de seu potencial.

Naquela noite, senti-me intensamente feliz. Vi o poder de Deus transformar vidas; vi homens crescerem espiritualmente bem diante de meus olhos. Foi maravilhoso!

Mas depois me senti condoído por milhões e milhões de outros indivíduos. Ocorreu-me que aqueles irmãos não eram os únicos a ter esse problema, nem eles nem os do outro grupo a quem eu iria pregar.

Sabia que havia muitos, muitos outros, que nunca iriam a um retiro, a um culto, a uma reunião num lar, nem a uma série de conferências. E no instante em que orava por aqueles irmãos, naquela igrejinha do Oregon, senti o Espírito Santo ordenando-me que continuasse a proclamar aquela ordem divina por toda a nação, tanto a cristãos como a não cristãos, em toda a parte, em vilarejos, cidades e comunidades.

Tal ideia era aterradora.

Mas eu sabia que fora precisamente para essa obra que Deus havia me preparado.

.3.

A síndrome da *Playboy*

— Estou com um problema, disse-me a jovem com ar acanhado.

Havíamos terminado uma reunião de oração realizada no horário de almoço de uma grande organização evangélica. Eu dera um breve estudo bíblico e encerrara a reunião, quando a moça se aproximou de mim pedindo que orasse por ela.

– Qual é o problema? Indaguei.

– Estou com um problema, repetiu ela meio sem jeito.

– É, repliquei, sem saber se ela me ouvira responder. E sobre o que deseja que eu ore?

Ela contraiu o semblante e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Não sei ao certo, respondeu gaguejante e mordendo o lábio. Mas estou com um sério problema.

– Minha irmã, falei com firmeza, mas procurando não ser ríspido, nosso Deus lida com fatos específicos e não com generalidades. Terei prazer em orar por você, mas preciso saber a natureza do seu problema para fazer uma oração específica. Ninguém mais vai ficar sabendo; só eu e você.

– Bom, é que na verdade não sei bem qual é o problema, explicou ainda meio hesitante. Só sei que meu marido afirma que tenho um problema.

– E o que seu marido aponta como sendo seu problema? Indaguei fazendo nova tentativa.

– Diz que não o compreendo, explicou afinal, dando a impressão de estar agoniada.

– E o que é que você não compreende?

De repente a moça desandou num choro incontido, que parecia vir do fundo de seu ser.

– Ele tem uma porção de revistas no criado-mudo, falou entre soluços. A *Playboy*, a *Penthouse*, e outras dessas com mulheres nuas. Disse que precisa olhar para elas antes de ter relações sexuais comigo; precisa disso para se estimular sexualmente, explicou em voz sufocada, e com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. Eu falei que achava que ele não precisa delas, mas ele respondeu que eu não o compreendo, que se eu o amasse entenderia por que ele precisa dessas revistas, e concordaria em que ele comprasse outras.

– Qual é a profissão de seu marido?

– É pastor; trabalha com jovens.

Fiquei parado, a olhá-la incrédulo, pensando no que acabara de dizer-me. Aquela irmã me dizia que seu marido era pastor, trabalhava com jovens, e tinha uma pilha de publicações pornográficas no criado-mudo.

– Seu marido pode ser pastor, respondi com calma, mas também é pornógrafo.

Ela ergueu a cabeça com um movimento brusco. Foi como se eu lhe tivesse dado um tapa no rosto. Nunca pensara que alguém pudesse afirmar que seu marido fosse pornógrafo. E, no entanto, pela sua conduta, ele o era.

Nesta nossa era moderna não temos mais pecados, não. Temos problemas. Adotamos uma visão psicológica do evangelho e nesse processo eliminamos a palavra pecado de nosso vocabulário.

Certa vez uma senhora me procurou com uma história muito triste. O marido, que durante muitos anos a maltratara bastante, afinal a havia abandonado e pedira divórcio. E ela, que era membro de igreja e havia vários anos se dizia cristã, agora achava-se sozinha,

Tempos depois, cedendo aos seus sentimentos, passou o final de semana com outro homem, numa cidade próxima. É que tinha “necessidades biológicas”, explicou. Agora estava em meu gabinete.

– Sabe o que você fez? Indaguei em tom severo. Ela levou um susto.

– Ahn... o que é? O que quer dizer?

– Você é adúltera, repliquei.

Ela arregalou os olhos e seu rosto avermelhou-se. Sentia-se ofendida comigo, por haver dito que era adúltera. Mas se havia cometido adultério, era adúltera.

Entretanto para ela aquilo não era pecado – apenas "um problema".

Hoje em dia não falamos mais sobre pecados; falamos sobre problemas. É mais conveniente chamá-los de problemas, porque não precisamos tomar nenhuma providência. Se alguém tem um problema, os outros sentem pena dele, ou adotam uma atitude compreensiva, ou então ele procura a ajuda de um médico ou psicólogo, e pronto. Mas se falarmos em pecado, aí já teremos de nos arrepender dele e abandoná-lo.

Não foi à toa que Freud quis acabar com essa palavra.

Nós modernizamos a linguagem bíblica, e nesse processo evitamos encarar nossos pecados. E com isso não tomamos as providências necessárias para a solução deles. De uma forma ou de outra, todos os nossos problemas são causados pelo pecado. Portanto, para a humanidade solucionar seus problemas, ela precisava de um Salvador. E foi precisamente por esse motivo que Deus enviou Jesus Cristo ao mundo, para morrer pelos nossos pecados, e propiciar-nos a solução de nossos problemas.

Nesta nossa era moderna, eliminamos a palavra *pecado* de nosso vocabulário.

A disciplina na igreja é fraca, frouxa, e em algumas congregações, inexistente. Mas o apóstolo Paulo foi incisivo nessa questão da disciplina.

Ele afirmou que se um homem se diz irmão, mas leva uma vida de pecado, não devemos manter comunhão com ele, nem mesmo almoçar em sua companhia.

Não podemos ter nenhum tipo de comunhão com ele.

"Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais." (1 Co 5.11)

E ao contrário do que poderíamos pensar, tal atitude não representa hostilidade, mas um gesto de amor. E que, assim como os céus são mais altos que a terra, assim os caminhos de Deus são mais altos que os nossos.

Quando Paulo escreveu aquelas palavras, ele expressou o pensamento de Deus quanto à questão da imoralidade. Se uma pessoa que se diz cristã vive impunemente em pecado e tem todos os privilégios de membro da igreja, ela não tem nenhum estímulo para reconhecer seu pecado, nem para confessá-lo e abandoná-lo. Para que modificar-se? Está vivendo em pecado e ainda assim é bem aceita pelos cristãos.

Na maioria dos casos, quem está em pecado admite no máximo que tem um problema, ou que se trata de uma Infelicidade. E se for submetido à disciplina, certamente vai protestar e reclamar.

A tristeza segundo o mundo é a que sentimos ao saber que nosso pecado foi descoberto. A tristeza segundo Deus é a que sentimos por haver errado. E ela vem acompanhada do desejo de remover esse pecado de nossa vida.

A tristeza segundo Deus é a que sentimos por haver errado e desejamos remover esse pecado de nossa vida.

Se o apóstolo vivesse em nossos dias, iria contestar os humanistas seculares modernos; iria atacar as cidadelas do pensamento moderno que dominam nossa mente e obscurecem a verdade. A existência de espíritos enganadores e ensinos de demônios é um fato incontestável, e sua operação em nosso mundo hoje é de fácil comprovação. Estamos sendo enganados, sendo levados a pensar que temos problemas e não pecados. As doutrinas modernas, fruto da mente de gente que não possui a vida de Deus, ensinam que não há nada errado comigo, nem com você. A verdade, porém, é que *"todos pecaram e carecem da glória de Deus"* (Rm 3.23).

Certa ocasião sai para tomar um cafezinho com um pastor que enfrentara grandes lutas em sua igreja, e quase fora obrigado a deixá-la.

O ministro de música* tinha se envolvido com o homossexualismo durante algum tempo, e alguns coristas tinham conhecimento do fato. E não só eles; várias outras pessoas o sabiam também.

* Pessoa com curso especializado em música sacra, e que na igreja exerce funções como: regente de coro, diretor de música, organista, etc. (Nota da tradutora).

Mas durante um bom tempo ninguém disse nada. Tinham esperanças de que alguma coisa acontecesse e a situação mudasse. Mas afinal o segredo "vazou", e acabou chegando aos ouvidos do pastor. Depois de orar muito e procurar apurar bem a verdade, o pastor afinal reuniu-se com o ministro de música para discutir a questão. O ministro confessou tudo. Então o pastor foi direto e objetivo com ele:

"Já que é assim, você vai ter de decidir: ou arrepende-se ou renuncia ao seu cargo."

O homem pesou bem as implicações e tomou uma decisão mais cômoda. Não iria optar por nenhuma das propostas feitas pelo pastor. Passou a buscar um relacionamento mais chegado com os membros do coro no intuito de conquistar a simpatia deles, e em seguida fez o mesmo com outros membros da igreja. Algum tempo depois, o pastor foi procurado por uma comissão de coristas.

– O senhor não está compreendendo bem a situação, pastor, disse o porta-voz do grupo. Ele está enfrentando um problema sério. Se nós lhe dispensarmos amor e compreensão, poderemos ajudá-lo a superar a dificuldade.

– *Vocês* é que não estão entendendo, replicou o pastor. Se lhe dispensarem amor e compreensão, e ele não precisar arrepender-se de seu pecado, nunca conseguirá superá-lo.

E assim a guerra foi declarada: Os membros da comissão passaram a influenciar outros membros da igreja, pondo mais lenha na fogueira, e levando alguns a se posicionarem contra o pastor, a quem acusavam de não estar agindo em amor. Instalou-se na igreja um clima de turbulência. Houve uma sessão tumultuada, e somente por intervenção divina o pastor foi mantido no cargo.

O ministro de música saiu, levando consigo muitos de seus simpatizantes. Depois disso, a igreja viveu um período difícil, mas Deus mostrou que a posição daquele pastor era a certa. Hoje, após enfrentar essa crise, ambos, igreja e o próprio pastor, se encontram mais fortalecidos.

A sabedoria humana tem mutilado a verdade do evangelho.

A sabedoria humana tem mutilado a verdade do evangelho.

No que diz respeito ao pecado, a diferença entre a sabedoria humana e a divina é que a primeira tende a encobri-lo. Foi o que Adão tentou fazer no jardim do Éden. Primeiro, ele o fez com um gesto simbólico, quando tentou ocultar sua nudez. Mas em seguida passou do símbolo ao fato: na tentativa de encobrir seu pecado, e justificar-se, jogou a culpa em Eva.

"Esconda-se. Ponha a culpa em outrem", diz a sabedoria humana.

E hoje a imperfeita sabedoria humana continua imperando. O "caso Watergate" é um clássico exemplo de encobrimento do erro em nossos dias.

Aquele pastor resoluto, ainda que abatido, não permitiu que a sabedoria humana e o sentimentalismo interferissem com a retidão divina. Não concordou em que se mascarasse o pecado, sob o nome de "problema". A psicologia behaviorista ainda não produziu um tratado que apresente soluções cabais para o problema do ser humano. Deus escreveu seu livro sobre salvação bem antes de esta começar a ser apresentada como uma forma de se "solucionar um problema".

Deus ordena que obedeçamos à sua Palavra. Ele não acata nada que contrarie sua soberana Palavra, por mais que esteja na moda. Ele não vê o menor valor na atual mentalidade social de que cada um deve viver como quiser. Aos seus olhos é abominação, e ordena – veja bem, ordena; não pede – que nos arrependamos e lhe obedeçamos.

Deus ordena – veja bem, ordena; não pede – que nos arrependamos e lhe obedeçamos.

Há uma enorme distância entre a sabedoria divina e a humana. O homem com sua sabedoria carnal elaborou seu próprio sistema de valores para satisfazer seus desejos. Olhando suas realizações, sua tecnologia espacial, seus finos ternos de corte elegante, publicações de alta qualidade como a *Time*, ele se julga muito sábio. Prega ou estuda filosofias que só levantam questões para as quais não têm resposta. Abraça uma ciência que zomba da criação, mas não oferece outra explanação, a não ser uma teoria não comprovada, que alega ser o homem o produto final de uma evolução das espécies.

"Quem entre vós é sábio e inteligente?" indaga a Bíblia. *"Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso..."* (Tg 3.13,14).

A conturbação mundial que vivemos – com lutas, conflitos e dificuldades – é produto de nossa arrogante sabedoria mundana.

E foi seguindo a sabedoria humana que toda uma geração de líderes passou a crer que quanto maior a dívida do país, melhor seria a condição de sua economia. Tal teoria levou os Estados Unidos à beira do caos econômico.

Toda essa sofisticação da sociedade atual, que se assenta sobre a sabedoria do homem, só tem trazido discórdia, sofrimento e, no fim, a destruição.

O fato é que, do Éden para cá, o homem não aperfeiçoou em nada sua natureza. É verdade que adquiriu mais conhecimento técnico, mas sua natureza continua a mesma. Afirmar que a humanidade está melhor porque possui mais tecnologia é o mesmo que dizer que um canibal aprimorou-se porque agora come com garfo e faca.

"A sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento." (Tg 3.17.) Essa é a sabedoria divina.

A sabedoria humana – que apregoa que cada um deve viver como quer – nunca irá conduzir-nos à terra de Canaã.

Enquanto não recebermos a sabedoria divina, nenhum de nós atingirá o máximo de seu potencial.

Isso é duro, mas é verdade.

Os namorados que vivem juntos sem ser casados, na realidade estão praticando a imoralidade.

O jovem de linguagem obscena na realidade é um maldizente.

Deus não é um esteticista da semântica. Ele fala a linguagem do homem. A Bíblia diz as coisas como elas devem ser ditas – pecado é pecado.

Não é fácil entregar uma mensagem dessas. Para que o evangelho fosse pregado, foi preciso que Jesus Cristo morresse. Essas verdades têm implicações eternas.

Certa vez, no Texas, ouvi uma piadinha sobre um texano que morreu e foi receber a retribuição de seus atos. Entrou pelo portão, parou e se pôs a

contemplar tudo detidamente. Instantes depois apareceu o guia que iria conduzi-lo à sua morada eterna. O texano virou-se para ele e disse:

– Companheiro, eu não sabia que o céu era tão parecido com o Texas.

– Não, meu caro, replicou o outro. Você não está no céu, não!

Essa historiazinha pode ser bem-humorada, mas tem seu lado aterrador. A pessoa que não busca em vida a solução para os seus "problemas", e passa à eternidade sem Cristo, não vai encontrar uma solução de última hora, não.

Aí ela irá reconhecer a seriedade do pecado – mas já será tarde demais. Seu pecado não será mais chamado de "síndrome" da *Playboy*, nem de "necessidade biológica", nem de "o problema" do homossexualismo.

Meus amigos, precisamos começar a encarar seriamente a questão do pecado como homens.

.4.

Dez ordens ou simples sugestões?

"Sei apreciar um homem. Gosto de ver um homem que é homem de verdade. Gosto de ver homens dignos, homens de valor e de caráter. Aprecio um homem de verdade."

Disse isso em uma reunião, anos atrás, em uma igreja da Califórnia. Já naquela época eu tinha um profundo interesse por essa questão da hombridade e do desenvolvimento do caráter.

"Não me agrada esse negócio de meios termos, meias palavras, de quem tem medo de desagradar os outros", prossegui em tom bastante eloquente. "Acho que o homem tem de ser homem."

De repente lembrei-me de que na congregação havia senhoras. Então, meio sem jeito, dei de ombros e me desculpei:

"Desculpem-me, senhoras, mas não está em mim. Sei apreciar um homem que é homem."

Uma senhora de cabelos grisalhos, que estava bem no meio do salão, levantou-se de súbito e exclamou efusiva:

"Amém, irmão! Eu também!"

Toda a congregação caiu na risada.

Infelizmente, a afeição que um homem e mulher sentem um pelo outro pode sofrer sérias transformações. Aquilo que cada um aprecia e admira no outro até o momento em que se encontram no altar, pode tornar-se detestável tão logo comecem a surgir as dificuldades naturais da vida.

Parece que as dificuldades ampliam os problemas.

E a solução que o casal moderno acha para o problema das dificuldades é a separação. A principal tendência do homem moderno é fugir. Ele simplesmente ignora os grandes imperativos bíblicos, e conclui:

"Quem sabe não tenho mais sorte no próximo casamento!"

Lembro-me de que anos atrás ouvi o Dr. Leland Keys falando sobre a facilidade com que o casamento é desfeito nos dias de hoje. E contou que um casal cristão estava se separando por causa de incompatibilidade de gênios: o nível de vida que ela desejava era incompatível com o que ele ganhava.

Mas os mandamentos de Deus são absolutos.

DEUS ORDENA QUE AMEMOS

O homem moderno confunde amor com desejo. Ele rebaixa o amor ao nível de mera função glandular, como uma reação que tem ao ver um decote ou uma minissaia. Nem toda paixão é necessariamente amor; nem todo amor traz consigo a paixão.

Pelos parâmetros divinos, o amor não é um sentimento. E por vezes nem proporciona uma *sensação agradável*. Mas o verdadeiro amor é sempre bom.

O amor nasce de uma decisão pessoal nossa. Por isso é um mandamento, e Deus pode ordenar que amemos.

De modo geral, o homem ocidental não se sujeita a mandamentos. Ou os evita ou então rebela-se contra eles. Tenho ouvido muitas e muitas pessoas, tanto homens como mulheres, dizerem:

Deus ordena que amemos. Seus mandamentos são absolutos.

"Não sei mais amar! Simplesmente não consigo sentir nada!"

Não é verdade!

Deus ordena que amemos. E nos dá os recursos para amarmos – os recursos dele.

Só conhecemos o verdadeiro amor quando o Espírito Santo derrama o amor de Deus em nosso coração. Para podermos amar, precisamos submeter

nossa vontade à de Deus, e deixar que o Espírito Santo derrame o amor de Deus em nosso relacionamento com outros. Por quê? Por que Deus ordena que amemos.

Certa vez, após uma reunião, eu estava parado junto a uma mesa, quando se aproximou de mim um casal com ar muito feliz. Estavam de braços dados e de instante a instante sorriam um para o outro. Então o marido contou-me o milagre que ocorrera com eles.

"Se algum dia o senhor precisar de alguém que confirme o que acabou de dizer, isto é, que Deus nos dá amor, pode chamar a gente", disse ele. "Nosso casamento é um milagre. Durante muitos anos, minha esposa viveu num verdadeiro inferno por minha causa. Eu era infiel, não tinha consideração por ela, minha atitude era ditatorial e egoísta. Achava que a missão dela na vida era proporcionar-me prazer. Ah, nós íamos à igreja, eu era regente do coro, e todos nos viam como uma família exemplar. Mas ninguém me conhecia na intimidade. Nem ela. Durante muitos anos, vivi de aparências. Mas afinal chegamos a um ponto em que ela não aguentou mais e resolveu me largar. Foi aí que 'acordei', e vi como eu era. Então mudei; ou melhor, o Senhor Jesus Cristo me mudou. Confessei-lhe meus erros e o modo como estava vivendo. Arrependi-me sinceramente, com a tristeza segundo Deus. Ele atendeu minha oração e me transformou."

"Mas aí minha esposa não me queria mais. Disse que o amor que sentira por mim havia morrido, e seria impossível voltar a amar-me. Percebi que ela não estava brincando. Só que agora eu cria num Deus que opera milagres. Então orei e comecei a amá-la no coração, e voltei a agir como nos tempos em que a namorava. E Deus me ajudou. Por fim ela concordou em fazer nova tentativa, já que no fundo cria ser errado divorciar-se".

"Passamos a orar juntos, a dialogar – e eu amando-a. Sabe de uma coisa? Hoje nós nos amamos mais do que antes. Sou literalmente deslumbrado com Deus. Ele tem poder mesmo para dar vida a algo já morto. Portanto, pode usar nossa experiência como prova de que, se Deus fez esse milagre para nós, pode fazer para qualquer outro."

Isso aconteceu numa reunião em Thousand Oaks, Califórnia. Esse casal ainda está por lá. E sempre que têm oportunidade dão testemunho de que o nosso Deus é um Deus que opera milagres!

DEUS ORDENA QUE NOS ARREPENDAMOS

Faz já algum tempo, fui entrevistado num programa evangélico, numa estação de tevê de minha cidade. Durante a conversa, comentei com os apresentadores que Deus me dera a incumbência de *ordenar* aos homens a que se arrependessem.

Deus é um Deus que opera milagres.

Instantes depois, durante o intervalo comercial, um dos apresentadores, com o microfone desligado, sussurrou para mim:

– Não, não, não! Aos cristãos, nós *ordenamos*; mas os incrédulos, nós *convidamos*.

– Não, não, não! Repliquei cochichando também. Atos 17.30 diz que Deus notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam.

Existe uma enorme diferença entre uma ordem e uma sugestão.

Quem recebe uma sugestão, tem a opção de acatá-la ou rejeitá-la. Mas quem recebe uma ordem não tem opção.

Ou obedece ou desobedece.

Quando Moisés subiu ao monte, recebeu de Deus uma lista de "Dez Sugestões"? Não. Foram dez *mandamentos*.

Os pregadores modernos, com essa mania de "psicologizar" o evangelho, insistem em que precisamos "convidar" as pessoas a aceitarem a Jesus. E é claro que, tendo a alternativa de rejeitá-lo, eles o rejeitam.

É como um adesivo que tenho visto em alguns carros, que diz: "Experimente Jesus."

Na verdade, a mensagem que estão tentando passar é: "Experimente Jesus; você vai gostar."

Podemos fazer isso com um refrigerante novo que acaba de ser lançado no mercado, com um alimento que nunca comemos – mas não com Deus. A ordem de Deus é que o "amemos", e não que "gostemos" dele. Ele diz: "Amai...".

Quanta petulância essa do homem moderno de insinuar: "É; vou experimentar esse Salvador Jesus. Se eu não me agradar, experimento outro."

Ou então dizer: "Vou me casar. Se não der certo, parto pra outra."

Como se a gente pudesse experimentar Deus, ou o casamento, do mesmo jeito que se experimenta uma roupa nova. Que insolência! Que atitude repulsiva!

Quem essa gente pensa que Deus é? Um velhinho trêmulo, sentado numa cadeira de balanço à porta da varanda celestial, fazendo rolar as eras, e deixando a Terra dar seus giros em torno do Sol?

Foi Deus quem criou tudo isso, inclusive eu e você. E é ele que sustenta tudo com sua presença atuante. Deus é todo-poderoso; sabe tudo e vê tudo.

Ele não está *sugerindo* que lhe obedeçamos, não.

Ele o *ordena*.

Ordena.

Como é que o Espírito Santo age?

Deus é todo-poderoso; sabe tudo e vê tudo.

Ele não se achega a nós e diz: "Quer fazer o favor de me obedecer?"

É mediante uma vida de obediência a Deus, o Senhor, que o homem atinge todo o seu potencial e Deus desenvolve ao máximo sua personalidade, seus talentos e caráter.

Satanás é um usurpador. Ele só vem para roubar, matar e destruir. Satanás e o pecado roubam tudo de nossa personalidade. Os viciados em drogas são um bom exemplo disso.

Satanás rouba-nos o caráter. Deus o desenvolve ao máximo de seu potencial. O inimigo pilha. Deus nos capacita e enobrece.

Obedecendo aos mandamentos de Deus, gozamos paz. A paz é de origem celestial. Só a obediência comunica paz. A desobediência a destrói. É por isso que o espírito de desobediência não entra no céu. Bastaria uma pessoa com o espírito de desobediência para aniquilar a paz. Uma tentou, Lúcifer. E Deus o expulsou. Nunca mais um desobediente habitará o céu; nem Lúcifer, nem nós, nem ninguém.

Obedecendo aos mandamentos de Deus, gozamos paz.

Tenho dois amigos muito queridos, Steve e sua esposa Gail, que moram na Califórnia. São pessoas maravilhosas. Seu lar é cheio de paz, alegria e amor. Mas por um breve período essa situação foi abalada.

Conheci Steve quando ele e um amigo, ambos corretores de seguros, bateram à minha porta para tentar vender-me um plano de seguro. Mas, em vez de falar sobre negócios, conversamos sobre as bênçãos que temos no Senhor Jesus. Depois desse primeiro contato, eles passaram a frequentar a igreja que eu pastoreava na ocasião.

Certa vez, uma de suas filhas teve uma enfermidade grave. Steve orou, e ela foi curada. E a partir de então ele tem demonstrado um profundo amor por Deus – a não ser num certo período. Foi um incidente que quase lhe custou o casamento, a família, a profissão – e a alma.

Ele trabalhava numa firma onde os namoricos entre colegas de trabalho eram coisa de rotina. Parece que as funcionárias já esperavam que os homens lhes dirigissem galanteios e gracejos, e eles tinham o maior prazer em não frustrar suas expectativas. Mas Steve foi um pouco além. Começou um flerte inconsequente com uma das moças; depois os dois tiveram um encontro, trocaram carícias mútuas, e por fim cometeram adultério.

Não conseguindo aplacar a consciência, ele decidiu abandonar a esposa e os filhos, e levar uma vida de licenciosidade. Mudou-se para um apartamento, e a pessoa com quem se envolvera foi morar com ele.

Mas a Bíblia diz o seguinte:

"As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável. Ele, porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno." (Pv 9.17,18).

Steve perdeu a paz interior.

Gail e as filhas ficaram arrasadas. Passaram muitas noites fazendo exames de consciência para ver o que tinham feito de errado, que enganos haviam cometido, como aquilo fora acontecer. Haviam todos perdido a paz. Ele, a esposa e as filhas; e por mais que se esforçassem não conseguiam reencontrá-la.

A desobediência trouxera confusão, sofrimento e dor. Acabara com a paz de todos.

Mas Gail conhecia a Deus. Confiava em sua Palavra, Tinha uma fé inabalável, persistente. Então, durante essa fase de lutas, ela passou muitas horas em oração, e buscou aconselhamento pastoral. Leu muito a Palavra de Deus para encontrar nela não apenas a promessa da restauração de Steve, mas também as mudanças a que ela própria teria de submeter-se para poder amar, perdoar e chegar à reconciliação. Era uma verdadeira mulher.

Afinal, um dia, Steve foi preso por estar dirigindo alcoolizado. Na cadeia, ele "caiu em si", como o "filho pródigo" da parábola narrada por Jesus. Com profundo arrependimento e sincera tristeza pelo seu pecado, na cela, ele clamou a Deus de todo o coração.

E o Senhor ouviu seu clamor e lhe perdoou. Assim que foi solto, Steve procurou a esposa para lhe pedir perdão e voltar ao seu lar e à sua própria cama. O processo de reconciliação não foi fácil para nenhum deles. Tiveram de orar muito e conversar longamente sobre o pecado dele e os ciúmes dela. Mas conseguiram. E afinal sua casa voltou a gozar a paz de Deus.

Hoje esse casal vive como se nada tivesse acontecido. Por isso mesmo usei nomes fictícios ao narrar essa história. Ainda os visito, porque os amo, e tenho prazer na companhia deles.

E é impressionante o número de casais que eles têm ajudado, inspirado, e levado à reconciliação.

DEUS ORDENA QUE CONFESSEMOS

Confessar para que seja removido de nós o pecado, e para que sejamos revestidos da justiça. Arrepender do pecado e ter fé em Deus são os dois pratos de uma mesma balança.

Um pecado não confessado não pode ser perdoado.

O pecado só sai de nossa vida pelos lábios.

Quem afirmou isso foi meu amigo Campbell McAlpine, e nunca mais me esqueci dessa verdade.

Quando falamos aos homens em seminários, é muito importante dizer às pessoas que não basta receber o perdão; é preciso também ser purificado.

"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." (1 Jo 1.9).

Muitas vezes tenho visto homens arrependerem-se de seus pecados e receberem o perdão. E saem felizes, da reunião, com sua condição espiritual. Mas depois de algum tempo, repetem o mesmo pecado e voltam a buscar o mesmo perdão. Deus opera da seguinte maneira. Primeiro ele nos perdoa e depois nos purifica para que sejamos libertos do pecado, e não continuemos a praticá-lo.

As pessoas estão procurando a verdade; estão desejosas de realidade.

Ao dar aconselhamento, precisamos ter a preocupação de expor sempre a verdade, e assim evitaremos uma atmosfera falsa. Contudo não basta dizer a verdade. Temos de falar a verdade em amor.

Deus nos perdoa e depois nos purifica para que não continuemos a praticar o pecado.

Conheço muita gente que diz as coisas com toda a franqueza, acreditando estar agindo corretamente. Depois, no entanto, na tentativa de dar impressão de que são muito espirituais, acrescentam: "Sou da opinião de que temos de dizer a verdade custe o que custar. Por isso sempre digo o que penso."

Por vezes tenho vontade de indagar: "E quem está interessado em saber?"

Em geral, esse tipo de pessoa pode até estar dizendo a verdade, mas raramente a diz em amor.

Por outro lado, há aqueles que têm medo de dizer a verdade. Receiam magoar os outros ou perder a amizade de alguém. Ainda não entenderam que a única maneira de demonstrarmos o verdadeiro amor é falar a verdade em amor.

Chamo esse desamor de *afeição exagerada*.

Vejamos um exemplo.

Suponhamos que estou pregando, e bem no meio do sermão alguém me entrega um bilhete dizendo que naquele momento está ocorrendo um incêndio na casa de certo irmão. Que devo fazer? Aquela pessoa corre o risco de perder tudo que tem. Mas se eu lhe der o aviso, ele irá ficar transtornado e talvez até bastante nervoso. A notícia pode deixá-lo muito contrariado. E como não quero que fique transtornado, nervoso e contrariado, não digo nada.

Mais tarde, após o culto, aquele cristão vem me procurar muito agitado.

– Pastor, minha casa incendiou-se toda.

Não basta dizer a verdade. Temos de falar a verdade em amor.

– É, respondo. Eu já sabia.

Ele me fita de olhos arregalados,

– Sabia!?

– Sabia, repito. Lembra-se daquele bilhete que me entregaram quando estava pregando? Pois é, era para avisar que sua casa estava pegando fogo,

– E por que o senhor não disse nada?

– Não disse, replico, porque sabia que o irmão iria ficar transtornado.

É um contrassenso! E, no entanto, estamos fazendo isso a toda hora.

Há mães que desejam o melhor para os filhos, mas acabam estragando-os com proteção exagerada. As mães de atores e modelos mirins são assim. Algumas sogras, na tentativa de ajudar os filhos, também podem prejudicar o casamento deles com esse tipo de afeição.

Os pastores amam sua igreja. Mas alguns assumem uma atitude de superproteção. Supervisionam tudo que acontece, exercem uma vigilância excessiva e acabam destruindo a comunidade.

Que insensatez! Muitas pessoas estão sem ouvir a Palavra de Deus, porque receamos falar-lhes sobre pecado e inferno; isso pode deixá-las transtornadas, incomodadas.

Nunca esqueço a ocasião em que enxerguei esse fato com grande clareza.

O fato ocorreu numa localidade da baía do Texas. O pastor da igreja onde eu estava pregando levou-me para visitar uma senhora que tinha câncer em fase terminal. O marido dela, capitão de um navio fluvial, era um homem grandalhão, com um porte físico que impunha respeito. Ele havia tirado licença de seu trabalho, fizera um empréstimo bancário, para passar o tempo todo junto da esposa, cuidando dela com muita ternura, amor e compaixão. Ficava dia e noite ao seu lado, tão grande era o amor que sentia pela doente.

O pastor pedira que eu fosse visitá-la em sua companhia, na esperança de que pudéssemos conversar com a mulher acerca do estado de sua alma e de seu relacionamento com Deus. Alguns anos antes ela frequentara a igreja, onde atuara ativamente. Mas, devido a um mal-entendido, que a deixara bem magoada, ela abandonou a igreja, abrigando uma profunda amargura no coração. E nunca mais fora aos cultos. A preocupação do pastor era que ela tivesse uma oportunidade de confessar a Jesus Cristo, e se assegurasse de que passaria a eternidade na presença de Deus, no caso de vir a falecer.

Quando chegamos, ela estava sentada na sala, numa cadeira de rodas. Achava-se muito enfraquecida, bem magra e malcheirosa. Mas procurou receber-nos bem e conversar, apesar de sua condição. Bastaram alguns minutos para eu perceber que ela parecia desejosa de que falássemos de Jesus. Tinha o espírito faminto. Contudo, assim que comecei a falar-lhe, o marido grandalhão colocou de leve a mão sobre o ombro dela, com atitude respeitosa, e disse em tom frio, mas firme:

"Ela é uma ótima pessoa; uma mulher excelente. Ela ama a Deus e Deus a ama. Já fez muito por aquela igreja, e ninguém melhor do que Deus sabe tudo que ela já fez."

Ele não queria que eu a levasse a fazer uma confissão de fé em Jesus. Tentava poupá-la de ter de arrepender-se de seus pecados. Assim, com aquela afeição exagerada, estava destruindo-a.

Lembremos que, para termos um genuíno arrependimento, precisamos experimentar a tristeza segundo Deus. A tristeza da carne ocorre quando somos surpreendidos no erro. Mas a tristeza segundo Deus acha-se ligada à causa do pecado.

A tristeza é um dos maiores mestres que podemos ter nesta vida.

"toda disciplina (castigo), com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico..." (Hb 12.11)

O que vem após a disciplina é que faz com que ela valha a pena.

Mas o melhor nisso tudo é saber que Deus nunca deixa de amar-nos.

Certa vez uma professora de escola dominical perguntou aos seus alunos:

Mas o melhor nisso tudo é saber que Deus nunca deixa de amar-nos.

– Deus ama o ladrão e o mentiroso?

– Não! Responderam as crianças em coro.

Errado! Deus ama ladrões, mentirosos, trapaceiros, assassinos, viciados, cafetões; ama os vaidosos, os arrogantes, os orgulhosos. Deus ama os pecadores, embora odeie o pecado.

Seu objetivo ao efetuar o sacrifício do Calvário foi livrar-nos de nossos pecados. A ira de Deus sempre recai sobre o pecado. Enquanto vivermos identificados com o pecado, estaremos debaixo de sua ira. Mas assim que experimentamos o novo nascimento, e nos identificamos com Jesus Cristo e com a justiça dele, não nos achamos mais debaixo da ira, mas, sim, da graça divina.

O objetivo do Espírito de Deus, ao operar em nós convicção de pecados, não é entristecer-nos (embora ela de fato nos cause tristeza). Seu objetivo é criar em nós a disposição de afastar-nos do pecado em toda a sua hediondez, para que Deus possa derramar em nossa vida o seu amor, graça e poder em medida cada vez maior.

Deus nunca deixa de amar-nos. E ponto final.

Lembro-me de que quando era garoto, minha mãe estudava numa escola bíblica em Los Angeles. Vez por outra eu ia com ela e com outros alunos da escola a uma zona boêmia da cidade, onde eles pregavam o evangelho. Mamãe, Annie, Erdine e outros pegavam seus violões, pandeiros e um grande tambor surdo, paravam numa esquina e ali tocavam, cantavam e pregavam, ministrando o evangelho aos piores elementos da sociedade.

Certa noite, todos cantavam o velho hino "Só no Sangue" (*Cantor Cristão* n.º 930 – nota da tradutora), quando um bêbedo de rua, imundo e mal vestido, aproximou-se de Annie. Era igual a muitos outros. Segurava entre os dedos amarelados de unhas sujas um toco de cigarro. Tinha os olhos baços, vidrados, estava muito sujo, e as roupas largas, evidentemente, eram de segunda mão. Exalava um forte mau cheiro de vinho barato.

O homem tocou no braço de Annie querendo falar-lhe, mas ela afastou-se, repuxando o braço. Ele tocou de novo e insistiu em chamá-la. Afinal a moça olhou-o para que ele dissesse logo o que queria. Os outros continuaram cantando.

"O que vocês estão cantando é muito certo", disse o homem com voz pastosa, rouca e arrastada. "Eu sei disso. Só o sangue de Jesus pode me limpar de pecados."

Fiquei a fitá-lo, ouvindo o que dizia, impressionado com aquela figura.

"Já fui diretor de um seminário", continuou ele. *"Sei tudo que estão falando. Mas sabe de uma coisa? Existe uma grande diferença entre ser alvejado por dentro pelo sangue, e ser apenas 'caiado' por fora."*

E em seguida saiu andando meio cambaleante. Mas suas palavras continuam gravadas em minha memória.

Ele fora apenas "caiado" por fora.

O pecado não confessado não é perdoado.

A sabedoria humana esconde; a divina expõe.

O homem "caia" por fora. Deus nos alveja e nos torna brancos como a neve.

.5.

Que rombo foi aquele na porta?

Meu filho Paul tinha acabado de tirar a carteira de motorista.

Eu chegara de uma viagem, e passaria um ou dois dias em casa antes de partir para outra viagem ministerial.

E meu filho fez um pedido que todo pai "adora" ouvir.

– Pai, me empresta o carro? Indagou-o.

– Para quê? Perguntei.

– Quero ir ao acampamento de Monte Lassen.

Logo me ocorreram à mente dezenas de razões para recusar o pedido.

– E um carro novinho, argumentei.

– Eu sei.

– Você tirou carteira há muito pouco tempo.

– Sei também.

– O acampamento fica a seiscentos quilômetros.

– Eu sei.

– O que o fez pensar que eu emprestaria o carro? Indaguei afinal.

– Bom, é que eu quero ir ao acampamento, replicou ele apenas.

– Você não vai pegar esse carro novo para ir a um ir a um acampamento que fica a seiscentos quilômetros de distância, falei.

– Ah, eu esqueci, falou ele. Preciso do cartão de crédito também.

– Não vou emprestar o carro, contrapus.

– Já faz um ano que estou dirigindo com a licença provisória, argumentou ele, o que, aliás, era verdade.

– Mas não adianta insistir, retruquei. Já disse que não, e pronto. E não se fala mais nisso.

Caso encerrado.

Paul virou-se e, sentindo-se frustrado e irado, bateu o pé com força. Desceu o corredor e foi para seu quarto.

Pegou a maçaneta da porta para abri-la, mas não a girou até o fim, e por isso a porta não cedeu.

Para ele que já estava irritado, aquilo foi a última gota. E não pensou duas vezes – deu um violento chute na porta, abrindo nela um enorme rombo.

Ele entrou e fechou a porta. Eu ainda me achava na cozinha, onde acabara de emitir aquele "decreto". Ao ouvir o barulho, senti uma onda de raiva.

"Eu ensino pra ele!" pensei.

Mas, naquele instante, o Espírito Santo interveio. Com voz suave e mansa, porém firme, sussurrou ao meu coração: *"Pais, não provoqueis vossos filhos à ira."* (Ef 6.4).

Numa fração de segundo, toda a minha atitude mudou. Fui dominado por forte tristeza e senti lágrimas de remorso brotarem-me nos olhos. Fui para a garagem, ajoelhei-me perante o Senhor, e pedi a Deus que me perdoasse pela maneira como tratara meu filho.

Quase uma hora depois, dirigi-me para o quarto de Paul. O Espírito Santo já me quebrantara.

Abri a porta quebrada, um triste lembrete de meu autoritarismo ditatorial (uma expressão tão grande quanto o pecado que encerra). Paul ainda estava

sentado na beira da cama, os cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto entre as mãos. Haviam se passado uns quarenta minutos após a discussão, e ele ainda tinha lágrimas nos olhos.

Sentei-me ao lado dele.

– Paul pequei contra você, falei em voz calma. Sou seu pai, mas provoquei-o à ira. Vim dizer-lhe que o amo, e peço-lhe que me perdoe.

Em seguida, entreguei-lhe o cartão de crédito e a chave do carro.

– Pode ir ao acampamento.

Ele foi. E nesse acampamento Deus falou profundamente ao seu coração. Ali ele foi chamado para o ministério cristão, e hoje é um dos mais importantes produtores de televisão evangélica do mundo.

Há um velho ditado que diz: "Homem que é homem, quando erra admite que errou". E vez por outra ainda o ouvimos, pois obviamente está certo. Quem não se dispuser a assumir a culpa de seus pecados e a pedir perdão, nunca será um verdadeiro homem.

Perdão é libertação.

Quando Deus perdoa nossos pecados, nunca mais nos acusa deles. Nunca mais nos lança em rosto. E como é bom saber disso!

As pessoas também precisam aprender a perdoar assim.

Certa vez, eu me achava em Cleveland, e no encerramento dos trabalhos um homem me pediu que eu orasse com ele, que fizesse a "oração do consenso", pedindo a Deus a salvação de seus dois filhos. Quando já íamos orar, ele disse:

– Ambos são alcoólatras, e tenho certeza de que se Deus os salvar, irá libertá-los da bebida. Assim as famílias deles não vão sofrer mais.

Já íamos inclinar a cabeça, mas parei, olhei para ele e pedi-lhe que olhasse para mim. Ele continuou cabisbaixo.

O ambiente estava meio barulhento e por isso repeti o pedido para que me desse atenção. Aí ele ergueu a cabeça num movimento brusco.

– O senhor foi alcoólatra? Indaguei.

Ele hesitou e não respondeu. Era cristão havia vários anos, e aquilo fora coisa do passado. Não desejava que lhe relembrassem o fato. Além disso, havia pessoas por perto, e confessá-lo seria embaraçoso. Mas insisti.

– O senhor foi alcoólatra? Perguntei de novo.

– Fui, respondeu em voz baixa.

– Na ocasião, seus filhos moravam em casa, com o senhor?

– Moravam.

– O senhor já lhes pediu perdão por eles terem tido de conviver com um pai alcoólatra, quando pequenos?

– Ah, eles já me perdoaram, replicou o homem.

– A questão não é essa, retruquei. O senhor já se sentou para conversar com seus filhos, e dizer: "Peço que me perdoem por ter sido alcoólatra e ter feito as coisas que fiz quando vocês eram crianças"?

O homem baixou os olhos.

– Não, respondeu.

– Estou disposto a orar com o senhor e concordar em pedir a Deus a salvação de seus filhos, mas só com uma condição.

– Qual?

– Que o senhor os procure e peça-lhes que perdoem seu alcoolismo, respondi e continuei a fitá-lo atentamente, esperando sua resposta.

Ele me olhou também e aceitou minha condição. Em seguida oramos.

Quando perdoamos a alguém um pecado cometido contra nós, o liberamos daquele erro. Mas se não perdoarmos o pecado, ele ficará retido. Isso é um princípio do reino de Deus.

Os filhos daquele homem detestavam seu vício. E nunca lhe haviam perdoado. E como não lhe perdoaram, retiveram o pecado do pai; tornaram-se

iguais a ele naquilo que detestavam. O ódio amarra o pecado a nós. Aqueles homens achavam-se amarrados ao pecado do pai.

Alguns anos atrás, preguei numa igreja presbiteriana em Washington D.C., e após o culto uma senhora veio falar comigo. Seus olhos estavam molhados de lágrimas, mas lágrimas de gratidão.

"Quero agradecer-lhe por sua mensagem", disse chorando.

E me relatou sua história. O marido pertencia aos altos escalões do governo do presidente Jimmy Carter, e era muito estimado pelos colegas. Tanto ele como ela eram pessoas cultas, refinadas, muito educadas e sofisticadas.

"Sempre me relacionei bem com todo mundo", continuou a dizer aquela senhora, "e sempre cultivei uma ótima autoimagem. Mas há cerca de um ano, comecei a ter problemas com minhas duas filhas. Não entendia a razão disso, e passei a questionar minha eficiência como mãe e até como esposa."

Na busca de soluções, ela passara a orar e a ler a Palavra de Deus. Nessa procura, ela viera a conhecer o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, e pouco depois seu marido tivera a mesma experiência.

"Quinze dias atrás", prosseguiu ela, "de repente me dei conta de que estava cometendo com minhas filhas os mesmos erros que minha mãe cometera comigo. E minhas filhas estavam reagindo comigo da mesma forma como eu agira com minha mãe. Sentia raiva de mim mesma pelo erro, mas não sabia o que fazer para corrigi-lo. Só hoje foi que entendi."

O culto daquela noite fora decisivo para ela.

"Hoje, pela primeira vez, perdoei à minha mãe pelo que ela me fez. E assim tirei esse problema de minha vida. Mas tenho certeza de que nunca conseguiria fazer nada por mim mesma. Precisava do auxílio do Espírito Santo. Agora", concluiu ela, "não vejo a hora de chegar em casa para falar com minhas filhas. Estou liberta do passado e não vou mais repetir aquele erro."

Ela tivera de perdoar o erro de sua mãe para que ela própria se libertasse dele.

Aliás, não faz muito tempo, estive numa igreja onde descobri que o mesmo princípio se aplica a igrejas.

Alguns anos antes, a congregação tinha tido fortes atritos com o pastor, que saiu dali deixando muita gente magoada e cheia de amargura.

Quando preguei nessa igreja, já havia passado por lá uma série de pastores. Todos chegavam com grandes esperanças e um sincero desejo de acertar. Entretanto, todos acabavam tendo problemas com o grupo e saíam. A Igreja experimentava sucessivos fracassos com pastores, simplesmente porque não havia ainda perdoado àquele primeiro pastor de anos atrás.

Quando não perdoamos a alguém um pecado cometido contra nós, carregamos conosco aquele erro. E, assim, acabamos repetindo com outros a mesma falha.

Em Charlotte, no estado de Carolina do Norte, havia um homem cujo sócio fugira com o dinheiro da firma, deixando-o com as dívidas. Ao invés de perdoar ao sócio, esse homem deixou-se dominar pelo rancor. E, por isso, continuou a ter problemas nos negócios. O problema só foi solucionado depois que ele se dispôs a perdoar ao primeiro sócio. Hoje ele goza de um sucesso econômico nunca experimentado antes.

Outra pessoa que teve uma experiência semelhante quando me ouviu falar do princípio do perdão foi um cientista que reside na Califórnia. Fazia já vinte anos que seu pai tinha falecido, e nos últimos quinze anos de vida dele os dois não haviam trocado uma palavra. Portanto, havia trinta e cinco anos que ele guardava aquele rancor.

O problema era que, fazia dois anos, ele estava sem conversar com a filha. Ela até se mudara para o Havaí para afastar-se dele. Naquela noite, ele se deu conta de que vinha cometendo com a filha o mesmo erro que o pai cometera com ele. E também sofria as consequências. O que deveria fazer? O pai já estava morto havia muito tempo.

Era preciso que ele perdoasse ao pai, apesar de já terem se passado tantos anos. Oramos, e aquele homem recebeu a libertação de que precisava. Naquela mesma noite, após, o culto, ele escreveu à filha uma longa carta. Nela, pedia-lhe perdão e revelava-lhe alguns fatos que a moça desconhecia.

Pouco tempo depois revi esse senhor. Contou-me que eles haviam se reconciliado e ele estava planejando viajar ao Havaí para ver a filha e os netos.

Muito pai acha que se reconhecer diante de um filho que errou para com ele e pecou contra ele, e se lhe pedir perdão, estará dando parte de fraco. Não é verdade.

Na realidade, está demonstrando que é homem de verdade. Perdoar e pedir perdão são um traço de quem é semelhante a Cristo.

Já está comprovado que a maioria das pessoas que maltratam os filhos também foi maltratada em criança. Mas o fato é que muitos assistentes sociais, orientadores pedagógicos e policiais desconhecem o princípio do perdão, ensinado por Jesus, e que é de importância vital para a vida humana.

O pecado não é hereditário.

O problema é que, não perdoando as ofensas sofridas, e retendo o pecado, os homens vão transmitindo-o de pai para filho, de mãe para filha, de uma geração à outra. Lendo a história da igreja, notamos que todos os avivamentos de que temos notícia proporcionaram às gerações que os experimentaram uma grande libertação. Nossa geração precisa de libertação. Você precisa de libertação.

Você está retendo perdão para com seus pais, sócios ou amigos?

Está vendo seus erros repetirem-se em seus filhos?

E um círculo vicioso que só pode ser rompido pelo perdão.

Harry Chapin, um primoroso contista e compositor, já falecido, escreveu a letra de uma música que expressa uma verdade contundente. Chama-se *Cat's in lhe Cradle* ("O gato está no berço"), e fala de um círculo vicioso que todos vivemos hoje em dia, e que precisamos romper.

Há questão de dias o bebê chegou.

Como todos os outros no mundo entrou.

Mas tenho contas a pagar, aviões pra pegar.

E quando eu estava fora, ele aprendeu a andar.

E antes que eu percebesse, já começara a falar.

Foi crescendo, crescendo, e disse:

"Papai, vou ser igual a você, sabe, igualzinho a você."

"Quando é que você volta, papai?"

"Não sei; mas não demoro, não.

E aí a gente vai-se divertir a valer."

Agora já me aposentei, e meu filho foi embora.

Liguei para ele outro dia para dizer:

"Gostaria de vê-lo, uma hora dessas."

"Se tivesse tempo, papai, como eu gostaria!

Mas esse meu novo emprego me toma muito tempo.

E as crianças estão gripadas.

Mas como foi bom o senhor ter ligado.

É, realmente, foi muito bom."

E quando desliguei me dei conta de um fato:

Meu filho saiu a mim.

Meu filho é igualzinho a mim.

. 6 .

Afetuoso, mas energético também

O programa *Clube 700* convidou-me para uma entrevista, e fiquei feliz de aceitar o convite. Alguns anos antes, eu estivera ligado ao programa como uma espécie de "conselheiro" do grupo. Então essa participação seria como uma visita a um velho lar, onde reveria e abraçaria amigos.

No dia em que compareci ao programa, os apresentadores regulares, Pat Robertson e Ben Kinchlow, haviam tirado uma semana de folga, e foram substituídos por um casal. Antes de se converter, esse casal tinha levado uma vida mundana. Mas, quando receberam a Jesus Cristo, dedicaram-se totalmente a ele. Isso revolucionou toda a sua existência. Hoje trabalham incansável e entusiasticamente pela causa do Senhor.

Sinto grande admiração pelos dois.

Naquele dia, porém, tivemos uma discussão séria, ainda que amistosa.

E ela se deu num programa ao vivo, perante milhões de telespectadores.

O produtor-executivo do programa me convidara para falar sobre o ministério para homens. Durante a entrevista, mencionei o princípio do equilíbrio que é o segredo de tudo.

– E como o equilíbrio é o segredo de tudo, falei, os homens precisam aprender que é possível sermos afetuosos e durões ao mesmo tempo.

A apresentadora piscou e franziu a testa. Não gostou da palavra que empreguei, e teve uma reação imediata.

– Meu marido nunca seria "durão" comigo, disse, e se o fosse, eu não gostaria nem um pouco.

– Entretanto, contrapus com o máximo de diplomacia, o homem tem de ser o chefe da casa, e nessa condição às vezes ele precisa ser enérgico. Eu não disse rude, e, sim, enérgico.

– Mas, insistiu ela, é preciso que haja igualdade entre o homem e a mulher.

A liderança que o homem exerce no lar exige que ele aja com afeto e firmeza ao mesmo tempo.

– Concordo, retruquei, mas o homem tem de estar à testa, e...

E novamente ela me interrompeu. É possível que em casa ela mantivesse uma posição de igualdade com o marido, mas ali no programa, naquele momento, estava assumindo a liderança. Contudo essa verdade é imutável: a liderança que o homem exerce no lar exige que ele aja com afeto e firmeza ao mesmo tempo.

É preciso manter o equilíbrio.

Com os filhos, a disciplina deve ser contrabalançada com recompensas pelos acertos; a vara, com carinhos no momento devido; e a correção, com elogios.

É possível que no passado os pais, educadores, líderes e políticos, de modo geral, tenham errado por terem sido duros demais. Mas hoje se excedem na brandura, o que está prejudicando toda a sociedade. Há momentos em que precisamos aprender a ser duros inclusive com nós mesmos.

Ao vivenciar nossas afeições, desejos e apetites temos de fazê-lo com disciplina. Até mesmo o amor precisa ser disciplinado; senão corremos o risco de amar algo que pode destruir-nos.

E exercitar disciplina exige energia.

Eu e minha esposa tínhamos uma amiga que perdeu o marido. Os dois se amavam muito. Mas após a morte dele essa senhora continuou a amá-lo de forma doentia, recusando-se a ser consolada. Manteve a casa do mesmo jeito de quando o marido vivia; não modificou nada, e referia-se a ele sempre no presente. De fato ela o amava demais.

E esse amor a destruiu.

Até mesmo o amor precisa ser disciplinado; senão corremos o risco de amar algo que pode destruir-nos.

Nossa amiga não conseguiu disciplinar suas emoções e pensamentos, e se negava a admitir para si mesma: "Ele morreu". Deveria ter começado uma vida nova, ou ter deixado que Deus o fizesse por ela; mas não.

E essa mulher que antes tinha muitas amizades, um marido amado e uma vida plena, em pouco tempo perdeu tudo. Restaram-lhe apenas as lembranças e um guarda-roupa cheio de roupas. Confinou-se no isolamento e solidão que ela própria criara.

Toda aquela afeição acabou tornando sua vida bem mais difícil.

Jesus é um perfeito exemplo de equilíbrio entre a ternura e a energia.

Ele demonstrou afeição em suas pregações, em suas curas, ao confortar as pessoas, e ao morrer na cruz.

Mas, o mesmo Jesus que tomava criancinhas nos braços, pegou um chicote de cordas e expulsou do templo os cambistas. Alguns quadros que tentam retratar Jesus estampam uma fisionomia afeminada, uma imagem errônea do verdadeiro caráter daquele que era ao mesmo tempo Filho do homem e Filho de Deus.

Ele foi um homem de liderança firme e destemida, que derrotou Satanás, expulsou demônios, deu ordens à natureza e censurou os hipócritas. Era detentor de um caráter nobre, com todas as virtudes possíveis, um caráter que o mesmo Espírito Santo que habitou nele pode recriar em nós.

Deus deseja reproduzir esse caráter masculino em todos os homens.

Que tipo de caráter?

Um caráter semelhante ao de Cristo.

Semelhança a Cristo é sinônimo de hombridade.

E é sinônimo também de ser mulher em todo o potencial. Quando a vida de Jesus se manifesta em uma pessoa, ela atinge o máximo de seu potencial. Sua personalidade e caráter se desenvolvem em plenitude.

O ponto máximo a que alguém pode chegar é ser semelhante a Jesus. Deus estabeleceu todas as coisas de forma a atingir esse objetivo supremo – tornar-nos semelhantes a Cristo, imprimir em nós a imagem dele.

E já que para sermos semelhantes a Cristo precisamos possuir certa medida de firmeza, temos de ser enérgicos para nos tornarmos homens de fato.

Aprendi o que significa verdadeira hombridade com o Dr. C. E. Britton, um "príncipe dos pregadores". Na infância, ele sofrerá uma lesão na espinha, e, em consequência, tinha menos de um metro e meio de altura. Entretanto, a despeito de sua baixa estatura, o Dr. Britton era um grande homem, que pastoreou a igreja *Bethany Church*, de Alhambra, Califórnia, por mais de quarenta anos. Foi um dos homens mais notáveis que conheci. Sofria dores constantes, mas isso não o impediu de, com dedicação, discipular outros que também se tornaram extraordinários homens de Deus. Estes igualmente tiveram ministérios gloriosos inclusive de alcance internacional.

Certo domingo ele pregou sobre Lucas 13. Disse que assim como um agricultor espera achar figos numa figueira, assim também Deus espera que nossa vida dê fruto. Ele opera continuamente em nosso interior, visando à produção de frutos visíveis. E como pertencemos a Deus, ele tem todo o direito de esperar que nós, homens, produzamos fruto.

Esse fruto é "hombridade".

Tudo que Deus planta tem de dar fruto, pois é com essa expectativa que ele o planta.

A laranjeira produz laranjas. A parreira produz uvas. A figueira produz figos. Ninguém colhe limão de uma parreira, nem figos de uma laranjeira.

Homens, Deus criou-nos como homens e colocou dentro de nós o seu Espírito. Agora espera colher em nossa vida este fruto: hombridade.

O que acontecerá se não deixarmos que tal caráter seja produzido em nós?

Em Lucas 13, Jesus diz aos discípulos que, se depois de algum tempo a árvore não der fruto, ela será cortada.

Em João 15.2, ele faz basicamente a mesma afirmação: "Se um galho não der fruto, pode-o". Esse mesmo princípio aplica-se a nós. Deus coloca à nossa disposição, por intermédio de Jesus, os elementos nutrientes da graça, do amor e da verdade. Quem rejeitar a salvação que ele oferece será cortado por toda a eternidade. Estamos diante de uma escolha: ou damos frutos ou seremos cortados. Esse princípio de reprodução aplica-se a todas as áreas da vida.

Certo empresário achava-se à beira da falência, e contratou um amigo meu para fazer uma auditoria da empresa e ver o que deveria ser corrigido para reverter o curso da situação. Após o exame, esse analista apresentou um relatório que, tenho certeza, aquele empresário não esperava.

O problema era causado por sua parentela. Ele empregara na firma alguns parentes, mas eles não trabalhavam como deviam. Estavam acabando com o negócio dele. Mas como a questão era muito delicada, ele não poderia chamar a atenção dessas pessoas, nem despedi-las. E a empresa acabou indo à falência. E, no entanto, ele poderia ter aquele negócio até hoje. Bastaria que tivesse dito aos parentes:

"Quem não produzir será despedido."

A afeição pesou mais na balança do que a firmeza.

Algumas igrejas são assim também. Às vezes determinada pessoa ocupa um cargo durante anos e anos, sem realizar nada, e mesmo assim é mantida nele por motivos sentimentais. Sei de uma igreja onde o período de louvor é um problema sério. O pastor diz que às vezes tem vontade de chorar pela maneira como os hinos são cantados: de forma arrastada e sem vida. Mas sente que não poderá fazer nada, pois a organista, que causa o problema todo, já está encarregada do louvor há vinte anos, e ninguém ousa tirá-la dessa função. Além disso, muitos dos membros da igreja são parentes dela.

O que o pastor deveria fazer era conversar com essa senhora e todos os seus parentes, e, com atitude de amor, dizer-lhes:

"Ou vocês fazem a coisa direito, ou serão cortados."

O "arrependimento de obras mortas" de que fala a Bíblia não significa apenas largar as obras da carne para permanecer em Cristo, não. É referência também a um princípio do reino de Deus cujo sentido e aplicação são bem

mais amplos. Se fazemos algo que não é produtivo, lidamos com obras mortas. Precisamos arrepender-nos, e abandoná-lo. Em seguida, temos de dedicar-nos a algo que seja produtivo.

As mulheres desejam que o marido tome decisões. Mas, não que o façam como um ditador, e, sim, como um líder.

Não retenhamos nada que seja obra morta, apenas por questões sentimentais.

Muita gente anda por aí carregando fardos desnecessários, só por apego sentimental. Na verdade, detestam tais pesos, e sua vontade seria largá-los, mas não o fazem por sentimentalismo.

O reino de Deus se assenta sobre a verdade, e não sobre os sentimentos humanos.

E é assim também que se tomam decisões.

Uma característica do verdadeiro homem é justamente a capacidade de tomar decisões.

Todos os homens de sucesso que conheço são indivíduos que souberam tomar decisões.

Anos atrás, quando eu trabalhava na *Christian Broadcasting Network* (Rede cristã de televisão), tinha inúmeras oportunidades de conversar com o pessoal, dar aconselhamento ou simplesmente bater um papo amistoso. Muitas vezes acontecia de eu estar no almoxarifado e ir para a suíte presidencial. Só que, na época, não era de fato uma suíte; era mais um cubículo de trabalho. E na ocasião muitas vezes eu era um dos primeiros a tomar conhecimento das decisões tomadas.

Naquela época, a CBN trabalhava também com produção musical – apresentava e publicava boa música. Para isso, mantinha uma produtora interna chamada *Housetop Records*. O objetivo da existência da gravadora era, naturalmente, produzir músicas e músicos, mas também ganhar dinheiro. Com os lucros, pretendiam subsidiar alguns aspectos do *Clube 700*. O problema era que ela não estava dando lucro.

Então contrataram um analista de custos para empreender um exame e estudo profundos da *Housetop*. Depois de examinar bem os relatórios, a situação financeira e de fazer projeções para o futuro da empresa, ele elaborou um relatório sucinto, mas completo, e entregou-o a Pat Robertson.

Pat estudou-o com atenção, constatou o déficit, o rombo nas finanças da CBN, orou e tomou a decisão. O déficit era grande, e a possibilidade de eles obterem lucros, bastante remota. Tomada a decisão, ele orou de novo. Pat compreendeu exatamente o que tinha a fazer, mas queria ter certeza de que o estava fazendo da maneira certa.

Antes de divulgar a decisão, ele levou o relatório para casa, para estudá-lo durante o final de semana.

Na segunda-feira pela manhã, sem a menor hesitação, Pat Robertson preparou um *memorandum* com os seguintes dizeres:

"A partir desta data não existe mais a *Housetop Records*."

Uma decisão desse tipo é sempre seguida de um período de desconforto, com a despedida de funcionários, remanejamento de pessoal, etc. Mas pelo bem do ministério, ela tinha de ser tomada. Se deixassem a situação continuar, toda a obra poderia ter sido prejudicada.

Jesus disse: "O que não der fruto, corte-o".

Pat precisou exercitar certa dose de coragem e frieza para tomar a decisão. Mas, se diante das opções, ele se tivesse deixado levar pelo sentimentalismo, poderia ter provocado a perda de milhões de dólares de ofertas que eram recursos valiosos para o reino de Deus.

Coragem de tomar decisões. Firmeza. Liderança.

São as características de um homem de verdade.

Há momentos em que todo homem precisa ser duro.

Meus filhos sabem que eu sei tomar decisões, já tomei muitas, e que uma vez decidido não arredo pé. Mas há momentos em que a situação pode até ser engraçada.

Estávamos em St. Louis para a realização de um trabalho em que estariam reunidas igrejas de alguns estados do meio-oeste norte-americano. Como coordenador do evento, minha missão era conseguir que duzentas igrejas unissem seus esforços no mesmo sentido. Só isso? Precisei trabalhar seis meses para realizar essa façanha.

Na semana de realização do evento, minha família foi a St. Louis participar nele comigo. Tínhamos centenas de obreiros auxiliares e milhares de participantes. Todos pareciam estar gostando imensamente de tudo; todos, menos eu. Tinha de supervisionar as atividades, verificar cada detalhe, enfim, era o responsável para que tudo desse certo.

E para culminar, eu, minha esposa e as duas filhas estávamos hospedados no mesmo quarto de hotel. Sentia-me supertenso.

Certo dia, já no meio da semana, as meninas começaram a discutir sobre o que iriam fazer, e aonde iriam. Afinal fiquei irritado com aquilo. Virei-me para elas, e disse em voz alta e firme:

"Lois, você vai ao monumento do Arco, e você, Jô, fique aqui com sua mãe. Vou trabalhar e não quero ouvir mais nem uma palavra sobre essa questão!"

Elas já conheciam aquele meu tom de voz, e me ouviram caladas. Peguei minhas coisas para sair, mas assim que comecei a girar a maçaneta, lembrei que ainda não tinha feito meu devocional naquela manhã. Voltei apressadamente, peguei a Bíblia, li alguns versículos e me ajoelhei ao pé da cama para dar "Bom dia!" para Deus. Depois de alguns instantes, percebi que alguém estava de pé, ao meu lado, e compreendi que não era precisamente o Senhor.

Ergui a cabeça devagar. Era minha esposa que tinha na mão a escova de cabelo e me olhava com expressão significativa. Calmamente contemplava minha figura ajoelhada ao pé da cama. E em tom suave indagou:

"Você está pedindo ou ordenando?"

Em seguida virou-se e foi saindo silenciosa. Eu e as meninas caímos na gargalhada, e a tensão se dissipou.

As mulheres desejam que o marido tome decisões. Mas não que o façam como um ditador, e, sim, como um líder. Existe uma enorme diferença entre uma situação e outra. O ditador toma decisões com base em suas preferências pessoais, objetivando satisfazer desejos egoístas. O líder toma decisões com base no que é melhor para seus liderados.

As nações, as famílias, as mulheres e as crianças precisam de homens que saibam tomar decisões. Nem toda decisão é a mais acertada, mas não dei-

xa de ser decisão. O próprio fato de não se tomar uma decisão já é uma decisão.

Anos atrás, ouvi um amigo meu dizer que quem fica em cima do muro acaba caindo, e corre o risco de se machucar. É uma posição bastante perigosa.

A indecisão cria instabilidade.

Dizem as Escrituras que o homem de ânimo dobre é *"inconstante em todos os seus caminhos"* (Tg 1.8).

Criar alternativas para uma decisão revela falta de confiança nela. Quando percebemos que uma decisão foi errada ou falha, o melhor a fazer é reconhecê-lo, arrepender-nos do erro, aprender com ele, e seguir em frente.

Quem não se perdoa depois de Deus já havê-lo perdoado, está querendo ser melhor do que ele. Esquecer o passado de forma sábia é sinal de maturidade. Isso é essencial àquele que deseja ser um verdadeiro homem. Por outro lado não é justo exigir que nos perdoem quando vivemos incorrendo no mesmo erro. Mas, assim que nos perdoarem, precisamos esquecer o fato. Esquecer não significa apagá-lo da lembrança; significa nunca mais levantar a questão.

Quem não se perdoa depois de Deus já havê-lo perdoado, está querendo ser melhor do que ele.

É errado viver chorando sobre o leite derramado, cheio de remorsos, lamentando os erros do passado. Guardar os erros do passado em si já é um erro.

Em seu livro *The Battle is the Lord's* ("A batalha é do Senhor"), Owen Carr, o fundador da estação de tevê evangélica de Chicago, relata como seu pai, homem de temperamento cético, reagiu quando o filho lhe disse que pretendia dedicar-se ao ministério cristão. Disse ele: "Se entrar nisso, não saia! E se for para sair, é melhor não entrar!"

Os homens precisam assumir plena responsabilidade por suas decisões.

Aceitar plena responsabilidade é a maior prova de maturidade. E a maturidade é o aval do verdadeiro homem.

De modo geral, pensa-se que a maturidade vem com a idade. Não é verdade. Com a idade, envelhece-se. Adquirimos maturidade assumindo responsabilidades, em todos os aspectos da vida.

O segredo do sucesso em qualquer atividade é assumir responsabilidade pelos erros cometidos. Só pode gloriar-se de seu sucesso, aquele que se dispuser a assumir igualmente seus fracassos. Isso aplica-se aos negócios, ao casamento, e a tudo na vida.

Não devemos nos assustar com os altos índices de fuga de crianças. É um fato muito triste, mas não deve surpreender-nos. Os filhos que fogem de casa, na verdade, estão simplesmente imitando os pais que fogem – na maioria dos casos, o pai. Quando eu fazia parte cio Comitê da Criança e do Adolescente, no estado da Califórnia, soube que havia nele quatrocentas mil mulheres que criavam os filhos sozinhas, por abandono do marido.

Esses quatrocentos mil californianos não conseguiram ou não quiseram assumir sua responsabilidade de maridos e pais, e preferiram "fugir". Portanto não foram coerentes com os "votos matrimoniais".

Antigamente, divórcio era quase um palavrão; hoje virou moda. Seja o que for, não passa de uma cortina de fumaça com que se tenta encobrir o fato de que alguém está fugindo de uma responsabilidade.

Muitos homens ficam trocando de esposa, mudando de um lugar para outro, acreditando encarnar assim a figura do "machão". A capacidade de procriar não é necessariamente prova de hombridade. Aliás, muitos desses indivíduos são imaturos, infantis, superficiais, são meninos no entendimento. São pessoas fracas, sem raiz, e sem caráter.

Há homens que aos dezessete anos já são maduros; outros, nem aos setenta amadureceram.

Um dos grandes problemas de nossas igrejas é que nelas há muitos homens imaturos. Infelizmente tais indivíduos estão abandonando a liderança espiritual, deixando-a nas mãos das mulheres. Depois de haver passado a elas as rédeas da disciplina no lar, agora tentam livrar-se também de sua responsabilidade na igreja. Em várias congregações são as mulheres que exercitam os dons espirituais, são elas que ensinam, que organizam e lideram os trabalhos, que dirigem o louvor e adoração ao Pai.

As mulheres podem ser espirituais; mas a força sempre vem do homem. A força de uma igreja, de uma família, de uma nação vai depender da força de seus homens.

Homens, vocês são responsáveis.

Não há como escapar disso.

O que Deus requer dos homens é que todos sejam homens de verdade.

Quando um homem nasce de novo e seus pecados são perdoados, passa-se um apagador no quadro negro de sua vida; seu coração é purificado. Mas Deus ainda tem de gravar seus mandamentos naquela lousa limpa e nova. Esse cristão precisa ler a Palavra de Deus e comungar com o Pai através da oração. Precisa viver no Espírito. Seu novo coração é como as tábuas de pedra lavradas por Moisés, em que Deus escreveu sua lei. À medida que estudamos e meditamos na Palavra de Deus, o Espírito Santo vai gravando-a em nosso coração.

Aquele que já se converteu há muitos anos, mas até hoje só decorou João 3.16, é tão imaturo quanto o que recebeu a Cristo ontem.

O fato de ter sido salvo não fez muita diferença em sua vida. Ainda se acha bem distante da sua "Canaã". Ele nem começou a desenvolver seu potencial de homem, em Jesus Cristo.

Via de regra, a imaturidade espiritual o leva ao pecado, à imoralidade, a uma conduta antiética e a sucumbir a nina imensa gama de tentações. Ele nunca se aprofundou na Palavra. Não aprendeu os textos bíblicos que nos tornam sábios e nos orientam na escolha de nossos atos, do tom de nossa conversa, das atitudes que devemos ter e dos fundamentos de nossa consciência.

Quanto maior for a quantidade da Palavra que tivermos absorvido, mais semelhantes a ela e a Cristo seremos. Mas para isso precisamos absorvê-la no espírito.

Por outro lado, quanto menos da Palavra tivermos absorvido, menos semelhantes a ela e a Cristo seremos. É um princípio elementar, mas que mostra se o crente é adulto ou criança na fé.

Hombridade e semelhança a Cristo são sinônimos.

E vamos repetir isso aqui várias e várias vezes, pois é verdade. Só poderemos ser grandes na medida em que experimentarmos em nossa vida a grandeza de Cristo. Foi essa a razão que levou João Batista a afirmar: *"Convém que ele cresça e que eu diminua"*. E é a razão por que devemos deixar que Deus produza em nós o fruto da hombridade.

A parábola do filho pródigo é a história da própria humanidade. Quando aquele moço "caiu em si" e regressou à casa do pai, este lhe perdoou, purificou-o e devolveu-lhe a posição que por direito lhe cabia.

Assim que ele assumiu a culpa de seus erros, arrependeu-se deles e pediu perdão, toda a sua vida foi transformada.

E a sua, amigo leitor, também pode ser transformada. Você pode entrar numa terra totalmente nova, na sua Canaã.

Mas a única maneira de chegar lá é desenvolver a verdadeira hombridade.

Ser semelhante a Cristo.

.7.

Há um sacerdote na casa?

Em toda casa há um sacerdote. Deus determinou que o homem exerça essa função. Homens, vocês são o sacerdote da família, quer tenham estudado teologia ou não.

Meu amigo, você é o sacerdote, quer creia nisso ou não; quer assuma essa missão e a pratique, ou a ignore. É tarefa do sacerdote, além de servir a Deus, ministrar espiritualmente àqueles que foram confiados aos seus cuidados. Isso não significa que a família só vem a Deus através do homem. Mas, como sacerdote, o homem tem de ministrar à esposa e aos filhos.

Mas esse ministério precisa ser desenvolvido. E preciso ser homem de verdade para realizá-lo com sucesso. E Deus, em seu "Manual", fornece-nos todas as orientações necessárias.

A maioria dos homens não reconhece que tem de exercer o ministério de sacerdote em seu lar.

Certo dia eu me achava em meu gabinete, quando o telefone tocou. Atendi, e era uma senhora querendo saber se era eu o Dr, Edwin Cole, que dava seminários para homens. Respondi que sim, e ela indagou se poderia tomar alguns minutos de meu tempo.

Pelo tom de voz parecia aflita, comovida.

"É com muito temor e tremor que estou ligando", principiou ela. "Não gostaria que meu marido soubesse que conversei com o senhor."

"Sei que o senhor faz palestras para homens. Já ouvi suas fitas. Acho que sua mensagem fala poderosamente ao coração dos homens."

"E eu queria que dissesse a eles o que nós, mulheres, pensamos."

E com isso ela conquistou de vez a minha atenção.

"Eu não poderia conversar com meu pastor nem com ninguém mais aqui sobre o que estou dizendo ao senhor", continuou. "Eles não iriam compreender."

"Meu marido é um bom homem. Não perde um culto, e raramente chega atrasado. Ambos trabalhamos na igreja. Eu sou professora de escola dominical e ele é introdutor. Somos cristãos e amamos a Deus."

Em seguida, ela chegou ao que interessava.

"Somos casados há muitos anos", disse a mulher com voz triste, "e meu marido nunca conversou sobre as coisas espirituais em casa. Conversamos sobre tudo, mas ele nunca disse uma palavra sobre as coisas de Deus. A primeira vez que orou em voz alta na minha presença, já estávamos casados havia quinze anos. E só orou porque eu estava doente, e pedi que orasse por mim."

Percebia-se que ela estava bastante sentida.

"Ele é muito cuidadoso comigo; faz tudo que pode por mim. Fico até com sentimento de culpa por falar dele pelas costas. Mas estou me sentindo muito sozinha. Já não sei mais o que fazer. *Sinto um vazio em minha vida pelo fato de ele não tomar a iniciativa de orar e falar das coisas espirituais*."

"Quando meus filhos estavam em casa, eu ainda tinha com quem ler a Bíblia e orar. Eu lia e orava por eles. Mas agora todos já tomaram seu rumo. O último casou-se há cerca de um ano. Meu marido ganha bem, e não preciso trabalhar fora. Então fico a maior parte do tempo em rasa. Mas estou me sentindo sozinha não é só porque os filhos estão criados, não. É porque meu marido não assume a liderança espiritual da casa."

"Por favor, diga aos homens, onde o senhor for pregar, que nós, mulheres, queremos que eles assumam a liderança do lar em todos os aspectos, principalmente nessa questão de orar e estudar a Palavra de Deus. Se ele se dispusesse a mudar e a assumir a liderança, eu o amaria ainda mais.

"Por favor, não me entenda mal. Não é que eu não ame meu marido; eu o amo. Mas é que desejo demais que ele assuma essa posição de liderança que é dele. Não quero tomar a iniciativa. Não seria certo. Sei que muitas mulheres o fazem, mas não acho isso certo."

"Muito obrigada pela sua atenção, pastor, e por favor, por favor, diga aos homens deste país que nós queremos que eles sejam homens."

O sacerdote da casa tem de orar por sua esposa.

A oração aprofunda o relacionamento.

Orar nos permite conhecer intimamente Aquele a quem oramos, a pessoa por quem oramos, e com quem oramos.

Orar nos permite conhecer intimamente Aquele a quem oramos, a pessoa por quem oramos, e com quem oramos.

Moisés subiu o Sinai – o lugar da oração – e permaneceu tanto tempo em comunhão com Deus que, como diz a Bíblia, o Senhor acabou passando a conversar com ele face a face, como um homem conversa com um amigo. Por quê? Porque a oração aprofunda o relacionamento.

Jesus gozava de tamanha intimidade com o Pai que por ocasião da transfiguração a glória da presença do Pai manifestou-se nele.

No dia de Pentecostes, os discípulos foram revestidos de poder porque estavam juntos orando. A oração criou entre eles uma comunhão tal que eram "*unânimes*" (At 1.14), e essa oração em acordo trouxe-lhes poder.

Quando um homem ora com sua esposa, goza de maior comunhão com ela. A intimidade que um casal experimenta durante um momento de verdadeira oração é muito maior do que a da união física. É que ela se dá no plano do espírito.

A mulher que ora pelo marido passa a ter com ele uma comunhão espiritual que os une ainda mais. Passa a conhecer melhor os problemas e dificuldades dele, e assim pode ajudá-lo a resolvê-los.

O homem que não ora pela esposa pode até ter uma boa intimidade física com ela, mas não edifica aquela comunhão espiritual que resulta na verdadeira união.

Ter relações sexuais é uma coisa; gozar de união espiritual é outra muito diferente. O homem que deseja ser um com sua esposa precisa orar por ela e com ela.

Essa é a explicação para aquele ditado: “A família que ora unida, permanece unida”.

Toda mulher precisa enxergar a si mesma como uma pessoa singular. O homem que exerce na vida de sua esposa esse tipo de ministério espiritual contribui para que ela se enxergue assim. Contudo, se ele não orar por sua mulher, deixará de atender suas mais profundas necessidades.

O homem que deseja ser um com sua esposa precisa orar por ela e com ela.

Toda mulher anseia gozar de um relacionamento total com um homem. Isso é parte da natureza feminina. Se o marido não lhe satisfizer esse anseio, ela irá procurá-lo em outra pessoa. O homem que conhece bem a esposa na intimidade da oração, conhece-a em todos os demais aspectos da vida.

Então, você que me lê neste momento, se não costuma orar por sua esposa, pare agora, pare de ler, e peça a Deus que lhe perdoe por isso. E comece a mudar a partir de já. Não leia nem mais uma palavra sem antes fazer uma pausa e orar por ela.

Isso; assim está melhor.

Certa vez eu pregava em uma igreja no Canadá e defendi ardorosamente essa questão de o homem ter de ministrar em oração. No dia seguinte, um casal aproximou-se de mim. O marido tinha um sorriso meio sem graça, mas a esposa estava radiante. E ele disse:

“Pastor, ontem o senhor pregou direto para mim quando falou sobre oração. Então, resolvi orar por minha esposa. Foi a primeira vez que o fiz, em onze anos de casados. Hoje sentimos que nossa comunhão é bem maior que antes.”

Ministrar não é apenas pregar. Ministrar é orar.

Talvez eu deva abrir aqui um parêntese para me dirigir às mulheres. E isto é de suma importância.

É possível que as mulheres tenham mais facilidade de orar pelo marido. Entretanto existem algumas que querem “bancar” Deus. Tentam “moldar” o

marido de acordo com sua ideia de como ele deve ser. E não deixam Deus criá-lo "*à sua imagem*" (Gn 1.27).

Há casos em que esse processo se inicia antes mesmo do casamento. Algumas moças parecem ter uma forte tendência para dar um crédito de confiança ao noivo no que diz respeito às falhas do caráter. Já perdi a conta de jovens que se casaram com alcoólatras, acreditando que depois do casamento eles se modificariam, por obra do amor delas.

E todas dão sempre a mesma explicação: "Ah, eu achei que com meu amor ele iria mudar."

O que um homem é quando solteiro, é mais ainda depois de casado, a não ser que Cristo entre em sua vida e o transforme.

O mesmo pode-se dizer com relação às mulheres cristãs. O maior desejo delas é que o marido partilhe de sua fé em Jesus Cristo. E essa vontade é tão intensa que elas acabam cometendo erros. Parece que acham que "ninguém vem ao Pai senão por *sua esposa*".

Mulher nenhuma leva um homem a Deus; é o Espírito Santo que o faz.

Inúmeras esposas se desgastam física, mental e emocionalmente tentando influir mais do que o Espírito Santo de Deus na vida do marido. E os conselheiros cristãos têm de estar sempre dizendo para elas: "Não tente fazer o papel de Deus."

É verdade que o homem é o sacerdote. Mas Deus é que tem de levá-lo a assumir essa função. A mulher não pode forçá-lo a isso. O empurrãozinho da esposa só é válido se o Espírito Santo de Deus já estiver operando no coração dele, objetivando levá-lo a ser como Deus deseja.

Um homem pode modificar seus próprios hábitos. Mas, só Deus pode mudar sua natureza.

Mulheres, não queiram bancar Deus.

A Bíblia oferece duas estratégias básicas para as mulheres que têm marido incrédulo, ou cristão que ainda não desenvolveu todo o seu potencial como homem.

1. Perdoar ao marido todos os seus pecados. Muitas não perdoam aos maridos. Não perdoando, ficam a acusá-los dos erros cometidos, e assim prendem o erro ao homem. O perdão abre o coração. O rancor fecha-o. O perdão liberta; o rancor aprisiona.

Há muitos homens que desejam sinceramente chegar a ser como Deus deseja que sejam, mas estão lutando para libertar-se daquela prisão de rancor em que suas esposas os encerraram.

2. Amá-lo. Parece uma solução simples demais, mas é a fórmula divina para um casamento feliz. A *Bíblia Viva* diz o seguinte:

"Esposas, acomodem-se aos planos de seus maridos; porque assim, se eles se recusarem a prestar atenção quando vocês lhes falarem a respeito do Senhor, serão ganhos pelo comportamento respeitoso e puro de vocês; a vida piedosa de vocês lhes falará melhor do que quaisquer palavras." (1 Pe 3.1-2).

Essa é a estratégia estabelecida por Deus para levar um homem a ter o desejo de modificar-se, e a capacitar-se para ministrar à esposa. Era esse o plano de Deus desde o começo, desde que criou Eva para ser a "auxiliadora" de Adão.

Ainda assim, homens, a carga maior recai sobre nós. Deus atribui ao homem a responsabilidade de tornar-se o sacerdote da casa. Aprenda a ministrar para sua esposa.

O homem ministra à esposa comunicando-lhe segurança. Toda mulher precisa saber que é importante para o marido.

É, por isso, que até mesmo as mulheres promíscuas sentem certo complexo de culpa quando mantêm relações sexuais sem amor. Então, muitas delas, antes de se entregarem ao parceiro, fazem-lhe a velha pergunta: "Você me ama?"

O sexo praticado de forma mecânica não satisfaz o desejo do ser humano de gozar uma união verdadeira.

Quando o marido diz à esposa que ela é a mulher que Deus escolheu para ele, dá-lhe maior certeza de seu amor.

Aquilo que confessamos torna-se um compromisso.

Os votos matrimoniais são uma confissão que produz um compromisso. E um dos grandes problemas que inúmeros casais enfrentam hoje é exatamente a ausência de um compromisso sério. Muitos homens acham que foram empurrados para o casamento contra a vontade, que foram manipulados ou forçados pelas circunstâncias. Por isso, muitas vezes se perguntam se sua história não seria outra, caso a situação fosse diferente.

Da mesma forma, quando uma moça se casa porque engravidou ou para conquistar uma boa situação financeira, ou por outra razão qualquer, não tem muita certeza se aquele homem é de fato o marido que Deus escolheu para ela.

Em meio a tantas dúvidas, homens e mulheres olham para outras pessoas e começam a criar fantasias.

"Será que não seria 'ele' o homem certo?"

"Como seria se eu tivesse casado com 'ela'?"

Tudo isso contribui para abalar a estabilidade do relacionamento conjugal.

Os homens precisam entender que o que tem prioridade máxima para Deus, em qualquer casamento, é o fato de que a união matrimonial é sagrada. Todo homem precisa aceitar uma coisa de uma vez por todas: "Ela é de fato a mulher que deveria ser minha esposa."

E uma vez convencido disso, precisa declará-lo para si mesmo e para sua esposa. Essa confissão é de importância vital.

Lembremos que aquilo que confessamos torna-se um compromisso.

O homem ministra à esposa quando afirma que ela é de fato a sua companheira de vida. Isso transmite a ela confiança no relacionamento; dá-lhe segurança.

Os homens são sacerdotes. Tem que ministrar.

Os homens são sacerdotes. Tem de ministrar.

Mas ministrar não é apenas pregar; vai muito além disso.

Ministrar é amar.

A atual inversão dos valores morais tem gerado conceitos que corroem o casamento, o lar e a sociedade. Para alguns homens a tese da separação entre a igreja e o Estado significa que tudo que é de natureza religiosa, sacra ou espiritual acha-se restrito aos momentos de culto da igreja. Fora dela, são livres para fazerem o que bem quiserem. Errado!

O sacerdócio do homem não se restringe a determinados dias e horas.

É inerente à vida dele.

Ele ministra o tempo todo – quando vende um carro, quando contrata um serviço, quando faz um computador, quando toma decisões na empresa. Em tudo que faz, ele está ministrando. Muitos homens, depois de passar o dia todo ministrando a outros, ao chegar em casa à noite não têm a menor disposição de ministrar à família.

A grande queixa das mulheres – principalmente das esposas de pastor – é a seguinte: "Meu marido ministra a todo mundo, menos a mim."

Os homens se justificam citando as muitas atividades, o cansaço, o trabalho, as pressões econômicas, o atendimento aos clientes, etc. – e ele está, sim, ministrando a todo mundo. Temos de reconhecer que é desgastante.

Chegando em casa, ele não quer ministrar; quer receber. Entretanto a verdade é que o ministério no lar é o mais importante de todos.

O homem de nossos dias troca de esposa, mas não de trabalho.

Os homens cristãos também cometem erros, e muitos nem se dão conta disso.

Tenho visto uma mesma síndrome operando na vida de inúmeros casais. Os jovens se conhecem, se amam e casam. Mas o negócio expande-se, os filhos chegam, o trabalho da igreja exige mais do seu tempo. E com o decorrer do tempo, eles vão passando a viver através dos filhos, a viver para a igreja ou para o trabalho.

O casal precisa lembrar que tudo começou quando se apaixonaram um pelo outro. E depois que tudo o mais acabar, eles ainda terão um ao outro. Pelo menos, é o que deve acontecer se estiverem sendo bons mordomos de seu casamento.

Deus criou o homem para ser líder e mordomo.

Nós homens não somos donos de nada; somos, apenas, mordomos.

Tudo pertence a Deus: a saúde, o casamento, a terra, os negócios, o amor da esposa, etc. Os homens são apenas mordomos desses bens. Foi Deus quem nos confiou todos eles. O que importa é a maneira como cuidamos deles e como os usamos. E disso que teremos de prestar contas.

Os homens cometem o erro (ou o pecado) de achar que são donos de alguma coisa. Essa ilusão leva-os a assumir uma posição de independência em relação a Deus. E é assim que começam os problemas. Adão assumiu uma posição independente de Deus – e veja o que nos aconteceu.

Meu amigo, você não é o dono do amor de sua esposa. É apenas mordomo dele. Ele é uma dádiva de Deus para você.

Seja um bom mordomo. Seja o sacerdote. Ministre.

Ministre à sua esposa.

Vez por outra, deixem as crianças com a vovó, ou com outra pessoa, larguem o trabalho, e saiam os dois juntos. Só os dois. Apaixonem-se de novo um pelo outro. Ministre a ela. Essa é a base para a submissão da mulher.

Todo casal precisa ter uma lua de mel pelo menos de seis em seis meses, durante um final de semana prolongado. Se os dois não passarem alguns momentos juntos a sós, depois de vinte e cinco anos de casamento, quando os filhos já tiverem saído de casa, verão que já não sabem mais se amar, nem se comunicar, e se encontram em vias de separar-se.

Ministre.

Ore por ela. Ore com ela. Busque uma comunhão mais profunda.

Confesse que ela é de fato a mulher de sua vida. Ministre-lhe senso de segurança. Isso é amar.

Saia com ela, só com ela, e vá a algum lugar onde possa dedicar-lhe toda a sua atenção.

Vez por outra, será bom apaixonarem-se novamente um pelo outro.

Homens, vocês não têm outra alternativa.

Foi Deus quem os chamou para serem o sacerdote do lar.

Há um sacerdote em sua casa?

.8.

Gorjeta – um gesto de apreciação

Certa vez, quando eu era gerente administrativo de uma estação de televisão, tive a incumbência de despedir um dos funcionários, um jovem de nome Tom. Tom tinha tudo para ser bem-sucedido, mas vivia fracassando em seu ministério.

Ocupava um alto cargo na emissora, e possuía competência para tornar-se financeiramente independente. Mas, não o era.

Essa era a quinta vez que ele fazia uma tentativa de vencer no ministério cristão. Havia pastoreado duas igrejas, e não dera certo em nenhuma. Em seguida, assumira um cargo administrativo em determinada organização cristã, e também ali fracassara. Depois fora copastor de outra igreja, mais uma vez com os mesmos problemas: um ministério infrutífero.

E agora, na emissora de tevê, continuava não rendendo o esperado. E ele sabia disso. A dispensa não o pegou de surpresa.

– Não sei o que dizer, Tom, falei-lhe quando fui conversar com ele. Não sei o que posso fazer por você. Gostaria de ajudá-lo, mas a única coisa que me ocorre é que você, por alguma razão – uma razão que não entendo – não está confiando em que Deus vai atender suas petições.

Eu tentava descobrir uma solução; queria dar-lhe uma palavra de orientação, para que àquela sucessão de fracassos acabasse de vez, e sua vida ganhasse estabilidade.

Tom concordou com o que eu dissera. Confessou que estava encontrando muita dificuldade para orar. Aliás, havia já algum tempo que só orava em

público, quando a isso era solicitado, em cultos da igreja ou em outras reuniões.

Contudo, não lhe ocorrera que poderia haver uma estreita relação entre esse problema e as dificuldades que enfrentava na vida profissional.

Tom pertencia a uma terceira geração de cristãos. Seu pai e seu avô tinham sido pastores famosos, com poderosos ministérios. E ele sempre procurara tirar proveito de sua herança religiosa.

E isso nunca dera certo.

Mas acolheu bem minhas palavras. Reconhecia que eu falara por bem. Alguns dias depois, ele e sua esposa Sue convidaram a mim e minha esposa para irmos jantar com eles.

Foi nessa ocasião que comecei a juntar as peças do quebra-cabeça.

A mesa do jantar estava muito bem posta, e fiz um elogio a Sue. Em seguida agradeci-lhes o convite para jantar.

– É, interveio Tom de modo brincalhão, foi ótimo vocês terem vindo. Assim hoje poderemos ter uma comida melhor.

Eu e Nancy nos entreolhamos, mas prosseguimos com a conversa informal. Alguns minutos depois de nos havermos sentado à mesa, Sue foi à cozinha buscar uma jarra de suco. Quando regressou, não pude deixar de observar que perfeita anfitriã ela era – com a bela jarra de cristal na mão e o sorriso afável. Mas nesse mesmo instante, Tom soltou outra de suas tiradas irônicas.

– Vocês sabem que minha mulher é de Arkansas*, não é? Ela só calçou os sapatos porque vocês vinham aqui.

Sue corou de vergonha, mas não disse nada.

À medida que o tempo ia passando, Tom soltava mais e mais comentários depreciativos. Passou o jantar todo atirando setas maliciosas na esposa, caçoando dela.

* Alusão ao grande número de matutos da região. (Nota da tradutora).

Afinal cansados do riso nervoso, e já sem graça, tentamos levar a conversa adiante, mas nos sentíamos meio desajeitados. Nem assim Tom parou com suas alfinetadas. Parecia acreditar que estava sendo muito divertido. Na verdade era o único que achava graça naquilo.

E foi ali, em dado momento, que compreendi por que ele não obtinha sucesso em seus ministérios, por que não conseguia orar, nem estava gozando da bênção de Deus.

Em 1 Pedro 3.7, lemos o seguinte: *"Maridos... tratai-a (vossa mulher) com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações."*

Tom estava desobedecendo a essa séria advertência bíblica no sentido de tratar a esposa com dignidade, vendo-a como coerdeira da mesma graça de vida.

Essa era a causa de suas orações não estarem sendo atendidas, em consequência do que ele fracassava no ministério. Sem respostas às suas orações, sua fé enfraquecera, e sem fé é impossível agradar a Deus.

Meu irmão, sua esposa é coerdeira com você. Portanto merece toda a consideração, apreço e afeição que você julga merecer.

Não é só ela quem deve dar-lhe apoio moral; você o deve também a ela. E, por outro lado, não deve tomar sozinho todas as decisões concernentes a casa. Nenhum homem casado pode viver e agir independentemente da esposa.

Alguns homens não conseguem uma promoção no emprego, e depois culpam o patrão, ou então aquele que ficou com o cargo. Mas os verdadeiros culpados são eles mesmos. Muitos estão fracassando, dando tropeções na vida, e esforçando-se bastante, sem, contudo, conseguir o que almejam, porque não tratam a esposa como coerdeira.

Tom não é o único a cometer esse pecado. Esse mal é epidêmico. O homem depreciar a esposa é uma das principais marcas sociais de nossa era.

Lembrei-me da história de Sue, tão diferente da de Tom, que, aliás, parecia ter o maior prazer em ridicularizá-la.

A mãe de Sue fora uma mulher de vida promíscua, e fizera a filha mudar constantemente de escola. A garota passara por inúmeras escolas públicas,

sempre atormentada pela solidão. Muito inteligente, desde pequena procurara fazer cursos de autoaprimoramento.

Por fim, alguém a convidou para assistir a uma reunião de jovens numa igreja, e nessa ocasião Sue entregou a vida a Cristo. Quando cursava o último ano do segundo grau, ganhou um concurso. O prêmio era uma bolsa de estudos de um ano para uma escola bíblica.

Foi nessa escola que ela conheceu Tom. Filho e neto de pastores, o rapaz conhecia de sobra as tradições evangélicas, já que fora criado na igreja. Tinha profundo conhecimento religioso. Sabia tudo que tinha de ser feito, e como devia ser feito.

Entre eles nasceu uma boa amizade que depois se transformou em amor. E esse amor os levou ao casamento.

Assim que Tom se formou, eles assumiram um ministério pastoral. Sue não possuía nenhuma experiência, nem conhecimento dos detalhes relacionados com esse tipo de vida. Não tinha a menor ideia das atribuições de uma esposa de pastor, nem das expectativas dos outros com relação a ela. E Tom não se deu ao trabalho de ensinar-lhe nem de explicar-lhe nada. Como já conhecia tudo muito bem, supôs que ela o soubesse, e que iria agir à altura da posição que ocupava.

A suposição é o nível mais elementar de conhecimento que existe. E Tom baseou muito do seu relacionamento com a esposa em suposições.

Desconhecendo tudo que dizia respeito à posição de esposa de pastor, e temerosa de perguntar, Sue cometeu inúmeros equívocos, o que era inevitável. Muitos desses erros causaram profundos constrangimentos ao marido.

E ele reagiu à sua maneira.

Em vez de procurar explicar-lhe com paciência como deveria agir, Tom começou a debochar dela, a depreciá-la e a criticá-la na presença dos outros, como forma de disfarçar a vergonha que sentia.

Autojustificarmos é atribuir a outrem a culpa de nossos fracassos, na tentativa de nos sentirmos melhores.

Em 1 Pedro, Deus revela as consequências dessa atitude. Tom havia parado de receber respostas de oração.

Nem sua vida nem seu ministério estavam sendo abençoados.

Aquele homem sentia-se frustrado, a fé enfraquecida, a oração sem vigor, e por fim sua vida espiritual ressecou e praticamente morreu. Ele não conseguia mais exercitar fé em Deus com relação às metas que desejava alcançar. E em vez do sucesso veio o fracasso.

E, como acontece com a média dos homens, Tom culpava a esposa por seus fracassos. É claro que nunca afirmou isso abertamente. Apenas passou a fazer dela o seu "bode expiatório", ridicularizando-a a todo instante.

Incapaz de assumir a responsabilidade de suas falhas, ele procurou (e encontrou) o "bode expiatório" que estava mais à mão. E ainda por muitos anos continuou depreciando a esposa.

O que ele precisava ter feito – e se você for igual a ele precisa fazer também – era sair com Sue para passar uns dias a sós com ela, abrir-lhe o coração, e acertar todas as diferenças. Ele precisava permitir que o relacionamento fosse curado. Ele precisava mudar. Depois Sue também mudaria.

É claro que há homens que não tratam a esposa como coerdeira e mesmo assim são bem-sucedidos nos negócios. Mas quase todos eles sofrem algum outro tipo de perda ou experimentam alguma outra deficiência como resultado direto desse procedimento.

Se um homem trata a esposa como sua propriedade, os filhos, observando o comportamento do pai, imitam-no e refletem a mesma atitude em seus atos.

O marido tem de tratar a mulher como coerdeira. Quando um homem murmura contra a esposa – fala mal dela ou a deprecia – priva a si mesmo de atingir todo o seu potencial como homem, e impede que o relacionamento dos dois também alcance seu grau máximo de aperfeiçoamento.

Tudo nesta vida pode se valorizar ou depreciar.

O que é valorizado aumenta de valor.

O que é depreciado diminui de valor.

Todos os nossos bens – casas, carros, terrenos, ações – podem valorizar-se ou depreciar-se. Isso depende da importância que lhes atribuímos.

E os seres humanos também podem valorizar-se ou depreciar-se de acordo com a importância que lhes damos.

E os seres humanos também podem valorizar-se ou depreciar-se de acordo com a importância que lhes damos.

Quando apreciamos uma mulher, seu valor aumenta, tanto aos nossos olhos quanto aos dela. Mas, se a depreciamos, ela diminui de valor tanto para si mesma, como para nós.

Tom depreciara demasiadamente sua esposa, que, ao perder o valor para ele e aos próprios olhos, mostrara-se incompetente e adquirira complexo de inferioridade.

Lembro-me da experiência que eu também tive com relação a essa questão.

Alguns anos atrás, estava pastoreando uma pequena igreja no norte da Califórnia. Era uma igreja nova, que na época enfrentava muitos problemas. Aliás, problema era o que não faltava, a começar por mim.

Eu não entendia o que estava acontecendo. Tampouco sabia encontrar soluções.

Resolvemos reformar o salão onde nos reuníamos para torná-lo o mais confortável possível. Quando estávamos trocando o piso antigo por um assoalho de madeira, a qualquer folga que eu tinha, ia trabalhar no templo para adiantar o serviço.

Lembro-me de que certa tarde fui para lá, e me pus a pregar as tábuas.

A cada martelada que dava, desafogava meus sentimentos de frustração: contra Deus, contra minha esposa, contra a igreja tão cheia de problemas, e contra mim mesmo. E me pus a desabafar com Deus.

"Senhor, precisas tomar alguma providência. Tens de mudar essa situação! Ajuda-me, Senhor! Modifica essa circunstância. Muda Nancy! Muda essa igreja! Precisas ajudar-me, ó Deus! Preciso de teu auxílio, Senhor!"

Eu e minha esposa estávamos morando numa casa muito pequena, tentando economizar cada centavo, e nos irritávamos um com o outro por qualquer motivo.

E Deus ouviu minha oração. Ouviu e atendeu.

Pessoalmente.

Ali mesmo, enquanto eu ia pregando aquelas tábuas, Deus abriu minha mente. Apertou a tecla de rebobinar de meu gravador mental, e em seguida a tecla "play", trazendo-me à lembrança várias frases que eu dissera antes.

Relembrou-me tudo que eu falara a respeito de Nancy, minhas atitudes de crítica em relação a ela, as agressões verbais que eu lhe dirigira. Em cada uma dessas situações, eu fizera algum comentário depreciativo.

Na verdade, eu amava minha esposa. Amava-a muito.

E, no entanto, caíra no mesmo erro de todos os homens.

Sendo a pessoa mais próxima, Nancy se tornara o alvo de minha irritação, em quem eu desafogava minhas frustrações, em quem eu descarregava meu mau humor, meu sarcasmo. Era o "bode expiatório" de meus fracassos. Mas, nem sempre o fazia diretamente; era mais uma constante murmuração.

Fiquei abismado e ao mesmo tempo arrasado com aquela revelação. Senti o rosto queimar de vergonha.

Em seguida, Deus fez outra revelação pela qual lhe sou eternamente grato.

Ele me mostrou as virtudes de minha esposa, sua gentileza, seu encanto pessoal, sua beleza de espírito. Eu a vi como Deus a vê.

No mesmo instante, larguei o martelo, caí de joelhos naquele assoalho duro e pedi perdão a Deus. E do fundo de meu espírito clamei a ele. Dessa vez, porém, foi um clamor totalmente diferente.

Em seguida, ainda com o bolso do meu avental de carpinteiro cheio de pregos, ergui as mãos e, sem o menor acanhamento, sem nenhuma hesitação ou reserva, disse em voz alta:

"Ó Deus, perdoa-me por essa atitude! Perdoa-me pela forma como tenho tratado minha esposa! Quero amá-la, quero valorizá-la, e não depreciá-la. Neste momento, recebo-a como um presente que me vem de ti. Reafirmo que ela é minha esposa. Agradeço-te por ela!"

Naquele instante, eu lançava um novo alicerce espiritual em minha vida.

Permaneci ali mais alguns minutos, e quando me levantei achava-me quebrantado e reformado. Tirei o avental e fui para casa. Nossa casa ficava logo ao lado do templo. Tomei banho, troquei de roupa e fui à cidade. Comprei um presentinho e um cartão simples para minha esposa.

Quando cheguei de volta, era a hora do jantar.

Fui para a cozinha, onde Nancy estava. Entreguei-lhe o presente e o cartão e dei-lhe um beijo no rosto.

– Para que é isso? Indagou-a assustada.

– É só porque a amo, repliquei com toda sinceridade.

Ela ficou a olhar-me por uns instantes, talvez recorrendo à sua intuição para descobrir se minha motivação seria mesmo aquela. Todo mundo sabe como as mulheres são, não é?

– É isso mesmo? Perguntou ela ainda hesitante.

– É.

Ela abriu o presente. Era muito simples, mas mostrou-se encantada com ele. Os olhos brilhavam de felicidade.

O jantar era sopa. Eu estava decidido a "apreciá-la" e não depreciá-la.

Assim que comecei a comer, fiz um largo gesto com o braço e disse:

– Esta é a melhor sopa que você já fez. E está quente.

Nancy fitou-me como quem não entendeu bem.

– E daí? Perguntou.

– Sopa para mim tem de estar bem quente, repliquei dando de ombros. Não gosto de sopa morna. Tem de estar quente, fervendo.

Ela fez um gesto com a cabeça e comentou:

– Eu não sabia.

– Talvez eu não lhe tenha falado isso, retruquei. Mas a sopa está muito boa. Está deliciosa. Gostei.

Nancy permaneceu uns instantes parada, parecendo enlevada com o elogio, e depois respondeu:

– Obrigada!

É tão simples.

A partir daquele dia, nossa vida mudou.

Começava a fase da apreciação. A da depreciação estava encerrada. Para sempre.

E eu mudei mesmo. Pra valer. Já se passaram vinte e sete anos, e nunca mais esqueci aquele prato de sopa. Nem a transformação que Deus operou em minha vida.

Nosso relacionamento nunca mais foi o mesmo.

Minha esposa passou a ter mais valor, muito mais valor, para mim e para ela. A vida em nosso lar melhorou milagrosamente. Meu ministério pastoral teve um avanço significativo. Tudo mudou em nossa vida.

Foi nesse dia que comecei a referir-me à minha esposa como "*a mais bela mulher do inundo*".

E ela o é de fato.

Devia ser uma rainha. É afável, encantadora, sábia, linda, forte e simplesmente maravilhosa.

Quanto mais a aprecio, mas linda ela se torna.

Assim que acabamos de jantar, Nancy levantou-se e eu também saí para cuidar de um serviço, mas antes tirei do bolso uma nota de um dólar e coloquei-a debaixo do prato.

Era o sinal do meu apreço.

Além de afirmá-lo, queria demonstrá-la.

Quando ela voltou para tirar a mesa e a encontrou, eu já estava em outro aposento. Ela pegou-a e veio procurar-me.

– Para que é isso? Indagou com expressão séria.

– Querida, expliquei, quando vamos a um restaurante e gostamos muito da comida e do atendimento, deixamos uma gorjeta para mostrar nossa satisfação, não deixamos? E como o jantar hoje estava muito bom, resolvi deixar um sinal de que fiquei satisfeito. É só isso. É para demonstrar que a amo e a aprecio.

Ela entendeu.

Foi a gorjeta mais bem dada de minha vida.

.9.

Trocando de cabeça

Certa mulher acabara de perder o marido, e pouco antes do culto fúnebre*, foi à agência funerária onde o corpo dele estava sendo preparado, para dar uma última olhada no falecido. Contudo, ali chegando, viu que o corpo do marido estava vestido com um terno que não era o dele.

Correndo os olhos pelo salão, percebeu que o morto do caixão ao lado estava com o terno de seu finado marido.

Profundamente mortificada, chamou o responsável e, em meio a muitas lágrimas, apontou-lhe o erro. E o homem logo tomou providências para corrigi-lo.

"Harry!" gritou, chamando um de seus assistentes. "Troque as cabeças nos esquifes 2 e 3!"

Trata-se, claro, de uma anedota bastante tola. E, por sinal, horrível, não é? Mas nunca mais a esquecemos.

E essa historieta ilustra um fato que todos nós devemos guardar:

A mudança sempre vem de cima.

Se a cabeça não mudar, mais cedo ou mais tarde haverá uma revolução embaixo que forçará a mudança.

Tenho um amigo de nome Al que era consultor e prestava serviços a firmas com problemas administrativos. Portanto, seus clientes eram empresas que se achavam à beira da falência, da dissolução, ou de outros reveses.

* Nos Estados Unidos é costume as agências funerárias embalsamarem o corpo dos mortos antes de serem sepultados. Com tal preparação, o cadáver pode ser enterrado até aproximadamente 72 horas após o falecimento. (Nota da tradutora).

Geralmente elas só recorriam a meu amigo quando a crise já se agravara. E Al gostava muito do seu trabalho, pois quando os diretores o chamavam já se encontravam dispostos a conversar sério e a aceitar a verdade dos fatos. E se quisessem sobreviver, tinham de se dispor a efetuar mudanças.

A causa dessas crises era quase sempre a mesma: o pessoal. Uma firma pode ter o melhor planejamento possível, mas, se não tiver pessoal competente, ela fracassa.

Por outro lado, se tiver bom pessoal, mesmo que seu planejamento seja falho, poderá ser um sucesso. O problema é sempre o pessoal, e é aí também que está a solução. E ela vai depender muito de quem está no comando.

Certa vez Al me disse: "Uma empresa à beira de um colapso só pode ser restaurada e ter suas finanças saneadas se aquele que está no comando se dispuser a mudar."

Pela experiência, ele já descobriu que, quase sem exceção, todos os problemas são causados pelo diretor executivo.

"Se ele não se dispuser a mudar", afirmou Al, "não há esperanças para a empresa."

Depois de certo período de tempo nessa função, Al criou um método mais ou menos padronizado para proceder à análise de firmas. Investiga seus processos operacionais, examina os registros contábeis, entrevista todo o pessoal e estuda o problema de todos os ângulos possíveis. E durante toda a averiguação faz questão de passar várias horas na sala do presidente da companhia.

E, na maioria dos casos, quando apresenta suas conclusões, relata sua avaliação da situação e recomenda uma solução. Invariavelmente, seu parecer contém sugestão de mudanças na chefia. O diretor precisa modificar seu método de ação, suas motivações, suas atitudes, sua forma de relacionar-se com outros e, por vezes, até seu estilo de vida.

Esse princípio se aplica a todas as áreas da vida humana, inclusive à família.

Para que uma família mude, é preciso que o homem da casa mude primeiro. Ele precisa crescer para que a família cresça. É ele quem dá o exemplo.

Uma mudança só pode ser considerada mudança depois que mudar alguma coisa.

A maioria das pessoas julga os outros pelo que estes *fazem*; mas julga a si mesma por suas *intenções*.

Ter a intenção de mudar não é mudar. Dizer que vai mudar, prometer mudar, tomar a decisão de mudar – nada disso é mudar. Nada disso "conserta" uma família problemática.

O chefe da casa tem de mudar.

Nos Estados Unidos, já foram gastos milhões e milhões de dólares em esforços para se prevenir a delinquência juvenil. E outros tantos milhões já foram gastos em programas de reabilitação de menores infratores, viciados, para os que apresentam desvios emocionais ou que simplesmente são indisciplinados. Para as mulheres também já existem livros e mais livros; são realizados diversos seminários, e há ainda vários outros tipos de orientação ensinando-as a desempenhar bem sua função de esposa.

Depois de tudo isso, mulheres e crianças voltam para uma casa onde o homem ainda não mudou. Não se está dando orientação para os homens. E na maioria dos casos são eles a causa básica dos problemas das esposas e filhos. Então tudo volta à estaca zero.

Quando uma mulher bem orientada ou um jovem reabilitado voltam para casa e encontram o mesmo marido e pai de antes, sentem-se profundamente frustrados. O homem é o chefe da casa; a mudança tem de começar por ele.

Moro em Newport Beach, na Califórnia, perto de uma praia maravilhosa. Nessa praia há alguns ancoradouros de um e de outro lado do istmo, o que permite que os barcos atraquem na baía de Balboa.

Certo ponto da praia tem sido meu recanto de oração, minha sala de meditação, gabinete de aconselhamento e consultório para terapias espirituais. O ancoradouro tem sido palco de muitas experiências cruciais, tanto para mim como para aqueles que me procuram.

Um homem de nome Rick veio do Oregon, e me ligou. Combinei para nos encontrarmos no ancoradouro. Rick enfrentava sérios problemas.

E, ali, em meio aos penhascos, contou-me que a mudança para o Oregon fora um erro tremendo. Tinha se mudado na esperança de fugir de "tudo". Mas, lá chegando, compreendera que mudar de um estado para outro não resolvera. Os problemas tinham ido com ele, nada ficara para trás. Era atormentado por um estranho senso de perplexidade. Precisava de uma mudança; queria mudar.

Relatou que, algumas semanas antes, fora trabalhar na casa nova que estavam construindo. Em dado momento, quando se achava no quintal, ouviu uma voz interior dizer-lhe: "Solte!"

E mais tarde voltou a ouvir aquela voz, repetindo a mesma palavra. Não sabia o que aquilo significava, e embora tivesse conversado com outras pessoas a respeito, continuara sem entender. E num momento em que meditava sobre o problema, veio-lhe a ideia de pegar um avião, vir à Califórnia, alugar um carro e procurar-me. Queria saber minha opinião sobre o que lhe acontecia.

"Quem está falando comigo?" indagou. "É o Espírito Santo, é o diabo, ou quem?"

Continuamos conversando por algum tempo, e quanto mais conversávamos, mais eu me convencia de que era Deus que estava operando na vida dele. Só Rick ainda não percebera isso.

"Para ser sincero", disse ele desalentado, "não sei mais o que fazer. Não estou satisfeito comigo mesmo; minha mulher não está feliz comigo, e meus filhos também estão infelizes. Se não encontrar logo uma solução, não sei o que pode acontecer. E, ainda por cima, fico ouvindo essa voz dizendo: 'Solte'."

Rick recebera a Jesus Cristo como seu Salvador alguns anos antes. – Mas nunca fizera uma entrega total de sua vida a ele. Continuava no controle de diversos aspectos de sua existência, em vez de entregar tudo a Deus. Mas, à medida que conversávamos e orávamos, ele começou a enxergar as coisas com clareza.

Compreendeu que era Deus, pelo seu Espírito, quem falava ao seu coração. Aquela ordem, "Solte", significava que ele devia soltar-se totalmente nas mãos de Deus, confiando-se a ele de todo o coração. E meu amigo acabou entendendo que o Senhor lhe dizia:

"Solte os seus recursos próprios, e passe a confiar em mim com relação a todos os aspectos de sua vida."

Solte os seus recursos próprios, e passe a confiar em Mim com relação a todos os aspectos de sua vida.

Esclarecido esse ponto, fizemos uma oração aceitando a palavra que viera de Deus. Rick renunciou ao comando de sua vida, e sujeitou-se ao senhorio de Jesus Cristo. A partir daquele momento, tornou-se um homem bem mais completo do que fora até então.

É quando Deus opera em nós *"tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade"* (Fp 2.13), que ele desenvolve os diversos aspectos da verdadeira hombridade.

Aquele homem fora transformado.

O que aconteceria à sua família agora?

Alguns meses depois, Rick e Joan vieram à nossa casa para uma reunião com várias pessoas. Estávamos conversando sobre nosso anseio comum – um anseio dado por Deus – de levar essa mensagem a outros homens em todo o país.

Em dado momento, notei que Joan estava chorando, e perguntei por quê.

"Não é nenhum problema, não", replicou ela, continuando a chorar. "Estou já antevendo o que outras mulheres vão vivenciar com essa mesma experiência. Assim que Rick chegou em casa após ter tido essa transformação, as coisas começaram a mudar."

Em seguida, relatou os maravilhosos resultados da experiência.

"Não dissemos às crianças nada do que se passara com ele. Resolvemos deixar as coisas fluírem naturalmente. Mas, três dias depois da volta dele, minha filha chegou pra mim e perguntou: "*Mamãe, o que foi que aconteceu com papai?* Ele está mudado..."

Rick, Joan e os filhos aprenderam esta lição: a mudança inicia-se pelo cabeça da família.

"Quando um homem se modifica e passa a ser como Deus deseja que ele seja", disse Joan em tom veemente, "a mulher e os filhos também mudam. Estou chorando é de alegria, porque sei o que vai acontecer com as mulheres que estão vivendo hoje o que também passei. Quando o homem muda, a casa toda muda."

Aquela praia com seu ancoradouro não tinha nada de especial. Mas Rick levara no coração e na vida uma nova experiência. Nele, sim, tinha havido uma mudança. Ele assumira uma nova atitude: resolvera obedecer a Deus. Tinha agora uma nova perspectiva de vida. Passara a viver na esfera da sabedoria divina, e não na da humana.

Quando um homem se modifica e passa a ser como Deus deseja que ele seja, a mulher e os filhos também mudam.

Ele assumiu a responsabilidade por seus erros; orou com arrependimento e fé, e abraçou a ideia de desenvolver todo o seu potencial como homem, segundo o modelo de Cristo. Agora a transcendente glória de Deus operava em sua vida.

E tudo resultou de seu ato de obediência à Palavra de Deus.

Mais vale um grama de obediência do que uma tonelada de oração. Quem ora muito, mas não obedece, torna nula toda a sua oração.

Crença mais ação é igual a fé.

A questão da hombridade não é mero discurso; é um modo de viver.

Alguns anos atrás, eu e minha família morávamos no norte da Califórnia, onde eu pastoreava uma igreja. No primeiro domingo em que fomos ao culto, compareceu apenas uma senhora com seu filhinho. Não havendo congregação, não havia ofertas. Houve dias em que nosso único alimento era mingau de aveia: ao café da manhã, ao almoço e ao jantar.

Mas pouco a pouco outras famílias foram chegando e a igreja cresceu.

Entre elas estava a família de John. Eles gostaram de nós, e permaneceram na igreja todo o tempo em que lá estivemos. John trabalhava para as companhias aéreas da região, e gozava de boa condição financeira. Pelo menos ele podia dar à família uma alimentação mais variada, coisa que, na época, eu não estava podendo fazer.

Mas, era desses que falam muito e não fazem nada. Nunca mais em minha vida vou esquecer o que aconteceu certo domingo. Tínhamos acabado de encerrar o culto da manhã quando ele chegou para mim, deu-me um tapa nas costas e disse:

"Pastor, se eu tivesse um milhão de dólares, teria muito prazer em dar-lhe o dízimo dele. Aliás, se eu tivesse mil, lhe daria cem. Tenho certeza de que lhe seria de grande utilidade."

Não falei nada, mas pensei: "Irmão, se você tivesse dez, e me desse um dólar, já estaria sendo muito útil."

Ele nunca deu nada. Sua esposa, vez por outra, tirava do pouquinho que ele lhe deixava para as despesas, e dava uma oferta para a igreja. John vivia dizendo que iria fazer isso e aquilo, que iria mudar, mas nunca fazia nada. Estava enganando a si mesmo, achando que havia mérito em apenas manifestar a intenção de fazer alguma coisa.

Lembremos bem disto: uma mudança só pode ser considerada mudança depois que mudar alguma coisa.

Uma oferta só é oferta depois que for dada.

A fé só é fé depois que entrar em ação.

Não faz muito tempo, encontrei-me de novo com John, após trinta anos sem vê-lo. Continua o mesmo. Ainda, fala muito e não faz nada. Obviamente seu valor no reino de Deus também continua o mesmo. Não é assim que o Senhor deseja que ajamos.

Um dos conceitos surgidos nos anos 70 – a "década do eu" – foi o da "coragem para criar". É claro que não tinha nada de novo; novas eram apenas as palavras. Mas de repente começou-se a falar na coragem de criar, um gesto de audácia por parte de alguns poucos indivíduos que se dispunham a produzir algo original, em vez de limitar-se a reproduzir ou copiar o que outro já havia feito. Muitos escritores falam do forte senso de desconforto que experimentam cada vez que colocam uma folha de papel em branco na máquina de escrever. A cada folha nova eles têm de exercitar a coragem de criar.

A coragem sempre foi um requisito para quem exerce qualquer tipo de liderança.

Uma expressão que aparece repetidas vezes nas Escrituras é: "Sê forte e corajoso".

Os anjos por vezes utilizavam essas ordenanças como forma de saudação. "Sê forte", diziam. E também: "Tem bom ânimo", que na verdade significa "tenha coragem".

Antes de John F. Kennedy tornar-se presidente dos Estados Unidos, ele já era conhecido por ter escrito um livro, *Profiles in Courage* ("Perfis de coragem"). Entretanto, esses "perfis" de coragem não são coisa de nossos dias.

Basta ler a vida de Abraão, Josué, Moisés, Davi, Paulo e outros heróis da fé mencionados na Bíblia. Os feitos desses homens foram tão notáveis que as Escrituras afirmam que *"o mundo não era digno"* deles (Hb 11.38).

A igreja moderna não fala de coragem aos homens, nem a exige deles. Muitos pastores já descobriram que é bem mais fácil pregar para mulheres, trabalhar com elas e com as organizações femininas, do que com os homens. Aliás, há líderes que nem conseguem uma boa convivência com homens. É por isso que em muitas igrejas hoje o número de mulheres é expressivamente maior do que o de homens. Essa é também a razão por que a sociedade matriarcal vai assumindo o lugar da patriarcal.

A coragem é a virtude, qualidade ou atributo que capacita o homem a enfrentar a desaprovação de outros, a perseguição, o medo, o fracasso e até a morte como verdadeiro homem.

É preciso muita coragem para se encarar a realidade.

O apóstolo Pedro escreveu o seguinte: *"Associai com a vossa fé a virtude"* (2 Pe 1.5). E a virtude aí significa grandeza moral, masculinidade e coragem.

A Bíblia relata que, quando José estava na casa de Potifar, a mulher deste tentou seduzi-lo. E José repeliu-a dizendo: *"Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?"* (Gn 39.9). O critério pelo qual ele norteava sua vida era honrar a Deus, obedecendo-lhe em tudo. Isso é ser homem.

É preciso muita coragem para ser homem.

É preciso muita coragem para se encarar a realidade.

Quando eu era gerente administrativo de uma estação de tevê, houve um período em que fomos obrigados a despedir alguns funcionários como forma de contenção de despesas. Na ocasião, meu filho Paul trabalhava lá como produtor de programas. Mas havia outras pessoas que eram mais antigas de casa. Então chegou o momento em que tive de tomar uma decisão. Chamei Paul à minha sala para conversar com ele e expor-lhe o que estava acontecendo. Depois de me ouvir, ele me fitou por uns instantes, e o que me disse convenceu-me de que ele se tornara um verdadeiro homem.

"Pai", disse ele, "pode me despedir. Eu consigo vencer sozinho."

E venceu mesmo.

Foi um momento muito difícil, que exigiu muita coragem de nós dois. Mas sempre que relembro esse incidente tenho consciência de que foi naquele dia que compreendi que ele alcançara a hombridade.

A Bíblia está repleta de indivíduos que associaram à sua fé a coragem: Neemias, Daniel, Josué, os três jovens hebreus, e outros.

João Batista associou à sua fé a coragem, repreendeu o rei e foi decapitado. Ele conhecia um princípio que muitos outros depois dele também já aprenderam.

Nesta vida existem certas coisas que são mais importantes que a própria vida.

Para cultivarmos atributos como verdade, honradez, integridade e outras características do verdadeiro homem, é preciso ter coragem. Ou amor.

Em San Diego, certa vez, uma casa incendiou-se. Quando o dono percebeu que seu filho tinha ficado lá dentro, atirou-se de volta nas chamas para salvá-lo. Os dois morreram. Para aquele homem, o filho era mais importante que a própria vida.

Mudança requer coragem.

Hoje em dia, muitos homens estão prontos a trocar de mulher, de filhos, de emprego, de tudo, mas não mostram disposição de mudar a si mesmos. Um verdadeiro homem é capaz de encarar a realidade e de efetuar mudanças pessoais.

Meu colega de ministério, Jack Mackey, pastoreava uma igreja na Nova Inglaterra. Certa ocasião, os membros resolveram fazer uma reforma no templo, para torná-lo mais belo e atraente ao povo de fora.

Um dia, Jack estava orando a respeito da reforma do templo, e naquele momento entendeu algo de que nunca se apercebera antes. O Espírito Santo falou-lhe através de alguns textos da Palavra de Deus.

O primeiro deles foi: Deus *"satisfará aos desejos do teu coração"* (Sl 37.4). E outro foi: Deus é o *"Autor e Consumador da fé"* (Hb 12.2). Com isso, ele compreendeu que é o próprio Deus quem nos dá nossos desejos. Além de conceder-nos a realização de nossos desejos, o Senhor coloca em nós os seus próprios anseios para que ele mesmo os realize. Desse modo, por nosso intermédio, ele estabelece o seu reino na terra.

Com base nisso, Jack viu, em seguida, que fora Deus quem colocara no coração dos membros da igreja aquele desejo de reformar. Mas a reforma que Deus queria *era a do coração deles*. Devido à sua imaturidade espiritual, eles direcionaram o desejo para o plano material, saindo da esfera do Espírito.

Muitos casais sentem que precisam mudar alguma coisa. Mas em vez de buscar uma mudança de coração e mente, simplesmente mudam de residência, e os problemas continuam. Às vezes, quando um homem percebe que precisa mudar, em vez de pedir a Deus que transforme seu coração, ele muda de emprego, e os velhos problemas continuam.

Muitas igrejas deste país já empreenderam a reforma de seu templo sem, no entanto, experimentar crescimento nem quaisquer benefícios espirituais.

A mudança de que essas pessoas necessitavam não era a do prédio, mas a do seu coração.

Meu irmão, você tem consciência de que precisa de uma mudança? Você é o homem. Mude primeiro você, e depois toda a sua família mudará.

Mude primeiro você e depois seu emprego mudará. A mudança começa por você.

O Senhor coloca em nós os seus próprios anseios para que ele mesmo os realize. Desse modo ele estabelece o seu reino na terra.

.10.

“As transferências de culpa terminam aqui!”

O plano de Deus é que alguém assuma o comando. Homens, isso é com vocês!

Em Efésios 5.23, a Bíblia afirma que o homem é o cabeça da casa, e o compara a Cristo, o cabeça da igreja. Trata-se de uma comparação com implicações muito sérias para os homens.

A verdade é que, assim como Cristo é o Salvador da igreja e é nele que seus membros encontram solução para os seus problemas, assim também é o homem para a família. As soluções para os problemas da família devem vir dele.

Certa vez preguei em Phoenix, no Arizona, e após o culto um casal aproximou-se para conversar comigo. Quem explicou o problema foi a mulher; o marido permaneceu alguns passos atrás dela.

– Nossa filha fugiu de casa, disse. Queremos que o senhor ore por nós, para que Deus a traga de volta.

– Terei muito prazer em orar com vocês, pedindo isso a Deus, repliquei.

Em seguida olhei para o marido e indaguei:

– E você, não quer dizer nada?

– Não, respondeu. Creio que ela disse tudo.

Então oramos. À noite eles voltaram para o culto. Quando cheguei, um pouco antes do horário da reunião, já os encontrei à minha espera.

A filha estava em sua companhia.

– Nossa filha acaba de regressar para casa, explicou a senhora, mas não estamos conseguindo conversar com ela. Não quer nos contar nada. Talvez se abra com o senhor. Poderia conversar com ela?

Convidei a garota para conversarmos numa saleta à parte. Sendo pai de duas filhas, eu já possuía certa experiência no relacionamento paterno também.

A menina tinha treze anos. Parecia bastante nervosa. Fiz-lhe algumas perguntas simples. A princípio limitou-se a responder por monossílabos. A certa altura da conversa, indaguei:

– O que acha de sua mãe?

Nesse ponto, ela animou-se ligeiramente, e falou da mãe com algum entusiasmo.

– E de seu pai? Indaguei por fim.

Aí ela ficou em silêncio, como que amuada. Aguardei uns instantes, esperando que respondesse alguma coisa. Não disse nada.

– Alguma coisa errada com o seu pai? Perguntei. Ela continuou quieta, sentada. Olhou para outro lado e não respondeu. Não disse uma palavra.

Então mudei de assunto e falamos sobre outras coisas. A certa altura ela começou a contar-me um problema que tivera, e indaguei-lhe por que não falara dele ao pai.

– Ele não escuta, afirmou em tom brusco.

– Como assim? Inquiri.

– Ele nunca escuta, falou. Sempre que tento contar ou explicar alguma coisa para ele, ele não ouve. Não aceita de forma alguma o meu lado da questão. E sempre diz que a culpa é minha.

Agora ela se abria, falando sem parar. Então entendi tudo. Compreendi qual era o problema.

Alguns minutos depois, levei-a de volta aos pais. Eles me fitaram na expectativa do que eu iria dizer.

– Tive uma ótima conversa com sua filha, disse-lhes. Acho que o problema pode ser resolvido.

O pai não disse nada. A mãe esperou um pouco, e em seguida, com expressão inquisitiva, perguntou:

– O senhor tem algo a dizer que nós precisamos saber?

– Tenho, repliquei. Vocês querem que sua filha fique em casa? Querem ter um relacionamento normal com ela?

– Claro, replicou a mãe.

Olhei-a diretamente e falei:

– Minha senhora, agora vou me dirigir a seu marido.

Todos eles se espantaram.

– Está bem, expliquei, posso orar de novo por sua filha e fazer com vocês a oração do consenso. Vou pedir a Deus que ela experimente uma mudança total – de coração, mente e atitude – e que vocês gozem de um relacionamento familiar perfeitamente normal.

Olhei para os três.

– Até aqui estamos de acordo?

Todos fizeram que sim.

– Mas só farei isso com uma condição, disse ao pai. Orarei se você aceitar uma condição. Aceita?

Ele se remexeu meio sem jeito e replicou:

– Não sei se posso aceitar, enquanto o senhor não me disser qual é.

– Você vai ficar com a responsabilidade, expliquei. Será você o responsável pela mudança de sua filha. Aceita esse encargo?

– Claro, assegurou ele.

– Está bem, repliquei. A condição é a seguinte. Durante trinta dias, você vai deixar sua filha dizer tudo que quiser, na hora que quiser e do jeito que quiser. Você vai limitar-se a escutar. Nesses trinta dias, não poderá responder nada. Depois, sim, aí poderá falar.

O homem engoliu em seco. Parecia atordoado. Que proposta mais ridícula! Não poderia concordar com ela de forma alguma. E em sua própria casa! Era demais!

– Tudo bem, falei dando de ombros. Sendo assim, não posso concordar com vocês em oração, para que Deus transforme o coração dessa garota, e que passem a ter um relacionamento melhor.

– Mas o que o senhor está pedindo é impossível! protestou ele.

– Impossível não é não, contrapus. É apenas uma questão de saber se você deseja ou não uma transformação em seu lar e se está disposto a assumir a responsabilidade dela.

Por fim, não vendo outra saída, assentiu, mas sem muito entusiasmo.

– Não sei se vou conseguir, disse. Mas posso tentar.

Em seguida nós quatro oramos juntos, pedindo a Deus uma mudança total para a filha – de coração, de mente, de atitude e disposição.

Três meses depois voltei a Phoenix. E num domingo a noite fui à mesma igreja. As primeiras pessoas que vi foi a família por quem havia orado da outra vez: o pai, a mãe e a filha.

Estavam completamente diferentes – extrovertidos, alegres, juntinhos uns dos outros, sem constrangimento de se tocarem.

– E aí, como foi tudo? Indaguei assim que os avistei. Parece que Deus atendeu nossa oração!

– Atendeu, sim, falou o pai. A princípio tive de me controlar muito para ficar só ouvindo e ouvindo, sem poder dizer que já estava cheio daquilo, sem proibi-la de sair de casa como castigo pelo que estava dizendo, sem impor minha vontade. Mas aí eu me lembrava que queria que as coisas mudassem. Então, fiz um grande esforço e Deus me deu forças. Assim, consegui ouvir o que

ela tinha a dizer. E quando resolvi escutar, percebi que muito do que ela dizia era verdade. Eu estava errado.

Depois, pelo que disseram, compreendi que, teoricamente, ele não havia cumprido a condição imposta. Não foi preciso esperar os trinta dias.

– Três semanas bastaram, explicou ele. A essa altura, minha filha achou que já tinha dito tudo que queria. Uma noite ela entrou no meu quarto, sentou na beira da cama e disse: "Por agora, já falei tudo que queria. E o senhor, o que tem a me dizer?"

E naquele momento, relatou o pai, teve início uma maravilhosa restauração no relacionamento deles.

– Eu e minha esposa abrimos os braços e ela se aproximou. Nós a abraçamos e lhe demos muito carinho. Confessei que havia errado muito com ela; relembrei ocasiões em que fora áspero ou ríspido, em que não quis escutar suas explicações, que tomei o partido de outras pessoas; ocasiões em que eu exigira demais dela, e em que ela fizera o mesmo conosco.

E ao narrar tudo isso, aquele homem irradiava felicidade.

– Então pedi à minha filha que me perdoasse, continuou ele, e foi aí que ela começou a modificar-se. Hoje toda a nossa família está mudada. O grande problema era que eu vivia ocupado demais e não tinha tempo para escutar minha filha.

Deu para sentir, então, que se operaram na filha as mudanças que os pais desejavam. A mãe só assumira a liderança da casa por necessidade; ela também não fora a causa do rompimento familiar. A culpa fora do pai; pelo fato de não se dispor a escutar, ocasionara aqueles problemas. Mas, tão logo ele se corrigiu, o relacionamento familiar foi acertado.

A solução de todos os problemas da família tem de começar pelo pai.

Milhões de homens cometem o mesmo erro desse senhor. Acham-se tão ocupados com sua atividade profissional que deixam com a esposa a tarefa de "escutar os filhos".

E agir assim é abrir mão de uma faceta de sua condição de homem.

São raríssimas as famílias, hoje em dia, em que o homem assume a liderança da casa na solução dos problemas. O mundo está se tornando perito em jogar a responsabilidade em outros.

Um dos presidentes dos Estados Unidos, Harry Truman, acabou sendo uma figura bastante popular no país, por haver colocado em sua escrivaninha, no "Salão Oval", uma plaqueta bastante singular, com os dizeres: "As transferências de culpa terminam aqui". As transferências de culpa terminavam em sua mesa. Ele entendera que a verdade, por mais dura que fosse, era uma das marcas do verdadeiro líder.

Os homens estão tão ocupados com sua atividade profissional que deixam com a esposa a tarefa de "escutar os filhos".

Jogar a culpa em outros é uma tentativa de nos justificarmos. O sentido básico de justificar-se é tornar-se justo. Portanto, a autojustificação não passa de um recurso que utilizamos para ficar bem com nós mesmos. A prática da autojustificação iniciou-se no Éden e continua até hoje.

Adão pecou e em seguida escondeu-se de Deus. Mas o Senhor o chamou e ele teve de abandonar seu esconderijo. Como Deus o procurasse insistentemente, Adão foi obrigado a explicar por que havia se escondido.

"Porque estava nu, tive medo, e me escondi." (Gn 3.10).

Sentir culpa, temer, esconder – essa é a sequência resultante do pecado, estabelecida há milênios no jardim do Éden, e que ainda prevalece em nossos dias.

O ser humano não tolera o sentimento de culpa. Ele é destrutivo. O peso da culpa nos amedronta e esmaga.

Por isso, os homens continuam a esconder-se. Tentam fugir. Fogem da realidade. Fogem de Deus. Fogem da responsabilidade. Fogem através das drogas, da bebida alcoólica, dos prazeres, de filosofias e de muitos outros artifícios.

Contudo, lançar mão de qualquer um desses recursos para ficarmos livres da culpa, é uma tentativa de nos sentirmos bem com nós mesmos. É autojustificação; transferência de culpa. Vejamos como Adão agiu, e entendere-

mos a linha de conduta que ele criou para todos os homens daquele dia até hoje. Deus lhe perguntou:

– Você comeu da árvore?

– Foi a mulher quem me levou a isso.

É; jogue a culpa em outrem. É fácil. Pegue seu erro e transfira-o a outra pessoa, culpe outro por ele. Assim você fica livre do erro. Transfira essa culpa para outrem.

Reparemos como Eva aprendeu direitinho com o exemplo de Adão. Quando Deus lhe perguntou se havia comido do fruto da árvore, ela usou o mesmo recurso que ele.

"Foi o diabo que me levou a isso", falou.

O comediante Flip Wilson já ganhou milhões de dólares e fez muita gente rir com essa frase. Mas na realidade ela não é nem um pouco engraçada.

Eva justificou-se botando a culpa no diabo. Entretanto, o máximo que ela conseguiu foi demonstrar que todo pecado se origina em Satanás. Utilizou um fato verdadeiro de maneira errada.

A verdade é o alicerce da vida. Mas é possível usar-se a verdade de forma errada, como, por exemplo, fazer chantagem. Eva também fez uso indevido da verdade. E todo aquele que lança mão desse mesmo recurso – a autojustificação – está agindo errado.

Vejamos como esse processo está enraizado no ser humano, através de um incidente corriqueiro que pode ocorrer no café da manhã em qualquer casa. Pai e filho estão sentados à mesa, e a mãe foi buscar alguma coisa na pia. Em dado momento, o menino vai pegar um pãozinho, esbarra na xícara e derrama café com leite na mesa. Imediatamente olha para o pai. Este encara-o com raiva, dá um tapa na mão dele e diz:

"Quantas vezes já lhe falei para prestar atenção no que está fazendo?"

É claro que o filho não responde nada, e começa a chorar. A mãe pega um pano e limpa a mesa.

Pois bem. Uma semana depois, temos o mesmo cenário. Dessa vez é o pai que, ao pegar o pão, esbarra em sua xícara de café e derrama um pouco na mesa. O garoto logo olha para ele, para ver o que vai acontecer.

O homem fica irritado com a esposa e lhe diz: "Quantas vezes eu já lhe disse para não colocar essa xícara aqui?"

Ele se justifica transferindo a culpa para outra pessoa. E assim, pelo exemplo, ensina o filho a fazer o mesmo.

Essa trincheira comportamental implantada profundamente no solo da alma humana, não lhe proporciona proteção e, sim, destruição. Hoje em dia o homem pratica com perícia o que Adão e Eva criaram num instante de desespero. O homem moderno joga a culpa de tudo na mulher, convencido de estar agindo certo.

Está errado.

Todo homem terá de prestar contas de seus atos, e irá prestá-las somente a Deus. Daí a grande importância do Calvário, onde Cristo morreu. Ele é o único para quem podemos transferir nosso pecado e receber o perdão de Deus. O Calvário é o único lugar onde podemos ficar livres da culpa.

A sociedade está sofrendo as trágicas consequências do fato de os homens estarem tentando encobrir seus erros, seus pecados e equívocos. Há muitos que preferem deixar seu casamento fracassar, a confessar seu pecado e comunicar vida nova a seu relacionamento conjugal. Há outros que preferem deixar sua firma falir, a reconhecer suas falhas e instilar nela vida nova. Há outros que preferem deixar os filhos fugir de casa, frustrados, a assumir seus defeitos e tentar acertar seu relacionamento com eles.

O homem que se nega a confessar seus próprios pecados, que prefere omitir-se e acaba deixando que os problemas destruam os membros de sua família, é um covarde.

Há ocasiões em que o silêncio é de ouro; mas há outras em que de ouro ele não tem nada.

Deus quer que a família tenha uma liderança forte, e espera isso do homem.

Tenho um amigo muito chegado, a quem identificarei pelo nome de Jerry.

Quando Cheryl, sua filha mais nova, era adolescente, insurgiu-se contra o modo de vida dos pais, e tornou-se muito voluntariosa, independente e rebelde. Fazia o que bem entendia, quer os pais gostassem ou não. Saía de casa sem avisar, e parecia que sempre havia um rapaz envolvido nessas saídas. Os pais estavam seriamente preocupados com ela.

Entre ela e eles estabeleceu-se então como que um círculo vicioso: ela dava uma de suas saídas, ao voltar era castigada, e havia a reconciliação. E isso se repetiu várias e várias vezes.

Certo dia Cheryl desapareceu.

Aflitos, os pais a procuraram durante quase quarenta e oito horas, ligando para os parentes, indagando com certa discrição pela vizinhança e entre os amigos da jovem, na tentativa de não envolverem a polícia no caso. Mas, afinal, sentiram que não havia outra saída. Reconheceram que a espera já se prolongara demais, e que seria temerário não avisar as autoridades.

Mas as notícias correm céleres na "confraria" dos adolescentes. Assim que os pais tomaram a decisão de chamar a polícia, os solícitos coleguinhas de Cheryl correram a avisá-la. Em menos de uma hora, a menina estava de volta em casa. Escondera-se na casa de uma amiga que residia nas proximidades.

Mas a essa altura, a notícia de seu desaparecimento se espalhara, pois os pais haviam notificado a polícia e todo mundo sabia do acontecido.

Jerry jurou para si mesmo que castigaria severamente a filha. Iria humilhá-la assim como ela humilhara a família. Eu estava a par de tudo, pois acompanhara toda a evolução do problema. Sabia o que ele estava sofrendo como pai e como homem.

Ele se sentia muito envergonhado, e decidira que ela iria sofrer como ele estava sofrendo.

O que ele não percebia, porém, era que o castigo que pretendia aplicar na filha não seria apenas um corretivo, mas uma vingança pessoal.

E isso não iria modificá-la. Serviria apenas para endurecer ainda mais o coração da jovem.

Compreendi que precisava ter uma conversa com ele. Naquele momento, era ele quem necessitava ouvir. Convidei-o para irmos tomar um café. Estaríamos a sós, apenas eu e ele. Teríamos uma conversa franca, de homem pra homem.

Pegamos nosso café, e depois de algumas palavras iniciais, disse-lhe:

"Sabe o que está acontecendo com você? Está ressentido porque acredita que sua filha sujou seu bom nome aqui no bairro, enfraqueceu sua posição na igreja, e manchou sua reputação como homem e pai. Acha que por causa dela você está perdendo *status*."

Ele me fitava meio espantado, mas continuei falando para o seu próprio bem. Afinal, Jerry era meu amigo.

"Em primeiro lugar, todo mundo aqui tem esse tipo de problema com os filhos. Pode não ser exatamente igual ao seu, mas todos são bem parecidos. Portanto essa gente não os está olhando com atitude crítica, como você pensa. Eles estão de olho é na reação que você vai ter. Estão esperando para ver como você vai resolver a situação. No momento, todo mundo está com pena de Cheryl, por causa da sua reação como pai. Portanto ela não está nem um pouco sentida pelo que fez."

Ele não respondeu nada; continuou a olhar-me.

"É só você quem está sofrendo", continuei. "E está se desforrando nela. O que tem a fazer agora é perdoar-lhe novamente, dar-lhe muito amor, e esforçar-se para tentar dialogar com ela. Peça a Deus que lhe dê sabedoria quanto ao que deve fazer e dizer. Contudo, se continuar a condená-la, não poderá dialogar com ela. Jesus disse que não veio ao mundo para condená-lo, mas para salvá-lo (Jo 3.17). Cabe a você pedir a Deus que aponte a solução. Além disso, sendo o cabeça da casa, é sua responsabilidade tomar a iniciativa de encontrar a solução. Assim que você se modificar, sua filha começará a mudar também."

Disse-lhe mais algumas coisas, mas em suma foi isso. Passaram-se vários dias sem que eu o visse. Quando nos reencontramos, fomos outra vez tomar um café.

Sentamo-nos e permanecemos em silêncio por uns instantes, com a xícara na mão, e fiquei aguardando.

"Depois que você me disse tudo aquilo", principiou ele, "pensei muito, e cheguei à conclusão de que você estava errado. Mas depois, quanto mais analisava meus atos, minhas intenções e tudo que eu dissera, mais ia me convencendo de que até certo ponto você tinha razão."

Continuei calado, sem dizer nada, apenas escutando.

"Já bem tarde daquela noite em que conversamos", prosseguiu ele, "fui para o fundo do quintal onde faço meu devocional. E quando lá estava, ocorreu-me que qualquer que fosse a causa da rebeldia de Cheryl, o fato era que eu tinha de encontrar a solução, ou pelo menos começar a procurá-la."

E contou que se pôs a caminhar no quintal de um lado para outro orando, a sós com Deus, e, de repente, começou a pedir-lhe perdão pelos seus erros. Pediu-lhe que renovasse seu coração e mente, de modo a que pudesse encontrar as soluções. Foi então que Deus transformou o coração de Jerry.

Naquele dia, naquele instante de preciosa intimidade com Deus, teve início a transformação da família. Nos dias que se seguiram, o que se passara secretamente entre aquele homem e Deus, tornou-se notório para todos.

A divergência que havia entre pai e filha foi sanada; as feridas emocionais, cicatrizadas. A tensão mais uma vez deu lugar à afeição. E a desejada solução foi encontrada.

Finalmente, aquele homem era um verdadeiro pai. Para que os homens vejam sua família sob a perspectiva correta, primeiro têm de ver a si mesmos como Deus os vê.

Mas se as luzes estiverem apagadas, ninguém enxerga nada. Quem tenta caminhar num aposento às escuras esbarra em muita coisa, e dificilmente sabe em que esbarrou. Então acendamos a luz, e assim, com tudo claro, podemos caminhar em segurança em qualquer lugar.

Aquele a quem falta luz espiritual, não consegue enxergar um palmo adiante do nariz nas coisas espirituais. Jesus é a luz (Jo 8.12). E nós podemos enxergar-nos à luz de sua Palavra. O Espírito Santo ilumina a verdade e a verdade nos liberta (v. 32). A Palavra de Deus é a verdade, e seu Espírito é o Espírito da verdade.

Deus não se acha indiferente aos nossos problemas. Jesus Cristo afirmou que foi para isso que ele veio a este mundo. Deus só não pode fazer nada

por aqueles que dizem não ter problemas. Deus nos ama e quer nosso bem. Ele quer que gozemos a vida em todo o seu potencial.

Jesus Cristo é o cabeça da Igreja, e da mesma forma como ele confere salvação e oferece soluções para os problemas dela, assim também pode trazer a salvação e a solução dos problemas de nossa família por intermédio de nós, homens. Nós somos o canal pelo qual ele a abençoa. Nossa família busca soluções primeiro em nós.

Quem tenta fugir a essa responsabilidade está se escondendo de Deus. Quem se recusa a reconhecer a existência de problemas está fugindo da realidade.

Meu irmão, Deus espera que você, como o homem da casa, assuma a liderança. Ele já lhe deu sua Palavra. E através do seu próprio Espírito, ele o mune do melhor recurso que existe - a sabedoria divina. De posse da Palavra e de sabedoria, ele espera que você encontre as soluções.

Este é o desafio que agora lhe proponho: conhecer a Deus, conhecer a si mesmo, conhecer sua família e fazer com que a transferência de culpa termine em você.

.11.

Uma caricatura de pai

A imagem da figura masculina que a televisão apresenta a milhões de espectadores está longe de ser a ideal. As figuras mais populares são de homens debochados, despóticos, fracos, preconceituosos, e por vezes até meio idiotas.

O típico herói de novela hoje é um homem imaturo, adúltero, sexualmente promíscuo, infeliz e inseguro. Em determinados programas o homossexual é a personagem mais simpática, sábia e equilibrada que aparece.

Os filmes apelaram para a fórmula da violência, e o mocinho, o mais violento de todos, é quem sempre vence a parada no fim.

As imagens que entram em nossa mente vão formando a base da motivação de nossa conduta. Nós nos tornamos iguais à imagem que temos de nós mesmos. E tratamos os outros de acordo com a imagem que temos deles.

O feito de maior impacto que alguém pode praticar nesta vida é criar uma imagem; o outro é destruir uma imagem. Há várias décadas a televisão vem criando e destruindo imagens da figura masculina, com consequências desastrosas.

O fato de maior impacto que alguém pode praticar nesta vida é criar uma imagem.

Nossos filhos vêm sendo bombardeados por essa avalanche de "caricaturas de pai" difundidas pela tevê.

Quer gostemos ou não, os homens mostrados nas novelas e filmes constituem exemplos de figuras de autoridade no lar. E a imagem de pai e marido que esses personagens masculinos – promíscuos, tolos, despóticos – estão passando é bastante distorcida.

Essa imagem deturpada fica gravada na mente de nossos filhos e provoca neles ressentimentos, desprezo, rebeldia e zombaria.

Certa vez eu conversava com um homem que se mostrava exasperado com os problemas familiares, e indagou: "O que mais eu posso fazer?"

Seu filho estava lhe dando sérios problemas. Esse homem acreditava que fora um bom pai e dera aos filhos ludo de que necessitavam. Por isso, não conseguia entender a atitude do rapaz.

Após uma longa conversa, concluí que ele era um dos milhares de pais do mundo de hoje que foram derrotados pelas forças que eles deveriam ter controlado.

Aquele homem ignorava o poder da imagem. Era responsabilidade dele exercer certo controle sobre as imagens que o filho via na televisão. Mas permitiu que o garoto assistisse a tudo que era exibido, e com isso deixou que outras forças introduzissem na mente dele uma imagem errada da figura de autoridade.

Essas caricaturas de homens criadas pela televisão acabaram se tornando o modelo masculino para nossos dias. Então, quando o seu filho via no pai alguma falha, algum preconceito ou fraqueza, ele o identificava com a imagem gravada em sua mente pela tevê. Confundia a imagem do personagem com seu próprio pai, e assim tinha para com este a mesma atitude que a figura de autoridade mostrada naquele programa lhe inspirava: raiva ou desprezo.

Alguns pais se assustam com o comportamento dos filhos, e aí se conscientizam do enorme poder que a televisão exerce sobre eles. Outros já sabem disso há muito tempo. É por esse motivo que alguns grupos estão combatendo com tanta veemência certos programas da tevê.

Não nos esqueçamos de que a mola mestra desses programas é o amor do dinheiro – que é raiz de todos os males.

Quando alguém observa aos produtores desses programas que a influência da televisão sobre a mente dos espectadores é muito forte, eles não o admitem. Entretanto, esses mesmos homens cobram cerca de $300.000 dólares dos patrocinadores por um comercial de trinta segundos, com o argumento de que o anúncio convence o espectador a comprar o produto que vê na tela. Mas ou é uma coisa ou outra. A televisão tem ou não tem essa força?

Tem sim.

Os Estados Unidos como um todo têm sido afetados negativamente pelas imagens distorcidas apresentadas na televisão. Nas últimas décadas, esse país tem vivido uma fase de transição. Nossa imagem – de nação "virtuosa", de benfeitora dos povos do mundo, de defensora dos que sofrem com ditaduras escravizantes – passou por mudanças sérias por causa da televisão. A destruição das antigas imagens corretas na mente nacional vem causando uma enfermidade emocional e filosófica em toda a nação.

Nossos jovens, principalmente, estão recebendo uma influência perniciosa.

Um dos males mais sutis é o da síndrome do "anti-herói", que acabou com os grandes vultos da pátria, e nos deixou órfãos de modelos de patriotismo.

Existe um provérbio que diz que *"Deus odeia aqueles que chamam o mal de bem e o bem, de mal"*. E, no entanto, nas últimas décadas, essa perversão vem sendo disseminada não apenas de forma sutil, mas também abertamente.

A imagem do herói pode constituir uma forte motivação para um rapaz. E uma jovem também pode se sentir fortemente inspirada por essa imagem, associando-a ao homem com quem pretende casar-se. Durante toda nossa existência temos de ir reajustando o que é ideal ao real. E a defasagem entre o real e o ideal que determina nosso grau de frustração. Mas ainda assim nossos jovens precisam de heróis, modelos ideais de vida, de caráter positivo, que possam influenciá-los para o bem.

E como é que poderemos modificar essas imagens negativas dos anti-heróis?

E como é que poderemos modificar essas imagens negativas? Deixando que Deus renove nossa mente.

Deixando que Deus substitua as imagens que se acham gravadas em nossa mente.

Hoje em dia, mais do que em qualquer outra época da história, os homens precisam saber como era o homem original que Deus criou, e empenhar-se em deixar que o Senhor resgate neles essa hombridade, segundo a imagem de Cristo.

Adão foi criado à imagem de Deus. Era o modelo perfeito do homem. Sua hombridade, entretanto, foi maculada pelo pecado, mas Jesus Cristo veio ao mundo na condição de segundo homem para restaurar ao homem sua imagem original. Cristo veio como a "*expressão exata*" (Hb 1.3) de Deus, a fim de revelar sua graça e verdade. E ao mesmo tempo que revelava a glória de Deus, Jesus declarou que poderíamos "*nascer de novo*" e assim receber em nosso espírito a própria natureza de Deus. Disse que poderíamos experimentar a renovação da nossa mente e a regeneração do coração. A partir desse novo nascimento, nossa vida seria de tal modo transformada que "as coisas antigas passariam e se fariam novas".

Sem Jesus Cristo, é impossível o homem voltar a ter a imagem de Deus, ou ser "*feitura dele, criado em Cristo Jesus para boas obras*" (Ef 2.10). Mas com Jesus, é possível, e muitos hoje estão tendo essa experiência.

Se essa nova imagem de homem, manifesta em Jesus, for impressa em nossa mente, todo o nosso ser – nossa conduta, atitude e desejos – se tornarão novos. Seremos "*nova criatura*", com novas motivações de vida.

Certa vez, quando eu me encontrava no aeroporto de Cleveland, encontrei-me com um conhecido escritor e conferencista evangélico. Conversamos informalmente por alguns minutos, "reaquecendo" uma amizade antiga. Na ocasião, eu estava iniciando meu ministério dirigido especificamente aos homens, e falei disso com ele.

Mostrou-se bastante interessado. Acabara de pregar em um encontro só de homens em Cleveland. E citou um texto bíblico em que vinha meditando ultimamente e fora o tema de sua palestra. Considerava-o uma mensagem importante para o homem moderno.

"Já é tempo de o Senhor converter o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais", disse, fazendo uma paráfrase de Malaquias 4.6.

"Já estamos cansados dos discursos humanistas que pretendem depreciar os homens, gerando no coração dos filhos um grande desprezo pelos pais. Precisamos apregoar essas verdades em alto e bom som, e fico satisfeito de saber que você abraçou essa causa", concluiu ele no momento em que nos despedíamos, cada um em demanda do seu voo.

O salmista escreveu o seguinte:

"*Tomarei bastante cuidado para andar sempre pelo caminho certo, mas para isso, preciso muito da tua ajuda! Quero começar pela minha própria casa, tendo sempre um coração puro e sincero. Não quero ter interesse por coisas más; odeio os atos de quem se afasta da tua Lei e não me juntarei a essa gente. Não quero ter um coração inclinado para o pecado, não quero ter qualquer ligação com o mal. Castigarei a quem fala mal de seus conhecidos pelas costas; não ficarei junto de pessoas orgulhosas e egoístas.* ***Procurarei encontrar pessoas fiéis a Ti; esses serão meus companheiros, os amigos que receberei em minha casa.*** *Meus empregados serão pessoas que andem pelo teu reto caminho. Nenhum mentiroso ou ladrão ficará muito tempo em minha casa; não permitirei falsidade na minha presença."* (Sl 101.2-7 – *A Bíblia Viva* – grifo do autor).

Parece-me ver aí um recurso que Deus dá a todo pai cristão para se livrar da caricatura de pai produzida pela televisão.

Vale ressaltar que milhões de pessoas estão descobrindo esses "fiéis a Deus" e recebendo-os em sua casa através dos programas evangélicos transmitidos pela tevê.

Presido no momento um grupo cristão chamado *Committee for International Good Will* ("Comitê de Benemerência Internacional"), cujo objetivo é honrar os homens "fiéis" a Deus. Anualmente promovemos um banquete, quando então homenageamos um dos que mais se destacaram no período, conferindo-lhe o título de "Homem do Ano".

Fui eu mesmo quem fundou esse comitê, porque já estava cansado de ver o mundo criando seus heróis ímpios, chamando o bem de mal e o mal de bem.

Cada homem precisa fundar em sua casa "seu próprio comitê" e fazer o mesmo. Os fiéis a Deus precisam ser vistos como heróis. É Deus quem o diz. Dessa forma podemos criar uma imagem positiva na mente de nossos filhos, que assim terão motivações mais justas.

O objetivo dos *espíritos enganadores e dos ensinos de demônios* (1 Tm 4.1) é depreciar, denegrir e enfraquecer nossa hombridade, e drenar nossas forças espirituais. Se o conseguirem, impedirão que o poder de Cristo opere eficazmente em nossa vida. Rejeitemos tais espíritos e tais doutrinas. Expulsemo-los de nossa casa e do seio de nossa família.

Todo homem deve exercer três funções no lar e na comunidade: dirigir, proteger e governar. Foram essas as atribuições que Deus deu a Adão com relação à terra, e ele nunca removeu dele esse manto de autoridade. Homem, ele é seu; vista-o; faça uso dele.

Mas, espere um pouco. Esse pai caricaturado pode ser também um pai ausente.

Todo homem deve exercer três funções no lar e na comunidade: dirigir, proteger e governar.

Os pais ausentes são aqueles que saem cedo para trabalhar, retornam do trabalho à noite, e imediatamente se sentam diante do aparelho de tevê. Com isso, forçam a esposa e os filhos a assumir responsabilidades e funções que não lhes cabem.

O maior vício do povo dos Estados Unidos hoje não é a maconha, nem a cocaína, nem as "bolinhas". É a televisão.

Certa ocasião, em Pittsburgh, eu estava tomando um cafezinho com um amigo, e ele me disse algo que me deixou muito satisfeito de tê-lo como amigo.

"Eu era igual a esses sujeitos sobre quem você prega", confessou. "Achava-me seriamente viciado em televisão. Um dia me dei conta do que estava acontecendo, e senti que as coisas não podiam continuar daquele jeito. Entretanto só consegui mudar depois que ouvi sua pregação; ela me atingiu em cheio. Decidi tomar uma medida drástica. Conversei com minha esposa, e combinamos de guardar a televisão no armário. Só iríamos tirá-la de lá para assistir a um programa que todos pudéssemos ver juntos, ou que fosse de benefício para um de nós."

Nesse ponto ele riu.

"Vou lhe contar, rapaz", continuou, "passei por um duro período de 'desintoxicação'. Não sei como é isso para quem toma drogas; mas para um viciado em televisão é doloroso. Uma coisa posso dizer, porém, de lá para cá as notas de meus filhos melhoraram muito. Agora tenho mais tempo para ouvi-los e conhecê-los melhor; temos desfrutado ótimos momentos, passeando e fazendo uma porção de coisas. Sabe o que mais? Já fui com eles até ao museu! Acho que fizemos mais coisas depois que guardamos a tevê do que em todos os anos anteriores. Tem sido simplesmente maravilhoso!"

Dias atrás recebi em casa um telefonema de uma esposa de pastor, que se mostrava bastante preocupada com o marido. Ele se recusara a assumir a posição de liderança da igreja, e a esposa fora forçada a assumi-la. Os homens da igreja não gostaram, e as mulheres estavam transtornadas. Enquanto isso o marido, entre um sermão e outro, ficava assistindo à televisão.

Reconheço que pode ser um caso isolado; mas realmente existem pastores assim.

Qual é pior: a caricatura de pai *exibido na tevê* ou o que *vive sentado na frente do aparelho*?

O melhor pai é aquele que usa a televisão para trazer os fiéis da terra para dentro do seu lar.

Será que ainda existem homens fiéis em nosso país? Existem, sim, apesar de tudo o que a televisão tem dito contra eles. Mas a imagem de homem popularizada nos Estados Unidos ainda precisa melhorar muito.

Muita gente vê os Estados Unidos como um grande país simplesmente por causa de sua riqueza. Mas o que produziu essa riqueza foi a retidão dos homens e mulheres do passado.

Os homens, as famílias e as nações são grandes por causa da sua retidão, e não por causa de sua riqueza.

São os homens que constituem uma nação. Se eles forem grandes, a nação também o será.

Se os Estados Unidos quiserem voltar a ser um grande país, é preciso que seus homens voltem a reconquistar sua hombridade.

Certa vez participei de um jantar em que o orador relatou um incidente que deixou a todos impressionados.

Disse ele:

"Hoje, lá no aeroporto, uma pessoa me congratulou por minha coragem. É que eu criticara na televisão a *American Civil Liberties Union* ("União Americana pelas Liberdades Civis"), pelo fato de eles estarem tentando destruir o cristianismo aqui nos Estados Unidos.

"Aquele homem disse-me que alguns anos antes, ele os censurara publicamente em seu próprio programa de televisão, e eles revidaram. Então ele resolveu deixar o assunto morrer, pois, disse ele, 'tinha muito a perder'".

"Muito a perder?" continuou o conferencista erguendo a voz. "O que nós temos a perder? Fundei essa organização com setenta dólares, e agora tenho cem. Então, o que tenho a perder?"

Alguns começaram a aplaudi-lo timidamente, mas daí a pouco todo o salão prorrompia em palmas.

Hombridade não tem nada que ver com tamanho físico, mas tudo a ver com o caráter, com o espírito.

Os jovens de hoje precisam de pais "fortes e corajosos", Precisam de heróis, de Josués que reafirmem: "*Eu e a minha casa serviremos ao Senhor*" (Js 24.15).

Precisam de Daniéis, capazes de encarar os leões juristas de nossos dias e fechar-lhes a boca, para que parem de proferir palavras arrogantes contra Deus.

E. M. Bounds disse o seguinte: "Os métodos de Deus são os homens". Enquanto os homens procuram melhorai seus métodos, Deus procura homens melhores.

E ele os está procurando neste exato momento.

Você se habilita?

.12.

Pais ausentes

Não é de hoje que os pais vêm se esforçando para proporcionar aos filhos melhores condições de vida, sob a alegação que é "para eles não passarem o que eu passei".

E eles se empenham ao máximo nesse sentido. "Brigam" com eles para que estudem; procuram as melhores escolas; pagam cursos especializados, etc. E tudo no sentido de facilitar-lhes a vida de todos os modos possíveis.

Mas, no fim das contas, os valores materiais podem não ser tão importantes como se pensa. Nada substitui o exemplo paterno. Filhos precisam é de um pai, não de um anjo da guarda. Bom seria que tivessem um pai de verdade, e não apenas um acessório opcional de luxo, como acontece em alguns casos.

O maior bem que um pai pode fazer a um filho é amar a mãe dele. Estou muito longe de ser um pai perfeito. Gostaria até de ter uma folha corrida mais apresentável. Mas urna coisa posso dizer: assim que comecei a tratar Nancy como coerdeira, e a valorizá-la em vez de depreciá-la, a educação dos filhos tornou-se bem mais fácil.

Mas criar filhos ainda é a mais elevada forma de arte que existe.

Hoje meu filho Paul é um dos principais produtores de tevê evangélica de nosso país. Contudo, naquele dia em que deu um chute na porta e abriu um rombo nela, ambos poderíamos ter posto tudo a perder.

Felizmente o que ocorreu foi que nós dois aprendemos o significado da palavra "coragem".

Nossas decisões podem comunicar vida ou morte.

Minha filha Lois estudou direito e fez um concurso público brilhante, e atualmente é promotora em Orange County, Califórnia. Mas houve um momento em que o futuro dela esteve em minhas mãos; eu teria de tomar a decisão certa.

Havia já cinco anos que eu presidia uma organização denominacional para leigos, que contava com cinco mil homens e quatro mil rapazes associados. Nessa função, eu era obrigado a viajar com frequência, passar muito tempo fora de casa. Meu ministério era, cm grande parte, um trabalho itinerante.

Certo dia, quando cheguei em casa, Nancy me recebeu com certo ar de preocupação. Parecia que Lois principiava a escapar ao nosso controle. Ela sempre fora muito sociável, sempre bastante popular. Mas agora estava deixando que seu grupo social influenciasse sua atitude e conduta. Estava se envolvendo com amizades que não seguiam o mesmo padrão cristão de vida que adotávamos.

Pensei bem no meu trabalho, que tanto apreciava. Viajar pelo país, proferir conferências eram atividades que me agradavam muitíssimo.

Mas minha filha precisava de um pai em casa.

Na época, eu ainda não sabia algo que sei hoje: a sociedade está sofrendo devido à ausência do pai no lar.

Eu e Nancy conversamos e chegamos à conclusão de que seria preciso que eu permanecesse mais tempo em casa. Pedi demissão do cargo, assumi o pastorado de uma igreja, e assim passei a ser "pai de tempo integral".

Foi uma decisão importante; e acertada.

Hoje Lois é uma crente firme na fé. Está casada, tem um lindo filhinho e é uma profissional de sucesso.

Minha filha mais nova, Joann, é missionária no Japão, onde leciona inglês e disciplinas bíblicas. Ela também se formou na faculdade entre os primeiros colocados. Pouco depois atendeu ao chamado de Deus para servi-lo no Japão.

Eu e Nancy damos muitas graças a Deus por nossos filhos e pelo que eles são hoje. Eu até que gostaria de ficar com os méritos pelo sucesso deles, mas, para dizer a verdade, os méritos são de Deus, da mãe deles e dos amigos.

Amigos.

Um desses amigos é Earl Book. Alguns anos atrás, passei algum tempo com Earl em Albany, Oregon, e ele me disse algo de que nunca mais me esqueci, e que incorporei à vida de minha família.

Nos dias que passei com a família dele, algo chamou minha atenção: a conduta, a atitude, a educação e o espírito de seus filhos. Fiz-lhe um elogio nesse sentido, pois via-se claramente que ele os criara muito bem.

"Os méritos pela educação de meus filhos não são meus", replicou com humildade. "Aprendi uma verdade importantíssima com um casal que esteve aqui durante um congresso missionário. Eles exerceram uma forte influência sobre as crianças. E mesmo depois que foram embora ela ainda se fazia sentir na vida deles. Foi então que compreendi o quanto outras pessoas podem influir no caráter de nossos filhos. Naquela hora resolvi que procuraria levar à nossa casa o maior número possível de cristãos bons, para que eles pudessem exercer uma influência positiva nas crianças."

Na verdade, Earl foi muito humilde ao dizer isso. Tenho certeza de que ele próprio teve uma santa ascendência sobre os filhos. Contudo o que -me disse convenceu-me a tentar o mesmo com os meus. E acredito que está óbvio que deu certo.

A maioria dos pais acha que ser pai é só dar casa, comida, estudo, um pouco de lazer, e vez por outra passar um sermão no filho e discipliná-lo.

Em realidade, porém, essa tarefa é bem mais abrangente. E para realizá-la é preciso ser homem em todo o potencial.

Temos de pensar muito, de ponderar bem as coisas, acompanhar os filhos, fazer recomendações, influenciá-los e amá-los. E lembremos que amar é fazer o que é melhor para o ser amado, e não satisfazer nossos próprios desejos às custas dele. Isso se aplica ao lar, ao trabalho, a qualquer circunstância.

Até mesmo à mesa do jantar.

Já há bem tempo aprendemos que uma situação em que os filhos aprendem a ter bom relacionamento com outros é à mesa do almoço ou do jantar. Essa hora é uma das mais importantes para eles. É o momento adequado para se ouvir, e para falar das mágoas, sofrimentos, bem como das bênçãos e vitórias do dia. É uma ocasião em que aprendemos a nos comunicar.

A hora da refeição é um dos momentos mais importantes na vida da criança.

Mas muita gente não dá a devida importância à hora das refeições, e desperdiça um momento precioso que deveria ser muito bem aproveitado em comunhão com a família. E uma lástima que não estejamos fazendo bom uso dele, procurando fortalecer os relacionamentos e os laços familiares.

Em João 10.10, Jesus diz que "*o ladrão vem somente para roubar, matar e destruir*".

Grande parte dos programas exibidos na televisão é como um ladrão. Rouba nosso tempo; mata o espírito de iniciativa; e destrói relacionamentos.

A prática de assistir ao telejornal durante o jantar pode criar um caos na família. As crianças que jantam ouvindo notícias de crimes, guerras, desastres, divórcios e tragédias acabam sendo prejudicadas e traumatizadas.

Assim, em vez de o pai aproveitar a refeição para incentivar os filhos, afastar os temores, comunicar verdades, sanar mágoas ou fortalecê-los, expõe-nos a fatores negativos que causam perturbações, desorientação e incômodo aos filhos.

Certo conhecido meu reclamou que sua filha estava perdendo o apetite e não comia quase nada em casa. Mas sempre que iam a um restaurante, ela se alimentava bem. Achava que a menina estava apenas querendo esbanjar o dinheiro dele. Não era verdade. O que acontecia era que quando jantavam fora, não havia um televisor ligado durante a refeição.

Certa vez eu pregava num retiro para homens em Hume Lake, Califórnia, e fiz uma afirmação bastante triste: a média dos pais americanos só dá aos filhos, diariamente, três minutos de atenção total. Após a reunião, um homem veio conversar comigo, para refutar o que eu dissera.

"Vocês pregadores vão só dizendo as coisas", reclamou ele. "As últimas pesquisas mostram que a média dos pais americanos dá aos filhos apenas 35 *segundos por dia*."

Não tive como contestá-lo, pois era o superintendente distrital escolar de toda uma região da Califórnia. Aliás, ele até me forneceu outra informação igualmente aterradora.

Em certo distrito escolar desse estado, havia quatrocentos e oitenta e três crianças recebendo acompanhamento escolar, um programa para alunos com dificuldades nos estudos. E foi constatado que *nenhuma* delas vivia com o pai.

Em outro distrito escolar, em Seattle, a porcentagem dos menores que não moravam com o pai era de 61%.

A maior praga de nossos dias é a ausência paterna.

Mas pode haver também pais que estão em casa diariamente, e não passam muito tempo em companhia dos filhos. A vida em sociedade, as pressões para produzirmos mais e mais, a exigência de dedicação ao emprego e a tendência para a ganância, provocam sérios desajustes na vida da família. Muitas mulheres reconhecem que o marido tem uma "amante": seu trabalho.

Podemos afirmar que uma família passa um bom tempo junta, quando tomam pelo menos uma refeição juntos, oram juntos e se relacionam com amigos juntos. Assim como o casal que ora em conjunto atinge maior intimidade pessoal, o mesmo pode-se dizer da família.

O homem é o cabeça.

Sua principal responsabilidade, seu ministério sacerdotal, é conduzir a família em justiça. Quem negligencia esse dever por covardia, para se entregar a prazeres pessoais, ou por ser irresponsável, está pecando. Isso é pecado.

O ato mais nobre que um pai pode praticar é dar de si mesmo aos filhos e a Deus.

O verdadeiro legado de um pai é o espírito que ele passa aos filhos. *Uma boa poupança nunca pode tomar o lugar de uma base de confiança*.

O pai atuante que conduz a família de modo a que os filhos tenham bom relacionamento com Deus e uns com os outros, está desenvolvendo ao máximo sua hombridade.

.13.

Pare, olhe, escute!

Um famoso vendedor de seguros ia falar a um sofisticado e exigente grupo de ouvintes – o congresso dos corretores de seguros. Os promotores do evento tinham feito a divulgação do orador, apresentando-o como "um campeão de vendas". E a atmosfera do salão estava impregnada de expectativa e entusiasmo. O "campeão" iria revelar seus segredos.

Afinal chegou o momento esperado, e ele se levantou para discursar. Mas depois de tudo que se dissera dele, sua aparência deixava bastante a desejar. Tinha as roupas em desalinho, a gravata torta para um lado, e apoiava-se à mesa, com uma das mãos no bolso.

E, no entanto, aquele homem vendera mais apólices de seguro que qualquer outro naquele aposento.

"Não tenho muita coisa a dizer", principiou ele falando devagar. "Não vou tomar muito tempo. Sei que todos têm comentado bastante sobre o fato de eu ter vendido muito seguro. Quando comecei a trabalhar nesse ramo, alguns anos atrás, eu tinha um amigo que era excelente vendedor, e que me deu uma orientação sábia. A única coisa que fiz foi seguir o conselho dele."

Nesse momento, pareceu que todos até se inclinaram ligeiramente para a frente como que desejando ouvi-lo melhor, aguardando uma revelação revolucionária sobre a arte de motivar.

"Esse meu amigo", continuou o orador, "disse o seguinte: 'Nós podemos levar as pessoas a fazerem o que quisermos. Basta que escutemos tudo que elas têm a dizer'. Então, quando vou conversar com alguém, fico a escutá-lo por um bom tempo. Depois que ele já falou bastante, e eu escutei atento, simplesmente digo: 'Ótimo, agora assine aqui nesta linha'. E ele assina. De-

pois que a gente pergunta uma porção de coisas, e escuta com atenção por um bom tempo, chega nossa vez de falar. Aí é só pedir a assinatura dele."

O "campeão de vendas" disse apenas isso e sentou-se. Algumas pessoas são falantes. Outras são ouvintes. Aquele que ouve antes de falar, vence na vida.

O que aquele vendedor fizera? Ele apenas expressara, com suas próprias palavras, um princípio básico de vendas. Temos de ouvir os outros o tempo que for necessário para descobrir o de que eles precisam. Isso feito, resta-nos apenas atender à sua necessidade.

A esposa tem um problema? O marido tem de escutar até conseguir ouvir. Escutar não é uma mera função dos nossos órgãos auditivos.

Escutar é um ministério.

Na Bíblia, Deus diz várias vezes: "*Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça*". O Senhor dá um valor inestimável ao ato de escutar.

O homem a quem dei a sugestão de ficar ouvindo a filha durante um mês sem dizer nada, aprendeu isso "apanhando". Ele entendeu que escutar é um dos segredos do ministério paterno em casa. Mais tarde disse-me que, quando eu impusera aquela condição, pela primeira vez na vida tivera vontade de bater num pastor. Mas a inusitada experiência veio comprovar um fato: *os homens precisam aprender a escutar*.

A Bíblia afirma que temos de conhecer bem a Palavra de Deus para nos apresentar a Deus aprovados. E nós, homens, temos de "conhecer" nossa esposa e filhos, e fazê-lo à luz das Escrituras. Precisamos ouvi-los para saber como são. Isso é de importância vital para sabermos ministrar-lhes.

Uma recente pesquisa entre casais apontou fatos surpreendentes. Dos homens entrevistados, 75% afirmaram que o casamento deles ia muito bem. Mas apenas 25% das esposas desses homens disseram o mesmo.

Conclui-se, então, que 50% deles estão com problemas e não o sabem. Por quê? Porque não ouvem o que a esposa tem a dizer. Não conhecem bem o cônjuge. Ainda não aprenderam a enxergar as características peculiares à sua mulher; não conhecem suas necessidades, seu anseio interior, nem o que lhes dá satisfação.

Algumas empresas de grande porte hoje têm investido muito dinheiro só para ensinar seus executivos a ouvir outros. Se eles não desenvolverem essa capacidade de ouvir com atenção, não saberão identificar as necessidades a ser atendidas.

Passo horas e horas dando aconselhamento e, infelizmente, na maioria dos casos, tenho de lutar contra o sono. Mas, na verdade, dar aconselhamento, na maior parte do tempo, nada mais é do que ouvir com atenção. É ouvir o que o outro tem a dizer até que ele termine de expor o que é superficial, e depois passe a mencionar coisas que nunca trouxe à tona. O conselheiro cristão, como aquele premiado vendedor de seguros, precisa ouvir o aconselhando por muito tempo, para conseguir identificar o problema dele.

Portanto o homem da casa é o seu líder, "mordomo", sacerdote, ministro e conselheiro. Ele tem de ser para a família tudo que Cristo é para a Igreja.

Uma missão e tanto!

Por isso, é necessário que ele seja homem.

E é por isso também que ele precisa ser homem em todo o seu potencial.

Os homens são muito diferentes das mulheres; bem diferentes. Vejamos um exemplo.

Os homens atentam para as "manchetes"; as mulheres, veem a "letrinha miúda".

Quando minha netinha nasceu, fiz um voo longo, fui ao outro lado do país, para visitá-la ainda no hospital. Assim que a vi, dei uma boa examinada nela. Lá estava a pequenina. Tinha braços, pernas, olhos, nariz e boca. Era perfeita e tudo estava certinho. Para mim era o quanto bastava. Já a vira, agora podia ir embora.

Mas minha mulher e minha filha, não. Meia hora depois ainda estavam examinando o tamanho dos cílios, o formato das unhas, a textura da pele, como se a vidraça do berçário fosse uma lente de aumento.

É a tal "letrinha miúda".

O homem chega do trabalho e a mulher indaga:

– Como foi lá hoje?

– Tudo bem.

– O que você fez?

– Trabalhei.

– Vendeu alguma coisa?

– Vendi.

– O quê?

– Fechamos o contrato com a Sears.

– Aquele que você vinha tentando faz um tempão?

– É.

– Ah, então vamos ganhar uma comissão?

– Vamos.

– De quanto?

– Não sei. Ih, para com essa perguntação!

Ela quer a "letrinha miúda", os detalhes. Mas ele só lhe passa as "manchetes".

Mas passar-lhe a "letrinha miúda" também é ministrar. A mulher tem necessidade dela. Para ministrar à esposa, o marido precisa aprender a dar detalhes.

O homem do diálogo transcrito acima cometeu o pecado de omissão.

A omissão é o pecado básico da humanidade.

A única razão por que erramos é que não fazemos o que é certo.

Certa vez ouvi um evangelista afirmar que os pecadores iriam para o inferno por causa dos seus pecados: adultério, embriaguez, etc. Mas não é por causa do que os homens fazem que eles irão passar a eternidade longe de Deus, não. É por causa do que eles não fazem.

O pecador vai para o inferno em consequência do que ele não fez: não creu no Senhor Jesus Cristo, e não o recebeu como seu Salvador pessoal. É por causa desse pecado de omissão – o fato de não crer em Jesus e não o receber como Salvador – que ele passará a eternidade afastado de Deus.

Então, o homem que não nasceu de novo – e que, portanto, não recebeu o Espírito de Jesus Cristo – acaba cometendo todo tipo de transgressão e repetindo indefinidamente seus pecados. Esse princípio é de importância vital e tem consequências eternas.

Mas o pecado de omissão faz parte do nosso dia-a-dia também. Ele nos assedia continuamente, e enquanto não tomarmos uma atitude a respeito do problema, ele não será resolvido.

O que irrita as mulheres não é o que os maridos fazem, mas o que deixam de fazer. Elas não se irritam, por exemplo, quando ele troca a fechadura da porta ou conserta uma torneira que está pingando, não. Elas se irritam quando eles deixam de fazer essas coisas.

Se tomarmos sempre as decisões acertadas e fizermos o dia todo tudo que é certo, nunca cometeremos nenhum erro. Mas, ainda assim, se não enchermos a mente de pensamentos santos e verdades bíblicas, se não pensarmos no que é verdadeiro, fragmentos de "sujeira" se infiltrarão nela.

Todos os homens precisam lutar contra o pecado da omissão. Precisam ministrar à família escutando o que cada um tem a dizer. Cultivando a arte de ouvir, ficarão conhecendo as necessidades deles, e poderão tomar providências para atendê-las.

A comunicação é a base da vida. Onde a comunicação se interrompe, instala-se uma situação de desconforto. Se o problema não for corrigido, poderá, por fim, destruir o relacionamento. É por isso que eu gostaria de enfatizar uma vez mais que precisamos ter o cuidado de não abusar da televisão.

Um homem que tem a atenção voltada para a tevê, não consegue inteirar-se das necessidades de sua família. Os filhos, por sua vez, se se limitarem a trocar palavras informais diante de um aparelho impessoal, não aprenderão a comunicar-se.

Em nossos dias existe um movimento em fase de formação. É o movimento "hombridade ao máximo".

A família está se reencontrando; o pai está começando novamente a ouvir os filhos; está se descobrindo que dentro do próprio lar há membros "perdidos"; o antigo amor está sendo reavivado. Os pais estão se reconciliando emocionalmente com os filhos; os relacionamentos estão sendo solidificados; as crianças estão novamente aprendendo a interagir com os adultos.

É uma mudança extraordinária.

Certa vez, no Texas, fiz uma palestra em determinado local, e antes do início da reunião fui dar uma espiada no salão. Estava lotado. Durante a mensagem, falei sobre ser "homem em todo o seu potencial", e mencionei a questão do televisor desligado.

Após a reunião, um homem jovem, simpático, alegre e cheio de energia, aproximou-se muito sorridente e estendeu a mão para me cumprimentar.

"Tenho de dizer-lhe uma coisa", falou ele. "No sábado passado, à noite, resolvi o problema da minha televisão. Mas fiz diferente do que o senhor sugeriu. Não me limitei a desligá-la, não. Peguei-a, atravessei a rua e a joguei na caçamba do tele-entulho. O senhor não imagina como tenho me sentido bem de lá para cá! Eu e minha família temos nos relacionado muito melhor nesses poucos dias."

Amigo, já que é o líder, o "mordomo", o sacerdote, o ministro e o conselheiro de sua casa, você precisa ter a coragem de ser como sua família espera que seja. Pare e escute-os. E a maneira de ficar a par de seus problemas. Só então poderá ser como Deus quer que você seja.

.14.

Um casamento experimenta uma renovação

—Como foi que você conheceu sua esposa? indaguei a um homem, não faz muito tempo.

– Uma ex-namorada minha era amiga da irmã dela, respondeu ele dando de ombros.

Parece mesmo coisa do destino.

– Por que você se casou com sua esposa? perguntei a outro.

– Eu estava assistindo à parada militar da comemoração do fim da Segunda Guerra, explicou, quando alguém se aproximou de mim e me beijou. Era ela. Passado algum tempo nos casamos.

Um relacionamento de fundo patriótico, eu diria.

– E por que você se casou? indaguei a uma jovem.

– Não via a hora de sair de casa, replicou ela com sinceridade. Meus pais eram insuportáveis. Casei-me com o primeiro que apareceu.

Será que ele sabe disso? pensei.

Os motivos por que as pessoas se casam são muitos e bem variados. E alguns são lamentáveis. Certo homem com quem conversei num retiro masculino disse-me que ele e a namorada tinham começado a ter relações sexuais. Algum tempo depois ela engravidou, e tanto os pais dele como os dela, mais o

peso da consciência, os constrangeram a se casarem. Essa é a história de milhares de casais.

Nas sessões de aconselhamento, percebo que inúmeros casais travam uma luta angustiosa, até se decidirem a confessar o motivo por que se casaram. E na maioria dos casos, a essa altura, o compromisso matrimonial acha-se seriamente prejudicado devido a falhas do passado.

É muito comum um dos cônjuges começar a ter dúvidas se o outro é a pessoa que Deus escolheu para ele. Em outros casos, um guarda forte rancor contra o outro por algum erro que este cometeu no passado. E assim os alicerces do relacionamento são um lodaçal de mágoas, ressentimentos, mal-entendidos, suspeitas e sentimentos de culpa, e não uma desejada e sólida rocha.

Um casamento pode ser um céu na terra; mas pode ser também um verdadeiro inferno.

Frequentemente o casamento é prejudicado porque um dos cônjuges não acredita que o parceiro seja o escolhido de Deus para ele.

Tim e Alice vieram fazer aconselhamento comigo. Estavam tendo problemas no casamento. Pelo fato de ser pastor, Tim sentia-se envergonhado de revelar suas faltas ou de saber que sua esposa poderia tocar nelas.

Mas, via-se com clareza que Alice sofria interiormente. E Tim demonstrava estar bastante constrangido de estar ali. Ele provinha de uma família machista, onde o homem mandava em tudo. Seu pai e irmãos eram incultos, meio grosseiros, dados a conduta licenciosa e profana. Mas Tim ouvira a Palavra de Deus, conhecera a Jesus como seu Salvador pessoal. Arrependera-se de seus pecados, e crera no Senhor Jesus. O Espírito de Deus entrara em sua vida com poder, e ele se tornara uma nova criatura.

Movido pela graça de Deus e pela alegria de saber que seus pecados tinham sido perdoados, e pelo desejo de levar a outros a boa nova de salvação, ele foi estudar numa faculdade teológica.

Já Alice era uma típica filha de pastor. Criada na igreja, ela nunca conheceu outra vida que não fosse a conduta e a cultura evangélicas. Como Tim,

ela desejava testemunhar de seu amor por Jesus ao mundo todo. E com essa motivação também foi estudar na faculdade teológica.

E ali eles se conheceram.

Após um ano de namoro, ele a pediu em casamento. Pouco depois anunciaram oficialmente o noivado.

Três semanas antes do casamento, eles estavam passeando e se viram num lugar meio deserto. Tim abraçou-a e foi se tornando cada vez mais ousado em suas carícias. Alice não se sentia muito à vontade, mas não sabia o que fazer para detê-lo. Criado numa família que ignorava o que é certo e errado dentro dos parâmetros bíblicos, ele insistiu no que desejava.

Seu raciocínio era o de que dentro de três semanas eles se casariam. Para que esperar? Ela sabia que não devia ceder, mas para não desagradá-lo, concordou.

Tiveram relações sexuais num aposento dos fundos de um prédio abandonado.

Agora, seis anos depois, vinham ao meu gabinete procurar ajuda.

Embora o relacionamento deles em público fosse afável, em casa era explosivo. Trocavam palavras duras, acusações pesadas e até violência física. Tudo por causa de rancores, questões não resolvidas, e de um amor frustrado.

Tim se queixava de que sua esposa tinha para com ele uma mágoa latente.

Alice criticava sua falta de cavalheirismo para com ela.

Passamos várias horas conversando. Fui conduzindo os assuntos, de um pensamento a outro, de um sentimento a outro, e afinal chegamos à raiz do problema. Depois de seis anos de casamento, Alice conseguiu afinal dizer o que guardara durante todo aquele tempo.

Ela se ressentia do fato de Tim ter impedido que ela chegasse virgem ao casamento.

Diante da revelação, ele olhou para a esposa com um misto de raiva e espanto.

– Você está dizendo que sou o culpado de todos os nossos problemas? Sou culpado só por causa de uma coisa? Eu nem sabia que isso era tão importante para você! gritou ele.

Nesse ponto interrompi a conversa.

– Rapaz, é isso mesmo – a culpa é sua. E se você não assumir a culpa de haver causado essa vergonha e esse senso de perda que sua esposa carrega consigo, se não lhe pedir perdão por aquele ato, nunca conseguirá ter um bom relacionamento com ela.

Tim ficou pálido e saiu do gabinete intempestivamente. Mas depois, em casa, pensando na questão com mais vagar, começou a compreender o quanto aquilo era importante para Alice, e entendeu que arrebatara dela o presente mais precioso que ela reservava para dar-lhe. Aquele ato sórdido, num quartinho dos fundos de um prédio velho, para ela fora na verdade um estupro, e não o mais belo ato de amor físico que pode haver entre um homem e uma mulher.

Por fim, ele reconheceu que aquele seu ato não fora motivado por amor a ela, mas, sim, pela lascívia. E admitiu que tudo fora culpa dele. Ele pecara e se arrependera. Pediu perdão à esposa e se penitenciou diante dela. Então, ela lhe perdoou de todo o coração. Com isso, a hostilidade de Alice para com o marido se dissipou, e o relacionamento deles mudou completamente.

Acho muito divertido os velhos filmes exibidos tarde da noite na televisão. Primeiro, o rapaz se interessa pela mocinha e vai atrás dela. Depois é a mocinha que vai atrás dele. Afinal, eles acertam seus mal-entendidos, e os dois terminam no altar, jurando fidelidade um ao outro e selando o juramento com um beijo. E o filme termina com os dois abraçados, iniciando sua vida de casados. Aí aparecem as palavras *The End* (“Fim”), seguidas pela ficha técnica do filme.

Mas todo mundo sabe que aquilo não é o fim; é apenas o começo.

Existe um princípio de vida baseado nas Escrituras que diz que conseguir uma coisa pode ser fácil; o difícil é preservá-la.

Jesus nos ensina diversos princípios de vida, mas além disso concede-nos o poder necessário para vivermos de acordo com esses princípios.

Jesus Cristo não salva apenas nossa alma, mas todo o nosso ser. Entretanto como muitos pregadores preocupam-se mais com a alma, e as nossas versões da Bíblia referem-se aos homens como "almas", é muito comum pensarmos que Jesus salva somente a alma.

Jesus é o Salvador. Nosso Salvador.

Ele é o Salvador da nossa alma, do nosso casamento, de nossas emoções, de nossa mente, de nosso trabalho, de nossos estudos, de nossos filhos.

Precisamos de Jesus em todos os aspectos de nosso ser.

Precisamos de Jesus na totalidade de nossa vida.

Betty era de família crente. Bill experimentou o novo nascimento aos treze anos. Eles se conheceram em reuniões de jovens, e se casaram quando ele estava com dezoito e ela, com dezesseis.

Com o passar dos anos, Bill se tornou um empresário de sucesso. Betty tornou-se uma jovem senhora extremamente querida, muito alegre e cheia de energia, mãe de dois filhos. Constituíam uma família-modelo, atuante no mundo dos negócios, nas atividades da comunidade e da igreja.

Precisamos de Jesus na totalidade de nossa vida.

Vistos por todos como líderes-modelos, eram sempre citados como exemplo para os casais mais jovens.

Mas após quinze anos de casamento, o clima entre eles era de constante tensão. Em casa, Betty e Bill viviam uma verdadeira guerra fria. E desejavam modificar essa situação. Precisavam mudá-la, mas não sabiam como.

Na ocasião, eu estava dando um curso de treinamento de líderes, discorrendo sobre os atributos de um caráter semelhante ao de Cristo. A minha tese era, e ainda é, que hombridade e semelhança à Cristo são sinônimos. Bill assistiu a um dos cursos, e essas palavras ficaram gravadas em sua mente. Ele meditou muito sobre a questão.

Um dia, eles tiveram mais uma de suas brigas. Betty agrediu verbalmente o marido, dizendo-lhe o que pensava dele. Bill retrucou e seguiu-se uma discussão acirrada. A certa altura, ele saiu e foi para o carro.

Entrou no veículo, bateu a porta, e apoiou a cabeça no volante. Sentia-se nervoso, os punhos cerrados. Havia já dois anos que a tensão vinha aumentando. Ele estava enojado dessas brigas, dos bate-bocas, das agressões verbais, das discussões explosivas.

Sabia muito bem que aquilo era errado.

Sabia que precisava encontrar uma solução.

Batendo os punhos cerrados no volante, ele se pôs a gritar: "Senhor, faz alguma coisa, meu Deus! Não posso continuar mais assim! Essa situação tem de mudar!"

Bill não era de chorar, mas naquele momento caiu num pranto desesperado. Por fim, gemia angustiadamente.

"Jesus, tu és meu Salvador! Socorre-me, Senhor!" clamou.

Passaram-se vários minutos. Pouco a pouco, foi se controlando, deu partida no carro e saiu. Ficou a rodar pelas ruas do bairro, e Deus começou a operar em seu coração, Bill se lembrou dos atributos do caráter semelhante ao de Cristo que eu mencionara. Então ficou a analisá-los, meditando detidamente sobre cada um, analisando-os por todos os ângulos.

De repente, ele se deu conta de que tais atributos não se achavam presentes em seu casamento.

Tanto ele como Betty, individualmente, possuíam aquelas qualidades. Os conhecidos chegavam inclusive a comentar sobre isso. Mas o relacionamento deles, não.

Nesse instante ocorreu-lhe um pensamento.

Ele e Betty eram cristãos; ambos haviam experimenta do o novo nascimento. Agora o casamento deles precisava da mesma experiência. Separadamente os dois revelavam os atributos do caráter semelhante ao de Cristo. Mas juntos, como casal, a coisa era diferente.

Então, Bill compreendeu que seria preciso que Jesus Cristo comunicasse ao seu casamento as mesmas qualidades que eles lhe haviam pedido a nível individual.

O casamento deles precisava passar pela experiência da renovação.

Prontamente virou o carro e voltou para casa voando. Entrou, pegou de leve o braço da esposa e disse:

– Preciso conversar com você.

E conduziu-a para o andar superior da casa.

– Você lembra o que aconteceu quando Jesus entrou em sua vida? indagou.

Claro que ela lembrava.

– Lembra-se do que ele fez em sua vida quando o recebeu como seu Salvador?

Betty fez que sim.

– Foi maravilhoso! exclamou.

Os dois se sentaram na beira da cama.

– Quando nos casamos, disse ele com firmeza, tivemos a cerimônia religiosa, e foi só. Nunca fizemos um culto doméstico. Nunca oramos juntos em casa; só na igreja. Nunca falamos da Palavra de Deus um com o outro. Nossos filhos nunca nos viram orar, a não ser às refeições.

A essa altura, Betty chorava silenciosamente, emocionada com a ternura que percebia na voz dele e com a sinceridade de suas palavras.

– Sabe de que é que nosso casamento está precisando? Indagou ele em tom carinhoso. Nosso casamento precisa ser renovado.

E foi assim – como uma nascente que brota no alto da montanha e jorra água fresca e cristalina – que eles começaram a conversar um com o outro, falando de seus sentimentos e pensamentos mais profundos.

Era a primeira vez, em quinze anos, que Bill abria o coração para ela, expondo-lhe o que pensava, falando do que lhe ia na alma, e pedindo-lhe perdão pelos erros cometidos. Betty também falou de seus desejos, suas mágoas e anseios. Juntos eles derrubaram as paredes de proteção que haviam erguido para não se sentirem tão vulneráveis. E cada um pediu perdão e perdoou ao outro.

E passaram um longo tempo conversando, ora sentados, ora deitados. Já era de madrugada quando se ajoelharam ao lado da cama, e clamaram a Jesus suplicando-lhe que operasse uma mudança no casamento deles.

Juntos pediram a Deus que renovasse seu casamento. Nascia ali, para eles, um novo relacionamento.

Uma nova vida teve início naquele momento.

No dia seguinte, Bill e Betty foram ao estádio do *Angels* [time de beisebol de Los Angeles – nota da tradutora] para assistir a um jogo de beisebol. Pareciam dois namorados que acabam de descobrir que estão apaixonados. Era a empolgação do primeiro amor.

Quando subiam a rampa de acesso ao estádio, ele parou e virou-se para a esposa.

– Sabe de uma coisa? disse rindo. Acho que hoje é o melhor dia da minha vida. Estou me sentindo ótimo, nas nuvens.

Ela o beijou e eles continuaram a subir.

O *The End* da vida deles era coisa do passado. Nesse instante viviam um casamento novinho em folha. O "final feliz" daqueles dois dava lugar a um viver abençoado.

Era Jesus desenvolvendo em Bill todo o seu potencial.

.15.

Uma questão decisiva

Reprimindo um bocejo, continuei escutando o casal que se achava em meu gabinete, e discutia sobre a imagem que cada um tinha do outro.

Minha sala não tinha janela e parecia sem ar também. O ambiente estava abafado; e como aqueles dois eram cacetes.

Gosto de gente. Gosto de ajudar as pessoas. Mas naquele momento sentia-me cansado. Já me achava ali havia algumas horas dando aconselhamento. Tenho muita fé no trabalho de aconselhamento. E creio que podemos, sim, ter um ministério dc aconselhamento sério.

Mas estou convencido também de que a principal razão por que existe tanta necessidade de aconselhamento hoje é que os cristãos oram pouco. Se passassem mais tempo lendo a Palavra de Deus, meditando nela, orando sobre o que leem e aplicando-a à sua vida, encontrariam orientação na própria Palavra.

De repente, a mulher disse algo que me "despertou".

– A única coisa que quero é que ele seja homem. Só que seja homem.

Endireitei-me na cadeira, olhei para ela e em seguida para o marido. Era um desejo justo. Aquele homem não tinha exercido satisfatoriamente a liderança no lar. Por causa disso, os filhos haviam perdido todo o respeito por ele. O mais velho zombava do pai abertamente, sem o menor constrangimento. Os outros, a mãe ainda estava conseguindo controlar, mas sem muita energia. Eles desobedeciam sistematicamente às suas ordens, procurando provocá-la.

A mulher trabalhava fora para complementar a renda do marido, que não se dispunha a procurar um emprego melhor. Se ele quisesse, poderia fa-

cilmente arranjar um. E tendo que impor disciplina e ao mesmo tempo dar segurança aos filhos, além de ter de contribuir com o sustento, ela se sentia esgotada.

Ademais o relacionamento deles perdera o sabor, em todos os aspectos – conjugal, sexual e recreativo. Ela queria um pouco mais de "tempero". Mas dele só vinha insipidez. Ela queria um relacionamento mais romântico e estimulante. Ele lhe oferecia o tédio e a rotina.

Agora ela dissera tudo. Expusera seus desejos.

– A única coisa que quero é que ele seja homem. Só que seja homem.

Olhei diretamente para ele.

– Você ouviu o que ela disse, falei. Ela quer um homem. Consegue ser esse homem? Ela quer você.

Ele sustentou meu olhar direto por uns instantes e depois desviou os olhos. Levantou o rosto, e ficou fitando o teto por um longo tempo.

Houve um prolongado silêncio, que provocou um forte constrangimento e um clima de tensão.

O silêncio se tornou tão gritante que era quase ensurdecedor.

Mas resolvi deixar que ele falasse primeiro. Era sua vez de responder.

Ele nunca tivera de tomar uma decisão antes. Primeiro, eram os pais que sempre falavam por ele. Depois, durante os anos de casamento, fora a esposa que aprendera a as sumir seu lugar. Ela constantemente ocupava os espaços vagos deixados por ele, tanto em público como em particular; sempre deixando que ele se escudasse por trás do que ela dizia.

Agora, depois de viver duas décadas dessa maneira na escola, no casamento, no trabalho e com os filhos aquele homem teria de manifestar-se. Seus pais não poderiam mais falar por ele, e sua esposa se recusava a fazê-lo.

Existem duas perguntas importantes que todo homem, mais dia menos dia, tem de encarar. E não somente encarar, mas responder também.

A primeira, e a principal delas, é a seguinte:

"*Que pensais vós do Cristo?*"

E a segunda é:

"Você vai assumir sua condição de homem?"

Já era tarde. A sala estava abafada, mas a sonolência passara. No ar pairava uma inquietante expectativa. Um homem encontrava-se no limiar de uma decisão. Para responder, era preciso ser homem de verdade. Ele estava sendo desafiado a ir buscar no fundo de seu caráter todos os atributos de um verdadeiro homem: sinceridade, verdade, fé, humildade, coragem, amor e graça. Ali, na presença da esposa, de Deus e de seu pastor, ele teria de responder à pergunta:

"Você vai assumir sua hombridade?"

Não foi sem certa relutância que ele baixou os olhos e lentamente fixou-os no rosto da esposa. Enfim os dois se viam cara a cara, olho no olho, e de alma aberta um para o outro.

Percebia-se claramente que ele travava uma intensa luta interior.

Afinal ele se dispôs a responder, e, embora falasse em voz baixa, suas palavras soaram como uma trovoada naquele aposento:

– Vou tentar!

Com um brilho de felicidade no rosto e lágrimas brotando nos olhos, a esposa estendeu os braços para ele, deu-lhe um abraço apertado, e assim permaneceu alguns instantes num aconchego afetuoso. Era como se tivesse reencontrado um ente querido que perdera.

Ele iria tentar.

Aquele pródigo, depois de haver passado um longo tempo numa "terra distante", tinha caído em si e retomava ao lar. Ele iria tentar.

O que mais uma mulher poderia desejar? Ela aceitaria isso, de bom grado. A decisão, vinda do fundo de sua alma, não fora nada fácil, pois tinha a embaraçá-la toda a carga de sua vida anterior. Ele ponderara bem na pergunta, encarara a questão, e anunciara sua decisão.

Ser um homem em todo o potencial não acontece como num passe de mágica; é um processo. Não existe varinha de condão que possa produzir essa condição em nós num abrir e fechar de olhos, não. É edificada passo a passo, camada a camada, ponto a ponto, preceito a preceito, decisão a decisão.

Lendo a história de Abraão, vemos que a todo lugar que ia ele *edificava* um altar e *armava* sua tenda. Hoje a maioria dos homens primeiro *edifica* sua tenda e só depois *arma* o seu altar. Dedicam a maior parte de seus esforços às coisas temporais, e quase nenhum às eternas; passam muito tempo edificando sua personalidade, e dão pouca atenção à formação do caráter. Isso é uma inversão dos valores divinos.

Podemos, sim, cuidar da personalidade, mas temos de edificar nosso caráter.

Um dos homens mais notáveis que conheço é W. T. Gaston, um herói da fé. Certa vez, Gaston me disse algo que nunca mais esqueci, e tenho citado com frequência: "Quando a fase de encantamento acaba, sobra só o caráter."

Toda mulher deseja profundamente ter em casa um homem de caráter. Todo filho precisa de um homem no leme de sua vida. E a grande necessidade das igrejas é ter homens de verdade em seu ministério.

É até possível a mulher exercer influência espiritual na igreja; mas a força só vem dos homens. O mesmo se aplica ao lar e à nação. A força das igrejas, cios lares e das nações depende basicamente da força dos homens que os constituem.

Nosso Pai celeste ordena que tenhamos um caráter semelhante ao de Cristo. O próprio Cristo orou ao Pai pedindo-lhe que enviasse seu Espírito para que este reproduzisse sua vida em nós.

Eu já disse isso, e vou repetir: *Ser homem em todo o seu potencial é ter um caráter semelhante ao de Cristo.*

O homem dominou os montes, os mares e até o espaço.

Mas a maior façanha que um homem pode realizar é dominar seu espírito.

"Melhor é o... que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade." (Pv 16.32).

Hombridade e semelhança a Cristo são sinônimos.

Seja homem!

Viva como homem em todo o seu potencial!

.16.

Homens imaturos

Mais de vinte anos se passaram desde que escrevi o último capítulo deste livro. De lá para cá, o mundo mudou radicalmente, sendo que grande parte dessas mudanças se deu na esfera da tecnologia – que aumentou – da geografia física do planeta, das fronteiras nacionais e da cultura de cada país.

A praga de nossos dias já não é mais o pai ausente, e sim, o descaso do pai em relação ao lar. A diferença é que, embora presente em casa, falta a este um interesse genuíno pelos membros da família. Um estudo realizado pela Universidade de Columbia mostrou que os filhos criados apenas pela mãe a-chavam-se cm melhores condições do que aqueles que tiveram um pai indiferente em casa. O descaso paterno em relação à família é a praga de nossos dias.

Hoje, mais do que nunca, certas questões culturais têm sido consideradas responsáveis pelos estupros, divórcios, drogas, enfermidades e outros males. Muitos dizem que a causa desses infortúnios é o colapso da família. E o que mina a estrutura familiar é a indiferença do pai.

Os sociólogos afirmam que a indiferença paterna é fruto da imaturidade dos homens. Trata-se de um problema de proporções epidêmicas, presente em todas as partes do mundo. Milhões de crianças que estão crescendo sem o cuidado dos pais se tornarão um problema no futuro, como profetizou Isaías: "*Os opressores do meu povo [serão] crianças*" (Is 3.12).

Só somos jovens uma vez na vida, mas podemos passar a vida inteira nos comportando de modo imaturo.

O Senhor aprova quem tem o coração como o de uma criança, mas condena atitudes infantis e imaturas.

O propósito dos cinco dons de ministério dados à igreja é prover as condições para que os homens possam amadurecer, isto é, chegar à medida da estatura da plenitude de Cristo.

O Senhor aprova quem têm o coração como o de uma criança, mas condena atitudes infantis e imaturas.

Desde que lancei a primeira edição de *Homem ao Máximo*, tenho literalmente viajado por todo o mundo, levando a mensagem de que "*hombridade consiste em ser semelhante a Cristo*". Certa vez, um membro da Câmara dos Lordes, na Inglaterra, exclamou durante um de nossos encontros: "E a maior verdade que já ouvi em toda minha vida!"

Sempre que falo sobre essa questão da infantilidade, digo que, quando o homem se comporta como criança, ele força a esposa a agir como se fosse mãe dele. Um problema ainda mais grave é que nenhum homem faz amor com a própria mãe. Quem ouve essa afirmativa quase sempre solta alguma exclamação.

O fato, no entanto, é verdadeiro. Quando a infantilidade do homem começa a criar problemas no relacionamento íntimo dele com a esposa, normalmente ele se põe a culpar a mulher, acusando-a de frigidez, ou dizendo que ela não o compreende. Porém, a verdade é que ela o entende bem demais.

Hoje, uma das evidências mais típicas dessa postura infantil no homem é a compulsão pela pornografia. Esta, como qualquer outra forma de perversão, promete beneficiar e dar prazer, mas ao final apenas engana e escraviza. Promete intimidade, mas a intimidade que oferece se limita a quem faz uso dela.

A pornografia, flagelo da sociedade moderna no mundo inteiro, é idolatria. Através dela, o homem cria imagens na mente, que o levam a se masturbar. O hábito da masturbação é, na verdade, um ato de adoração, em que o homem adora o ídolo, isto é, a imagem criada na mente.

Os "altos" da mente são semelhantes aos altares idólatras que a nação de Israel edificou a fim de tomar o lugar da adoração ao Deus Jeová. O que temos de fazer é derrubar "*toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus*" (2 Co 10.5), usando as armas espirituais de nossa milícia.

O homem infantil é, na verdade, imaturo.

A maturidade não vem à medida que envelhecemos, mas sim, quando passamos a aceitar a responsabilidade por nossos atos.

O primeiro Adão, no jardim do Éden, negou-se a aceitar a culpa pelo que fizera. Já o último Adão, o Senhor Jesus Cristo, tomou sobre si a responsabilidade pelos erros de toda a humanidade.

Essa é a característica diferenciadora dos homens. Num extremo, temos aqueles que não conseguem assumir sequer a responsabilidade pelos próprios atos. No outro, estão os que se responsabilizam não só pelo que fazem, mas também por suas famílias e pelo mundo, a favor de quem Cristo morreu. Os primeiros são imaturos e infantis. Os demais são amadurecidos; homens de aliança que se espelham em Cristo.

A maturidade não vem à medida que envelhecemos, mas sim, quando passamos a aceitar a responsabilidade por nosso atos.

Todo homem pode escolher se vai ser um mero indivíduo cio sexo masculino, um homem ou um varão de aliança.

Jesus indagou: *"A que, pois, compararei os homens da presente geração, e a que são eles semelhantes?"* (Lc 7.31).

Em seguida, respondeu à própria pergunta, dizendo: *"São como um grupo de crianças que reclamam com seus amigos: 'Vocês não gostam quando tocamos música alegre, e também não gostam quando tocamos música de enterro.' Pois João Batista costumava ficar sem comer e nunca tomou, em toda a sua vida, nem uma gota de bebida forte, e vocês disseram: 'Esse deve estar louco!' Porém Eu como e bebo vinho; então vocês dizem: 'Que comilão é Jesus! E Ele bebe vinho também! E anda com a pior espécie de amigos!' Porém Eu sei que vocês sempre pretendem justificar suas contradições"* (Lc 7.32-35 – *A Bíblia Viva*).

Um ditado mais atual diz o seguinte: "Se minha maneira de jogar é diferente da sua, então você vai pegar sua bola e voltar pra casa!"

E vemos homens adultos dizerem às esposas: "Ou faz as coisas do meu jeito, ou rua!" Que criancice!

Durante uma reunião, em que se discutia um acordo de paz para o conflito étnico na Sérvia, um ditador se levantou e deixou a mesa. Ao sair, comu-

nicou com a atitude e as palavras, o seguinte: "Como não querem jogar pelas minhas regras, então, estou fora."

Esse homem, supostamente maduro e culto, agiu como uma criança, permitindo que o massacre na Sérvia continuasse.

Certos indivíduos religiosos estão tão enfiados nas tradições dos homens e na autoridade eclesiástica, que se negam a ouvir o que Jesus diz a respeito deles. Agem como crianças ao afirmarem: "Se não concordam com minhas regras, não têm comunhão comigo".

Jesus falou aos religiosos de sua época que a razão de eles rejeitarem a ele e ao seu antecessor, João Batista, estava no fato de estes não terem acatado as regras e normas daqueles. Na verdade, os "religiosos" estavam agindo como crianças. Em sua mesquinhez, batiam o pé para que os outros vivessem segundo a sua mentalidade, que era, aliás, uma racionalização para os seus erros.

O homem que segue uma mentalidade alheia, como forma de racionalizar os próprios erros, está, na verdade, acolhendo os seus fracassos.

Ser capaz de superar os erros é um indicativo de maturidade; mas viver no erro, ou conviver com ele, é uma estupidez e uma criancice. Temos de crescer!

Há um provérbio que diz "para aprender, é preciso estar disposto a ser ensinado". Seja no mercado de trabalho ou no ministério, a demanda não é por indivíduos disponíveis, mas sim, por aqueles que são ensináveis. Aliás, se alguém não é humilde para aprender, nem está disposto a isso, não me admira que esteja disponível. Não é fácil ensinar um homem que pensa já dominar o assunto. Ninguém quer conviver com alguém que prefere ser ignorante a demonstrar à humildade necessária para aprender.

Os "religiosos" estão mais preocupados com seu *status* pessoal nas organizações burocráticas de que são parte, do que com a posição que ocupam no reino de Deus.

A principal demanda é por indivíduos ensináveis.

Hoje, com a Internet, o envolvimento de homens imaturos com a pornografia tem se agravado ainda mais. O conteúdo erótico veiculado na rede é hoje tão comum, que já está se tornando um estilo de vida. Os

valores da geração passada foram derrubados por uma mentalidade e uma conduta típicas de uma cultura que trata a perversão e a pornografia como aceitáveis. Cinquenta e sete por cento dos jovens norte-americanos não veem mal nenhum no homo e no bissexualismo.

Tolerância é a nova palavra usada para exprimir um estilo de vida politicamente correto. Os universitários são forçados a aceitar práticas e atitudes intoleráveis à luz da Bíblia. Quando não o fazem - posicionando-se ao lado do que a Palavra diz – são isolados pelos outros e tachados de fanáticos ou de coisa pior.

No livro *How God Saved the World* ("Como Deus salvou o mundo"), o Pastor Jim Garlow, ao falar sobre a perseguição que a igreja sofreu na segunda metade do segundo século, afirma: "Por que os imperadores estavam tão determinados a matar os cristãos? A razão é que estes, além de se negarem a declarar que César era Deus, não adoravam os deuses do povo romano e eram vistos como um grupo intolerante em relação às demais religiões".

Não obstante a perseguição, o cristianismo se expandiu. Tertuliano, um dos líderes da igreja primitiva, escreveu: "Prossigam! Torturem-nos! Esmaguem-nos! Quanto mais somos ceifados por vós, tanto mais crescemos em número. O sangue dos cristãos é semente". A perseguição não foi capaz de conter a fé cristã. Pelo contrário, o cristianismo floresceu em meio a ela.

Tertuliano, um homem franco e contundente, usou sua argúcia e maneira enérgica de falar para conclamar os cristãos a abandonarem a inércia e a frouxidão moral e assumirem uma fé radical e abnegada. Viveu o cristianismo de modo muito sincero e resoluto. Via-se incomodado pela apatia dos cristãos de Cartago, cidade de cerca de setecentos e cinquenta mil habitantes. Em uma seção de sua obra, o teólogo desafia os cristãos a não apenas serem firmes e diligentes em sua conduta, mas também a nunca fugirem da perseguição. Em parte, uma das razões que atraiu Tertuliano ao cristianismo foi a coragem dos mártires. Foi o primeiro a declarar que "o sangue dos mártires é a semente da igreja". Com isso, estava dizendo que o testemunho daqueles que morreram pela fé levava outros a abraçá-la.

Atualmente, muitos jovens estão estudando a vida dos mártires, crendo que um dia poderão ser um deles. Enquanto isso, os membros "mais antigos", "mais amadurecidos" e "sisudos" da igreja estão assentados nos bancos, apáti-

cos. Muitos da velha-guarda atual "toleram" atitudes banidas durante a própria juventude.

Provérbios 14.14 afirma que "*o infiel de coração dos seus próprios caminhos se farta*". Como esses indivíduos religiosos participam das reuniões da igreja sem o entusiasmo que resulta de amar a Cristo, o Ungido de Deus, este permite que eles encontrem alegria e satisfação fora da casa do Senhor.

Os cidadãos de hoje, imersos num sistema cultural que tem trocado o caráter pelo que é material, estão semeando vento e vão colher tempestade. Ao votarem para os mais elevados cargos administrativos, escolhem candidatos que não têm compromisso com a honestidade nem com os valores morais e éticos; homens pobres de caráter. O mundo está sendo preparado para aceitar o anticristo, e essa realidade é geral.

Se em algum momento houve a necessidade de os homens se agarrarem ao que a Palavra de Deus diz e se posicionarem ao lado de Cristo, esse momento é agora!

O exemplo dos três rapazes hebreus nos ensina que nosso compromisso com Deus sobressai, quando nos levantamos em meio a uma multidão que se prostrou ao mundo.

A hora da decisão se aproxima!

Você vai se prostrar?

Ou tomará uma posição de peito aberto ao lado de Cristo?

.17.

O que importa é o coração

"O homem semeia na perspectiva de colher no futuro, mas colhe o que semeou no passado." Quem disse isso foi meu amigo John Binkley, ao se referir à vida financeira. No entanto, não tive como não associar a frase a um casal que acabara de anunciar que pedira o divórcio.

O divórcio está se tornando tão comum em nossa sociedade - e a imoralidade, tão aceitável – que até mesmo a postura dos cristãos vem sofrendo influências. Certa vez, no início de um culto de domingo, o pastor de uma igreja anunciou que se divorciara e, em seguida, apresentou a nova esposa à congregação. Os presentes se levantaram e se puseram a aplaudir animadamente o casal. Em seguida, teve início o período de louvor e, tirando o fato de que já era o segundo divórcio e a terceira esposa daquele homem, ninguém deu muita importância para o acontecido.

Um outro pastor foi visto num aeroporto, prestes a embarcar dos Estados Unidos para a Europa, onde ficaria de férias por duas semanas. Os funcionários da companhia aérea não viram mal nenhum naquilo. No entanto, quando um membro de sua igreja o avistou ali, acompanhado de uma mulher que não era sua esposa, a congregação considerou o incidente bastante grave.

Mesmo depois de a viagem com essa mulher – que conhecera numa "sala de bate-papo" – ter vindo à luz, bem como seu vício em pornografia, dois membros do conselho da igreja ainda queriam que ele permanecesse na posição de pastor, já que por seu intermédio a igreja experimentara um enorme crescimento nos dois anos anteriores.

Ele semeara na perspectiva de colher no futuro, mas agora os outros estavam impedindo que ele colhesse os frutos do passado.

Certa vez, o Dr. Pearsall* foi a um médico e lhe disse que estava doente e precisava iniciar um tratamento. Durante seis meses, os médicos lhe disseram que ele não tinha doença alguma. Por fim, um deles concordou em pedir um exame de ressonância magnética, a fim de provar o que diziam. O exame mostrou um tumor, diagnosticado como maligno, localizado na região pélvica: justamente o local em que o Dr. Pearsall apontara a suposta enfermidade. Com isso, ele concluiu que seu coração estava lhe dizendo algo que a razão humana não conseguia alcançar. Dentre as suas descobertas está a crença de que o coração precede a razão no que diz respeito a informar-nos do estado do nosso corpo e da nossa vida.

Que descoberta interessante!

O coração se forma antes do cérebro no ventre materno.

Segundo o Dr. Pearsall, é ao coração – e não à mente – que deveríamos prestar mais atenção.

As Escrituras dizem: *"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida"* (Pv 4.23). E lemos também: *"Porque, como imagina em sua alma, assim ele é"* (Pv 23.7).

Jesus afirmou: *"O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más"*(Mt 12.35). É do coração, e não da mente, que procede o bem e o mal.

É por essa razão que Deus tornou possível ao homem "nascer de novo", através da fé em Jesus, e receber um novo coração, capaz de acolher e abrigar o Espírito de Deus, e externar as virtudes de Cristo.

É do coração que procede o bem e o mal.

Jesus declarou: "*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amar ás o teu próximo como a ti mesmo*" (Mt 22.37-39).

---

* Dr. Pearsall, conhecido autor e um dos palestrantes mais procurados do mundo, é especialista nos estudos sobre a cura por meio da mente. Psiconeuroimunologista clínico, ele faz parte da equipe de estudo de transplante de coração na Escola de Medicina na Universidade de Arizona.

Observe que o coração antecede a alma e o entendimento.

Jesus não disse: "*Amarás o Senhor teu Deus de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todo o teu coração*". Ele falou do coração primeiro! O amor deve ter início no coração, tanto em relação a Deus quanto à esposa. O coração vem em primeiro lugar.

O divórcio ocorre quando o amor se esfria e morre no coração. Ou então quando o homem diz amar uma mulher, mas o demonstra apenas com o entendimento e o corpo.

"*Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honram, mas o seu coração está longe de mim.*" (Is 29.13). Jesus conhece o coração dos homens. Ele sabe reconhecer o verdadeiro amor, aquele que vem do coração. A Palavra diz em 1 Samuel 16.7 que o Senhor olha o coração.

O homem religioso honra a Deus com a alma, o entendimento e o corpo, mas o coração está longe do Senhor. Na verdade, ele nunca entregou o coração a Deus. É como se o coração transferisse a responsabilidade de amar para a mente. O problema é que a mente não consegue amar a Deus da maneira correta, sem o coração.

O amor a Deus deve fluir e surgir do coração. A iniciativa de amar precisa partir de lá. O coração do Dr. Pearsall estava lhe dizendo que havia uma enfermidade em seu corpo, mas a mente dos médicos não foi capaz de entender essa informação. O coração sabia de algo que a mente não era capaz de alcançar. Esta é a razão por que deixamos escapar tantas coisas na vida: damos tanta atenção ao que diz a mente, que deixamos de ouvir o coração.

Para amarmos a Deus, temos de amar o que Deus ama e odiar o que ele abomina.

O coração transformado por Cristo submete-se à Palavra de Deus, vive de acordo com princípios bíblicos e recebe a capacitação necessária, mediante a obediência à Palavra.

O salmista afirmou: "*Vós que amais o Senhor, detestai o mal*" (Sl 97.10).

O profeta Malaquias escreveu: "*Eu odeio o divórcio, diz o Senhor, o Deus de Israel*" (Ml 2.16 – NVI).

Para amarmos a Deus, temos de amar o que Deus ama e odiar o que ele abomina. Como alguém pode declarar amor a Deus, se tem prazer naquilo que o Senhor aborrece?

Quando o amor a Deus começa a se desvanecer, a moral entra em declínio. Quanto menor for o amor pelo Senhor, mais baixa será a integridade de um indivíduo ou de uma nação. Quanto menor o nível de integridade, maior o número de vidas e casamentos destruídos.

Nenhum homem assumirá um compromisso total com a aliança do casamento, enquanto enxergar no divórcio uma via de escape. O casamento é uma aliança, da mesma forma que a salvação é a aliança que Deus fez conosco através do sangue de Cristo, derramado na cruz. A aliança é muito mais do que um mero contrato.

O ponto central de tudo é o coração.

"*Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São essas coisas que contaminam o homem.*" (Mt 15.19,20)

Deus conhece o nosso coração e pensamentos. O diabo, não. Satanás ouve nossas palavras, vê nossas ações, observa o que amamos e, em seguida, faz o melhor para nos tentar, enganar ou acusar, cie acordo com o que sabe a nosso respeito.

Deus conhece nosso coração e tornou possível termos um coração novo, de onde fluem o amor, a consagração, a graça, a misericórdia, a compaixão e toda boa obra.

A questão é sempre no coração em primeiro lugar.

Preguei essa mensagem num estádio com mais de vinte mil homens. E terminei minha fala com a seguinte frase, que também usarei para fechar este capítulo. Desculpe-me o palavreado, mas minha intenção é a de que o leitor nunca mais se esqueça dessa verdade. Disse àqueles homens:

"Caso alguém aqui não tenha captado a mensagem, então ouça bem: tudo começa no coração, tolo!"

.18.

Vá até a cruz

É difícil conviver com as mudanças, mas é impossível viver sem elas. A mudança é a única constante no amadurecimento. A maneira como a administramos revela o nível da nossa maturidade.

Nossas crenças a respeito de Deus mostram aquilo que no fundo pensamos sobre nós mesmos.

Desde a escrita e publicação da primeira parte deste livro, sua mensagem já foi traduzida em mais de quarenta idiomas. Já são quase dois milhões de exemplares impressos, que a *Christian Men's NetWork* ("Rede de Homens Cristãos") distribui em mais de duzentos países.

O conceito de que "*hombridade é sinônimo de semelhança a Cristo*" tornou-se nossa mensagem central. A frase já até se incorporou ao vocabulário dos que trabalham no ministério cristão.

O focado hoje é a própria mensagem do evangelho e a verdade central que ela encerra. Essa verdade diz respeito à cruz, símbolo do cristianismo. O símbolo da fé cristã não é a manjedoura ou o túmulo vazio, mas a cruz do Calvário. É verdade que Cristo nasceu numa manjedoura e ressuscitou, deixando o túmulo vazio. Mas foi através da cruz que ele ofereceu redenção ao homem.

A Bíblia reúne registros históricos, poesia, provérbios, genealogias, leis, profecias, doutrinas e biografias. A cruz é a linha divisória da Bíblia. No Antigo Testamento encontramos o Pentateuco, os livros históricos, as poesias e os escritos proféticos. No Novo Testamento temos os evangelhos, os relatos históricos, as epístolas e o Apocalipse.

A cruz é o mais sublime local de adoração a Deus. Primeiro foi o altar, depois o tabernáculo, em seguida veio o templo e, por último, o Calvário.

Ademais, é diante dela que trocamos as nossas fraquezas pelas riquezas de Cristo. Sempre que vamos até a cruz, voltamos diferentes de como chegamos.

"Vá até a cruz" é o lema e o estandarte sob o qual uma transformação permanente se dá em nossa vida. Diante da cruz, depositamos...

... culpa, e recebemos perdão;

... arrependimento, e recebemos fé;

... tristeza, e ganhamos alegria;

... iniquidade, e recebemos a justiça divina;

... insensatez, e obtemos sabedoria;

... ignorância, e recebemos conhecimento eterno;

... enfermidades, e recebemos cura;

... rejeição, e somos aceitos por Deus;

... incapacidade, e saímos de lá cheios de poder.

A cruz é a linha divisória da Bíblia, o mais sublime local de adoração a Deus e é diante dela que trocamos as nossas fraquezas pelas riquezas de Cristo.

Acredito que o leitor entendeu a ideia. A cruz transforma a nossa velha vida e nos torna uma nova criatura em Cristo. *Achegue-se à cruz!*

O amor divino está ligado à cruz. Foi nela que Deus mostrou seu amor pelo mundo. Falar do amor do Senhor sem mencionar a cruz é um terrível equívoco.

Além disso, foi mediante o sacrifício de Cristo na cruz que a ira de Deus em relação ao pecado foi aplacada, para assim o Senhor ser justo ao perdoar ao homem pecador.

Nenhum de nós é capaz de viver segundo a lei, pois o homem é transgressor por natureza. Somos culpados de transgredir a lei de Deus. Pensemos nos preceitos que o Senhor nos deu. Violar um único mandamento é violar todos eles. Ninguém nunca foi capaz de observar todas as ordenanças divinas,

e acredito que a maior parte das pessoas já desobedeceu a cada um dos mandamentos de uma maneira ou de outra. Portanto, precisamos de alguém que possa perdoar nossas transgressões.

Deus deu a lei ao homem para orientá-lo, a fim de lhe mostrar como ele é transgressor e, portanto, pecador. Ora, se somos pecadores, carecemos de um instrumento capaz de nos livrar do pecado e nos justificar diante de Deus.

O pecador que não compreende bem os aspectos da lei não é capaz de dar o devido reconhecimento à graça divina, emanada da cruz. Falar da graça de Deus sem explicar o que era a lei, é como dar remédio a um ignorante da própria doença. Quem se acha nessa condição simplesmente não dá valor à cura.

A lei nos mostra que padecemos do pecado por natureza daí precisarmos de tratamento.

A lei nos mostra que padecemos do pecado por natureza, daí precisarmos de tratamento. A cura para esse mal é a salvação que Jesus Cristo oferece gratuitamente. Contudo, se não reconhecermos estarmos enfermos, o remédio não terá valor algum para nós.

A tentação de Adão e Eva no jardim do Éden foi a certeza de que seriam iguais a Deus, caso comessem do fruto proibido. Humanismo puro! Nada mudou de lá para cá. O diabo mente para nós, fazendo-nos crer que Deus pode nos aceitar com base em nossos próprios esforços. Que mentira!

Pedro e os discípulos estavam com Cristo quando este lhes perguntou: "*Quem diz o povo ser o Filho do Homem?*" (Mt 16.13.) Pedro, então, relatou-lhe o dizer do "povo", e "o povo" estava errado. Aliás, é o comumente ocorrido.

Então, Jesus lhes perguntou: "*Mas **vós**... quem dizeis que eu sou?*" (v. 15 – grifo do autor) Pedro lhe respondeu: "*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*" (v. 16). Jesus elogiou a resposta do discípulo, declarando ser aquele entendimento uma revelação vinda do Pai Celeste, não algo dado por homens (v. 17).

Posteriormente, Cristo começou "a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos

principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia" (v. 21).

Então, Pedro chamou Jesus no canto e se pôs a reprová-lo e atacá-lo por falar daquela forma. "*Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.*" (v. 22.)

Jesus "*voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás!"* (v. 23). Em outras palavras, Cristo disse que Pedro estava agindo como o diabo. O discípulo já não estava falando por revelação, como fizera antes e, sim, como um homem que não compartilhava da natureza e dos atributos de Deus.

Por que Jesus comparou Pedro a Satanás?

Durante a tentação, uma das propostas do diabo feitas a Cristo foi a de dar-lhe todos os reinos do mundo se, em troca, Jesus se prostrasse e o adorasse (Mt 4.8,9). A força da tentação de Cristo foi proporcional ao valor que ele tinha para o reino de Deus. Do mesmo modo, o diabo nos tentará de acordo com o nosso valor no reino. Quanto maior o nosso valor, mais vantagens o diabo nos oferecerá, a fim de o servirmos.

O diabo nos tentará de acordo com o nosso valor no reino de Deus.

O diabo estava determinado a fazer tudo para evitar que Jesus fosse até à cruz.

Jesus sabia que se não enfrentasse a cruz, não haveria coroa! Sua morte sacrificial no madeiro era o único meio capaz de remir o homem pecador. Somente mediante a oferta redentora de Cristo nos foi possível recebermos o perdão pelos nossos pecados e termos um relacionamento de aliança com Deus. Essa aliança tinha de ser um pacto de sangue, o derramado na cruz.

Esse mesmo sangue encontra-se hoje diante do propiciatório, no céu. Por causa do sacrifício de Cristo, temos acesso à graça e à misericórdia divinas, mediante as quais Deus nos perdoa e nos reconcilia consigo. Nenhum outro sacrifício é capaz de superar o que Cristo fez na cruz.

Pedro agiu como Satanás ao tentar impedir a chegada de Jesus até a cruz. Omiti-la é colocar o cristianismo no mesmo patamar de qualquer outra religião do mundo. O desejo de Satanás é impedir homens como nós de "se achegarem à cruz", pois foi nela o triunfo de Cristo sobre os principados e as

potestades e a destruição do poder de Satanás. Nela, morremos para o mundo, e o mundo morre para nós.

Após repreender Pedro, Jesus continuou falando aos discípulos: "*Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me*" (Mt 16.24). Observemos que ele não diz para tomarmos a cruz *dele* e segui-lo. Ele diz para tomarmos a *nossa* cruz e segui-lo. Não podemos carregar a cruz de Cristo, e ele tampouco carregará a nossa. Cada um de nós precisa levar a própria cruz e segui-lo. Qual é a nossa cruz e qual é a cruz do Senhor?

Não podemos carregar a cruz de Cristo, e ele tampouco carregará a nossa. Cada um de nós precisa levar a própria cruz e segui-lo

O Senhor tomou a cruz dele quando estava no Getsêmani, mas foi crucificado no Calvário. Ao orar no jardim, pediu ao Pai que, se possível, o poupasse da morte. Orou tão intensamente que, pelos seus poros, saiu sangue em vez de suor. Estava prestes a se fazer pecado por nós. Tomaria sobre si a ira de Deus contra as nossas iniquidades e provaria a nossa morte. Para alguém sem pecado algum, tudo aquilo era humilhante.

"*Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.*" (Mt 26.39.) Essa foi a oração de Jesus. Ele tomou sua cruz ao se submeter à vontade do Pai e declarar que estava disposto a morrer, para que tivéssemos vida.

A cruz que Cristo tomou foi a disposição de fazer a vontade de Deus, mesmo lhe custando a vida. E, segundo ele, para nos tornarmos discípulos teríamos de tomar a nossa cruz e segui-lo. Qual é a nossa cruz? Semelhante à dele!

Carregar a nossa cruz significa estar disposto a fazer a vontade de Deus, mesmo nos custando a vida.

A cruz que Cristo tomou foi a disposição de fazer a vontade de Deus, mesmo lhe custando a vida.

Assim como Cristo morreu na cruz, nós também temos de morrer para nós mesmos, para que a vontade de Deus possa se cumprir em nossa vida.

"Achegue-se à cruz!"

O homem que abandona o lar e o casamento e sai gritando: "Tudo que eu quero é viver!", está levando

sua cruz? Com essa atitude, ele mostra estar disposto a permitir a morte do casamento, para que ele possa viver. Não quer morrer para si mesmo, de forma a garantir o sucesso do casamento.

Pense nisso.

.19.

Este é o meu pai!

O talento do homem pode levá-lo a situações em que seu caráter não é capaz de o suster. Esse princípio vale para atletas, diretores de empresas e também para pastores.

O legado que o pai deixa aos filhos é o caráter incutido neles. Uma das mais belas frases que um homem pode ouvir de um filho é: "Este é o meu pai!".

Não há decreto governamental para manter as pessoas casadas, nem autoridade para fazer os pais amarem os filhos, tampouco para determinar a criação adequada deles ou o cumprimento de promessas paternas. Uma das maiores motivações que recebi para escrever contra o divórcio, corno tenho feito, veio de uma criança, filha de pais divorciados, que me disse:

"Minha infância foi interrompida quando meus pais se divorciaram."

Joann Webster, em seu livro sobre famílias resultantes de um novo casamento, escreve: "As pessoas não deveriam pensar duas vezes antes de escolherem o divórcio. Deveriam era pensar umas cinquenta mil vezes e ainda assim, não optar por ele".

No livro *The Unexpectecl Legacy of Divorce* ("O Legado Inesperado do Divórcio"), que relata um estudo de caso que durou vinte e cinco anos, Judith Wallerstein afirma: "A criança que enfrenta o divórcio dos pais nunca se recupera do trauma". A autora mostra as consequências de uma separação para os filhos e como isso os afeta quando se tornam adultos.

A sociedade, cuja raiz está na igreja, precisa declarar que o casamento convencional é algo essencial. Têm de ensinar os pais a amar seus filhos e a cuidar deles. Precisa fortalecer as famílias, a fim de que a própria comunidade

se torne mais forte. E tem de transmitir às crianças o valor dos relacionamentos.

O lar é nossa primeira escola. As crianças de hoje são os maiores indicadores de qual será o futuro da nação.

A vida do homem se resume, ou se baseia, em três coisas: na administração dos recursos que recebe, em seus relacionamentos e na liderança. Todas elas são de extrema importância no relacionamento com os filhos.

Ser pai é ser o gerador de uma vida humana, formada e moldada à imagem e semelhança de Deus. Isso é algo sagrado. Os filhos devem ser fruto do amor de um casal, e não de um desejo lascivo. Muitas vezes, quando há apenas desejo, os pais não tratam a vida gerada como algo sagrado, e o resultado é o aborto.

Por ser o pai, você é responsável pela criança gerada e pela vida que você fez sua parceira abortar.

É responsável pela criança que abandonou um dia, e que agora está na prostituição, nas drogas, ou presa em alguma casa de detenção.

É responsável por aqueles que, por causa da sua irresponsabilidade, não tiveram o cuidado paterno.

Enquanto você está assentado aí, lendo este livro, pode haver uma criança órfã de pai, vagando pelas ruas, que você abandonou e para quem você não liga a mínima!

A vida do homem se resume, ou se baseia, em três coisas: na administração dos recursos que recebe, em seus relacionamentos e na liderança.

Filhos e filhas nascem prontos. Mas, a capacidade de ser pai tem de ser desenvolvida.

Qualquer indivíduo do sexo masculino pode gerar uma criança, mas somente um homem de verdade é capaz de ser pai.

Nenhum homem tem o direito de engravidar uma mulher, se não estiver disposto a criar o filho que irá nascer.

Ninguém tem esse direito!

Sendo homens, temos a missão de criar filhos livres de malícia, num mundo cheio de violência e imoralidade.

Qualquer indivíduo do sexo masculino pode gerar uma criança, mas somente um homem de verdade é capaz de ser pai.

Nosso dever é criar filhos fiéis, que respeitem e admirem o pai que têm.

A exortação de Deus é a de não provocar nossos filhos à ira, e sim, criá-los "*na disciplina e na admoestação do Senhor*" (Ef 6.4). Isso demanda tempo, e tempo de qualidade. Nada é capaz de substituí-lo. Dedicar tempo significa entregar-se ao outro, e é isso que precisamos fazer.

Tive o privilégio de ser o preletor em um dos encontros dos *Promise Keepers* ("Homens de Palavra") no Los Angeles Coliseum, do qual participaram 78.462 homens. Em dado momento, todos soltaram uma exclamação em reação a uma afirmativa que fiz. Eu disse que "ser ateu praticante não é parar numa esquina e ficar apontando para o céu, exclamando não acreditar em Deus. É simplesmente viver como se Deus não existisse. A maioria dos homens aqui vai à igreja aos domingos, mas volta para a casa e não faz mais nada de espiritual durante toda a semana, como orar ou ler a Bíblia. Na realidade, dizem-se cristãos aos domingos, mas são ateus praticantes durante a semana". *Essa doeu!*

O apóstolo Paulo revelou a base para quem quer ser um bom pai quando declarou: "*Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo*" (1 Co 11.1).

A Bíblia conta que Moisés esteve enfermo, a ponto de quase morrer, quando regressava ao Egito a fim de assumir a liderança do povo de Israel. É dito, então, que sua esposa Zípora tomou o filho mais velho e o circuncidou. Em seguida, Moisés se restabeleceu, e eles seguiram viagem. Evento curioso em tão poucos versículos! Qual é a razão disso?

A razão está numa afirmativa do Senhor Jesus: "*Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão*" (Jo 8.39). Abraão é o pai da família de Deus, isto é, da família da fé aqui na Terra. Todo aquele que crê em Cristo sabe que descende dessa família, por intermédio da fé e do fiel Abraão. A palavra de aprovação dada por Deus em relação a esse servo foi simples e direta: "*Por-*

que eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele" (Gn 18.19).

Quais obras Abraão realizou e transmitiu a seus descendentes? Em primeiro lugar, ele recebeu a justificação pela fé. Em segundo, deu o clízimo. Depois, resgatou Ló e, por último, foi o líder de sua casa. Durante o tempo em que Abraão conduziu sua família terrena, o Senhor o provou e capacitou, a fim de torná-lo o líder da família de Deus. Essa é a razão por que Paulo diz a Timóteo que o pastor deve primeiro demonstrar que sabe governar a própria família, para então liderar a família de Deus.

Era dever de Abraão circuncidar o seu filho, deixar-lhe uma herança, ensinar-lhe um ofício e escolher uma esposa para ele.

Moisés era responsável pela circuncisão do filho, mas foi negligente neste aspecto. Não sei por que isso se deu. A julgar pela minha experiência como pastor, posso imaginar que Moisés tenha ficado ocupado demais com o que Deus lhe ordenara fazer, e deixado o dever de cuidar da família por conta da esposa, Zípora. No entanto, ela não tinha a mesma origem e criação de Moisés, tampouco possuía o entendimento que o marido herdara a respeito de Deus e de Abraão. Então, no momento em que se viu forçada a circuncidar o filho, ela repreendeu o marido. Talvez a razão de Moisés ter pecado, negligenciando o aspecto mais importante de sua vicia – isto é, a missão de pai – tenha sido consequência de se achar em jugo desigual. A esposa, midianita, era tolerante demais com o filho e Moisés, por sua vez, tolerante demais com ela.

Antes de Moisés assumir a liderança do povo de Deus, o Senhor lhe deu uma lição. Moisés não tinha escapatória. O Senhor lhe mostrou, de um modo extremamente duro, que nenhum homem escapa da lei de Deus!

O Senhor não usou termos dúbios. Deixou claro que homem nenhum está desobrigado de seguir os princípios divinos! Nenhum homem pode se abster da Palavra de Deus.

Eli era sacerdote em Israel e conhecedor da lei de Deus. Sabia de sua responsabilidade como pai e, no entanto, seus filhos se tornaram "filhos de Belial". Eram perversos, mundanos, egoístas, mal-educados e desprezíveis, e essa má conduta levava o povo a pecar. Eli soube cio comportamento deles e os repreendeu. No entanto, errou por não afastá-los da posição de liderança

que ocupavam. Com isso, Deus lhe disse que ele estava honrando mais aos filhos do que ao próprio Senhor.

O juízo de Deus sobre Eli foi severo, mas justo. Ele cortou a descendência do sacerdote.

Que motivo levou esse homem a experimentar algo tão trágico já ao final dos seus longos anos de serviço ao Senhor?

Talvez o ministério de Eli – que era, na verdade, seu trabalho – tenha se tornado um ídolo para ele. Pode ser que o sacerdote tivesse dedicado mais tempo ao seu ofício cio que ao Senhor. Até hoje, muitos e muitos homens fazem o mesmo. É uma prática costumeira, mas que vai contra a Bíblia. Na prática, os filhos de Eli não tiveram um pai presente. Não estavam "perdidos no mundo", mas eram jovens religiosos, irreverentes e manipuladores. Faziam as coisas apenas para impressionar os outros, eram falsos e tinham o coração endurecido. Características comuns, porém contrárias às coisas espirituais.

Vejamos quais são os deveres de um pai de verdade, um genuíno filho de Abraão e de Deus.

Em primeiro lugar, circuncide seu filho. No Novo Testamento, a circuncisão equivale a se empenhar para que os filhos se tornem cristãos genuínos, nascidos do Espírito de Deus. Deus deu ao pai a incumbência de levar os filhos a conhecer o Senhor. O homem é responsável diante de Deus por essa tarefa. Muitas vezes, o marido abdica dessa responsabilidade e a deixa por conta da esposa. O homem é prejudicado por isso e nem se dá conta. Quando se nega a acatar a responsabilidade recebida do Senhor de ser o líder espiritual do lar, ele fica sob o juízo de Deus. Depois se pergunta por que o Senhor não o abençoa. O motivo é óbvio!

Empenhe-se para que seus filhos nasçam do Espírito de Deus.

Em segundo lugar, o pai deve deixar uma herança para o filho. Abraão deixou aos seus descendentes um grande legado de fé e de bens materiais, além da responsabilidade de administrar bem a herança, para a riqueza aumentar, em vez de diminuir. Se Deus não desejasse que os filhos herdassem o ministério dos pais, então, não seria conhecido como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. A questão, no entanto, é que Isaque e Jacó tiveram de cavar novamente os poços que Abraão escavara. O ministério pode passar de pai para filho, mas a unção, não. A unção é algo que o filho precisa buscar por si só e apenas em Deus. O

mesmo vale para a administração dos negócios. O filho só poderá assumir as atividades do pai quando demonstrar ter condições de fazê-lo. E só assim sua liderança será aceita.

Em terceiro lugar, ensine-lhe um ofício. Em muitos países, e em várias áreas, esse tipo de aprendizado é ainda comum. Em outros lugares, como nos Estados Unidos, já não é tão frequente mais. Não obstante, o pai pode ensinar ao filho a ética no trabalho e mostrar-lhe o valor do dinheiro, dentre outras lições que o prepararão para a vida.

Por último, encontre uma esposa para ele. Em alguns países, a prática do casamento arranjado é ainda corrente.

Nos dias de Abraão, os homens não se casavam com a mulher amada, mas passavam a amar verdadeiramente a esposa que tomavam. Hoje, as pessoas se casam com quem amam, mas deixam de amá-la depois do casamento.

O pai de hoje talvez não arranje um casamento para o filho, mas pode, em lugar disso, mostrar-lhe como a aliança do casamento é sagrada e valiosa aos olhos de Deus. Pode ensinar-lhe o valor da virgindade, isto é, da dádiva que Deus nos dá e que podemos entregar somente uma vez na vida a uma única pessoa. Isso é o que torna a virgindade tão especial e sagrada. De fato, ela é tão sublime, importante, sagrada e preciosa, que Deus planejou que o solteiro a concedesse uma única vez a uma só pessoa.

Ser um bom pai é a missão mais nobre que pode existir.

Quem é padrasto provavelmente precisará de mais graça e sabedoria do que o pai biológico, pois o padrasto precisa conquistar o direito à autoridade, ao passo que o pai natural já o tem automaticamente.

Jesus deixou um princípio de suma importância para o padrasto e para os filhos herdados em virtude do casamento. "*Se não vos tornastes fiéis na aplicação cio alheio, quem vos dará o que é vosso ?*" (Lc 16.12).

Num dos eventos que realizamos em Phoenix, um homem se colocou de pé e declarou:

"Não conseguia entender por que eu enfrentava certas dificuldades com meus dois enteados, sendo que com meus dois filhos biológicos eu não tinha esses problemas. Mas ao ouvir esse princípio, me dei conta de que não tenho

me dedicado aos meus enteados como me dedico aos meus filhos. Decidi que a partir de amanhã, não haverá mais nenhuma diferença entre eles."

Assim que ele terminou, todos os presentes se puseram de pé e o aplaudiram.

Por quê é que o homem é tão importante?

Os cinco primeiros livros da Bíblia nada mais são do que o relato da vida de sete homens.

Deus revela a sua própria história através de varões.

Ele se dá a conhecer a nós como nosso Pai.

Nós, homens, podemos nos revelar aos nossos filhos como pais. No Antigo Testamento, o sacerdote era um mediador, isto é, aquele que intercedia a Deus em favor do povo. Ele ministrava a graça divina àqueles que se achavam sob sua tutela e era chamado de "pai". Do mesmo modo, o chefe de família atua como o "sacerdote" do lar.

É por esse motivo que todo homem tem de orar pelos filhos e apresentá-los diante do Senhor, antes de falar do Senhor a eles.

Profeta, sacerdote, rei, progenitor, pai. Seja homem! Um varão de verdade! Seja semelhante a Cristo em tudo o que fizer para sua família e na companhia dela. Seus filhos e esposa precisam de um homem assim. A sociedade necessita de homens desse quilate. E o reino de Deus também.

. 20 .

Ame a Deus com todo o fervor e não deixe a glória se dissipar

Deus nos ama como somos, mas o seu amor por nós é grande demais para nos deixar como estamos. As pessoas ouvem o que sai da nossa boca, mas é a partir do que somos que elas aprendem. Nossos atos mostram quem a gente é. As ações falam bem mais alto que as palavras.

Na maioria dos casos, o fator que distingue um homem fracassado de um outro, bem-sucedido, é a capacidade de cada um para lidar com as pressões. O livro de Provérbios, na versão da *Bíblia Viva*, diz: "*Se você fica desesperado quando tem que enfrentar muitos problemas, você é um fraco, um pobre coitado*" (Pv 24.10).

Quando escrevi a primeira parte deste livro, pude sentir o poder inspirador de Deus sobre a mensagem que eu estava redigindo. Sentia que, independentemente do momento em que eu escrevesse, era impossível torná-la melhor. Tenho consciência da unção de Deus atuante sobre ela. Por todo o mundo, a vida dos homens tem sido transformada por meio da verdade expressa aqui.

Certa vez, estava em Zimbábue, participando como preletor de uma conferência, quando o Reverendo Perkins, um homem muito temente a Deus, me interpelou. Já fazia mais de trinta anos que ele trabalhava como missionário em Zâmbia, nação onde era querido e respeitado. Fora espancado e abandonado como morto à beira de uma estrada, todo envolvido em arame farpado, à espera da morte. No entanto, ele sobreviveu e viveu ainda tempo suficiente

para testemunhar a conversão de seus agressores. Essa era a justiça que ele almejara.

Vi-o pela primeira vez quando o apresentaram como preletor ali. Com passos vagarosos, porém firmes, ele se dirigiu ao púlpito e ficou parado, fitando os ouvintes por vários minutos. Depois, olhou para mim, assentado na primeira fileira de bancos. O que se deu em seguida surpreendeu a todos e me deixou impressionado.

"Onde é que o senhor estava quando precisei do senhor?" urrou ele, em minha direção. "Passei a vida inteira ministrando a mulheres e crianças e só agora li o seu livro *Homem ao Máximo*. Se eu tivesse passado esses anos todos falando especificamente aos homens, poderia ter resolvido o problema do meu país. O senhor deveria estar é no meio do mato. E lá que eles precisam do senhor."

Senti o coração pulsar fortemente e o rosto corar. Tremi em meu assento, tamanha a força das palavras ditas. Foi a primeira e a única vez que alguém se dirigiu a mim daquela maneira. Nunca mais me esqueci da fisionomia desse homem, nem do impacto de suas palavras.

Embora nunca tenha trabalhado nas matas, nunca deixei de ministrar a homens e de escrever livros direcionados a eles, abordando suas necessidades. Meus colegas de ministério têm chegado até os moradores nas tribos, e já enviamos vários caminhões lotados de livros a esses lugares.

Tenho quase cinquenta anos de ministério e cinquenta e quatro de casamento. Continuo viajando, escrevendo, ensinando e pregando. Viver para Cristo é a mais grandiosa aventura que há na face da Terra. Nada se compara a ela.

Recentemente, estava tomando um lanche com um amigo. Em dado momento, ele me encarou e disse:

– Quero lhe dizer que você tem permissão para se intrometer na minha vida, Ed. Sempre que vir alguma coisa que preciso mudar, me fale. Ou então, se me vir fazendo algo errado, diga-me. Alguns pastores vêm falar comigo, sem que eu tenha dado essa abertura a eles. Mas para você, eu dou o direito de interferir, porque sei que vai sempre me falar a verdade.

Fiquei calado por um bom tempo e, então, falei:

– Glória passada!

Meu amigo me fitou, como se quisesse entender o sentido daquilo. Então, indagou:

– O que você quer dizer com isso?

– Não viva na glória passada, disse. Alguns dias atrás, Nancy estava me dizendo que precisamos trocar o papel de parede da cozinha, pintar o quarto e trocar o carpete em alguns pontos da casa. Quando nos mudamos para lá, trocamos tudo e fizemos uma reforma. Tinha ficado lindo. Mas agora, a glória daqueles dias se foi, e precisamos substituir algumas coisas e consertar outras. Minha esposa não aguenta viver na "glória passada".

– Não entendi, respondeu ele.

– Eu e Nancy estávamos relembrando o início do nosso casamento, quando nos convertemos. Não perdíamos um culto, uma reunião de oração, nem as oportunidades de fazer evangelismo nas ruas. A glória do Senhor enchia nosso coração e o fogo de Deus ardia fortemente em nós! Aí Nancy usou uma frase que já tínhamos usado várias vezes ao longo dos anos. "Edwin", disse ela, "eu nasci no fogo e não suporto viver na fumaça".

– E o que isso tem a ver comigo? perguntou meu amigo.

Não viva na glória passada.

– Mais de vinte anos atrás, quando você começou servir a Deus, a glória do Senhor enchia tudo o que você fazia. Você aprendeu a trabalhar, a adorar o Senhor, a discipular homens, a falar de Cristo, a ensinar, a vender, enfim, tudo o que um homem precisa saber fazer. Agora é um homem bem-sucedido. Mas está fazendo tudo do mesmo jeito.

– Você incrementou uma coisa e outra, mas basicamente a técnica ficou ultrapassada ao longo dos anos. Agora, tem de analisar o todo, e ver se não está convivendo com a glória passada. Você leva uma vida cristã atual. É um homem próspero. Contudo, quando os outros olham para sua vida, veem tudo velho e desgastado. Você crê numa coisa, mas eles acabam enxergando outra, e aí ficam confusos.

– O mesmo pode se dar no casamento, prossegui; O marido diz que está tudo ótimo, mas para a esposa, o relacionamento está morrendo. Talvez ainda não esteja morto de fato, mas na melhor das hipóteses, está num nível media-

no. Com os anos, o relacionamento foi perdendo a graça e amornando. A glória da lua de mel já se foi há tempos. O encanto, a admiração, a paixão e o amor se esfriaram ou perderam o vigor. As coisas já não são como antes. A esposa tenta conversar com o marido, mas ele não lhe dá ouvidos. Chega um ponto em que ela "vomita" o relacionamento da boca, como Deus faz com o morno.

– Ou então isso pode estar se dando no trabalho, continuei. A constância de objetivos, que no início era o alvo e o propósito da empresa, pode ser hoje a razão da monotonia, da falta de entusiasmo e da mediocridade. A gente se esforça para fazer a empresa crescer, mas não consegue ultrapassar o estágio atual e entrar num novo ciclo de criatividade.

– Certa ocasião, fui pregar numa igreja em Chicago e, enquanto eu falava, o Espírito Santo assumiu o comando, como acontece nesses momentos em que o Senhor atua sensivelmente. Fitei a congregação e afirmei que alguns ali estavam criticando o pastor e se queixando de não terem mais acesso a ele. Reclamavam que o relacionamento já não era o mesmo de anos atrás. A questão era que o pastor havia alcançado novos patamares espirituais, mas os membros da igreja, não. Agora, lamentavam a glória passada. Porém eles próprios tinham se negado a pagar o preço de crescer espiritualmente, como o pastor fizera. Isso é viver na glória passada.

– É o que está ocorrendo aqui nos Estados Unidos, prossegui. Nossa nação nasceu em meio ao esplendor da sede, do desejo e do anseio dos colonos de alcançar a liberdade religiosa e de fugir das severas penas reservadas aos que amavam a Palavra de Deus. São vários os registros que discorrem sobre as glórias da fundação da nação. Muita gente foi recebida aqui de braços abertos.

Nosso lema era "Venha desfrutar a vida, ser livre e buscar a felicidade".

– O único problema é que essas pessoas trouxeram consigo os seus deuses. Negaram-se a reconhecer o Deus de toda a graça e o seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, que pagou o preço para sermos livres não só do domínio do pecado e de Satanás, mas também das autoridades que o rejeitaram. E a consequência de tudo isso é a glória da nação se desvanecendo.

– Basta observar a indiferença das pessoas em relação ao passado que nos trouxe essa glória. Veja o tormento que sentem face ao mandamento de não terem outros deuses além do Senhor. Observe o ódio para com os segui-

dores dos princípios e dos preceitos da Palavra de Deus. Tudo isso é um sintoma certo de que essa grandiosa nação que Deus nos deu está vivendo na "glória passada".

– A bandeira nacional deveria ser vista como o emblema das marcas de sangue daqueles que deram a vida pela pátria, e suas estrelas, como símbolos de sua esplêndida estrutura, continuei. Deveria ser um objeto merecedor da admiração e do assombro das pessoas ao ser hasteada e balançar nas alturas. Em vez disso, é recebida com desinteresse e indiferença. Quem não a respeita tem até mesmo o direito de queimá-la.

– Os homens estão vivendo na glória passada. Vemos casais, cujo casamento se iniciou repleto de brilho, bênçãos, encantos e gratidão, aceitarem o divórcio com a mesma naturalidade com que vão ao cinema. A geração de hoje, que nunca teve de pagar um preço pelo seu país, perdeu todo senso de patriotismo. Vemos igrejas e cristãos, que no início desfrutavam da glória de Deus, viverem na penumbra do que restou. Falam do passado como se ainda fosse presente. Falam de uma realidade que já existiu, mas não existe mais.

– Glória passada. Muitos cristãos, que já ofertaram com sacrifício e com o mesmo desprendimento com que se consagraram ao Senhor, já não veem com bons olhos a bênção de ofertar. Usam de sarcasmo ao acusar o ministério de interesseiro, mas não percebem que o motivo de não desejarem mais contribuir está no fato de terem perdido a visão de alcançar os perdidos, concluí.

Ao sairmos do restaurante, meu amigo comentou que jamais se esqueceria daquelas palavras.

Espero que o leitor também não se esqueça delas.

No Antigo Testamento, lemos que Salomão orou e a glória do Senhor encheu o templo. O tempo passou, e o templo continuou lá. Porém, o ouro se foi. Em seu lugar, foi posto bronze - um sinal de que a glória se dissipara. A realidade de antes já não existia mais.

No Monte da Transfiguração, Pedro quis construir três tendas e permanecer ali, diante da glória de Jesus. Mas o Senhor não o permitiu. Sua glória não poderia ser confinada a uma tenda, mas deveria habitar num tabernáculo edificado "*não por mãos humanas*" (Mc 14.58).

Nossa natureza humana, carnal, procurará sempre diminuir a tensão, ir devagar e acomodar-se, em vez de se submeter às disciplinas do espírito faminto e sedento de Deus, e de estudar a Palavra e de orar diariamente e de desejar participar daquilo que o Senhor está fazendo na Terra neste momento!

Nancy foi quem mais bem expressou a ideia: "Edwin, não podemos deixar o fogo apagar. Temos de arder em chamas por Cristo."

Antes de receber baixa, o General MacArthur declarou: "Os velhos soldados nunca morrem, eles simplesmente se desvanecem."

Isso pode ser verdade em relação ao corpo, ao mundo, à Terra e ao homem. Mas não o é em relação a Deus!

Eu quero ser cheio de fervor pelo Senhor até morrer!

Afinal, por que deixar de aproveitar o melhor da vida, que é o presente? Os "bons tempos" de nossa vida não estão no passado; o hoje é o melhor dia da nossa existência!

A glória de Deus nunca se apaga. As pessoas, sim, perdem o vigor.

A glória divina é a mesma ontem, hoje e será eternamente.

Fomos regenerados "*para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros*" (1 Pe 1.4).

Faça bom proveito dela, pois ela durará para toda a eternidade.

■ EPÍLOGO ■

Um ministério especial para os homens

Estávamos, eu e Ben Kinchlow, tomando o café da manhã em um dos elegantes salões de um hotel de Beverly Mills, o tipo de lugar aonde se vai apenas uma vez na vida. Ben tinha pedido bife com ovos. Nesse dia, ele era meu convidado.

Ben é um amigo querido, um irmão, um homem de verdade.

Sentados ali num ambiente tão chique, desfrutando de mordomias como telefone à mesa e garçons sempre em prontidão para nos servir mais café ou água, conversávamos sobre as maravilhas que Deus operara em nossas respectivas famílias. O Senhor abençoara ricamente nosso relacionamento em casa, e sentíamos profunda gratidão a ele.

A certa altura houve uma pausa na conversa. Permanecemos sentados gozando da companhia um do outro, daquela tranquila sensação de afeto fraternal. De repente, Ben levou o guardanapo à boca e ficou quieto, pensativo, por uns instantes.

– O que foi? indaguei em voz baixa.

Ele voltou a si do devaneio, e me fitou com uma expressão séria, que ficou gravada em minha lembrança.

– Sabe o que é, iniciou ele falando devagar, houve uma época em minha vida em que eu não tinha nada. Nada mesmo. E queria ter, meu amigo; queria demais. Queria tanto que seria capaz de levar minha esposa a prostituir-se ou ensinar meus filhos a roubar, ou faria qualquer outra coisa, só para vir a um lugar como este, ver gente famosa e sentir que eu era alguém. Achava que ter esse tipo de poder e prestígio seria a minha felicidade. Você não sabe o que passei, meu amigo; o inferno, o sofrimento e a dor que conheci. Minha vida

não valia nada. Eu não valia nada. E pensar que, para ter tudo isso, a única coisa que tive de fazer foi entregar minha vida a Jesus Cristo.

Não havia dúvida de que agora Ben estava desfrutando da sua "terra de Canaã".

E não era só pelo fato de ter sido convidado para aquela sofisticada refeição, não. Toda a sua vida – sua família, seu trabalho, sua autoimagem – fora completamente transformada.

E Ben não é o único.

Homens, essa vida tipo "terra de Canaã" é para todos nós. Basta aprendermos a entrar nela. E meu grande anseio é mostrar o caminho a todos.

No início deste livro, relatei o que aconteceu no retiro para homens de que participei no Oregon, e de como ele constituiu um marco decisivo em minha vida. O que ocorreu ali serviu para transformar a pequenina brasa que havia em meu coração numa grande chama. Ali nasceu em mim a vontade de comunicar essa mensagem a todos os homens, de meu país e de outros.

Alguns meses depois, em maio de 1980, fui pregar em um congresso nacional realizado em Pittsburgh.

No meio da mensagem, parei, olhei para o auditório, e em seguida, de súbito mas calorosamente, disse: "Irmãos, orem por mim, para que Deus me dirija para um ministério especial para homens, que seja de âmbito nacional."

A reação dos ouvintes deu-me a impressão de que uma corrente elétrica tinha perpassado o salão. Imediatamente todos se puseram a bater palmas, e alguns se levantaram. Em seguida, vários começaram a orar. Partia do coração deles a confirmação de que havia uma grande necessidade desse ministério.

Em novembro do mesmo ano, eu e Nancy promovemos na casa de um conhecido, em Huntington Beach, uma reunião com amigos e outras pessoas que acreditavam que Deus estava me chamando para um ministério exclusivo para homens. Era uma reunião de oração intercessora. E a certa altura um pedido foi sendo confirmado em cada coração: que Deus me desse a oportunidade de pregar a 10.000 homens durante o ano seguinte, 1981. E enquanto o grupo orava, ficou claro que era o Espírito Santo quem estava falando. Entendi que se tratava de um alvo que o próprio Deus colocava diante de mim.

Os três primeiros meses de 1981 foram muito agitados. Além de promover reuniões especiais para homens, trabalhava em duas redes de televisão, era reitor de um seminário e pastor titular de uma igreja. Eram atividades demais para um só. Mas, pela graça de Deus, consegui desempenhar satisfatoriamente todas elas.

Eu e minha esposa resolvemos realizar uma reunião no Hotel Marriot, Newport Beach, a 24 de abril de 1981, com todos aqueles que participavam de nosso ministério. Pretendíamos dar um relatório do que havia sido feito até ali, e expor os planos que tínhamos para os meses seguintes.

George Otis havia dito que tinha "uma palavra" a entregar-nos. E embora estivesse de viagem para Israel, pegou um avião em Chicago e foi à reunião. Assim que fiquei sabendo da volta que ele iria dar, eu já devia ter imaginado que alguma coisa importante iria acontecer.

George Otis tomou a palavra. Tive a impressão de que minha vida se passava numa tela diante de meus olhos.

Fazia mais de trinta anos que eu não vivia uma experiência como a daquele momento. (A última fora a da noite em que Deus me ungira para pregar o evangelho.) Era como se naquele momento eu estivesse outra vez sendo chamado para o ministério.

É uma das afirmações de George Otis calou fundo em meu coração. Disse ele: "Este ministério já está atrasado!"

Essas palavras foram para mim como que um bisturi a cortar-me o coração.

Nas vinte e quatro horas seguintes, escrevi cartas às organizações a que servia pedindo demissão dos cargos. Deixei todos os outros compromissos para dedicar-me exclusivamente ao ministério com homens. Já estava mais que na hora.

No domingo pela manhã, eu e Nancy nos dirigimos à igreja, onde eu ainda era pastor. Quando assumi o púlpito, olhei para a congregação, permaneci em silêncio por alguns instantes, e depois falei:

"Este culto será bastante singular para todos vocês, pois quando eu o encerrar e for embora, nunca mais voltarei. É o último culto que dirijo aqui. Deus disse que estou atrasado e preciso tirar o atraso."

E de fato, assim que proferi a bênção apostólica, eu e minha esposa nos retiramos. Amávamos aqueles irmãos,mas tínhamos de obedecer à ordem divina. Foi um ato muito difícil; mas também decisivo e corajoso.

Existe uma grande diferença entre simplesmente ler a Bíblia e viver sua mensagem na prática. Uma coisa é tão diferente da outra quanto o céu e o inferno, quanto Egito e Canaã.

Já na segunda-feira levei minha máquina de escrever para uma saleta isolada da casa, e comecei a "tirar o atraso".

Durante aquela semana muitas pessoas vieram falar conosco. Diziam que não era hora de fundarmos um novo ministério; a economia do país mostrava-se muito instável; éramos velhos demais para isso; nunca conseguiríamos fazer o que planejávamos; devíamos estar pensando mais era em aposentadoria - e inúmeros outros comentários negativos. Mas procuramos ignorá-los, pois estávamos muito seguros do chamado divino. Sabíamos bem o que tínhamos a fazer.

E o estávamos fazendo. Ou talvez eu deva dizer: Deus estava fazendo.

Por ocasião de uma reunião em Virginia Beach, Bem Kinchlow sentiu que devia orar por nós, para que no ano de 1982 pudéssemos falar a 100.000 homens. Isso representaria um aumento de mil por cento em relação ao ano anterior.

Em julho daquele ano já tínhamos duas pessoas nos ajudando, e precisamos mudar-nos para a garagem. Existe emoção maior do que ditar uma carta sentado no banco de um carro, ou atender ao telefone instalado sobre a lavadora ou a secadora?

Dois meses depois, o trabalho tinha crescido a ponto de em setembro precisarmos alugar salas no centro da cidade, em Corona Del Mar. E de lá para cá, por três vezes, tivemos de ampliar o espaço físico e o número do pessoal.

Vinte e um anos se passaram desde que escrevi a primeira parte deste livro. Nesse período, as pessoas mudaram. O conceito de que "*hombridade é sinônimo de semelhança a Cristo*" tornou-se parte do vocabulário de muitos membros do corpo de Cristo. A "gorjeta de um dólar", que fez toda a diferen-

ça naquela época, está fora de moda e soa quase como uma ofensa hoje. Mas apesar das mudanças, a verdade permaneceu.

Quatro anos depois da publicação deste livro, um pastor veio me questionar, querendo saber que "trabalho de consolidação" eu faria, a fim de dar sequência aos encontros para homens que organizávamos.

Minha resposta era sempre a mesma: "Isso é tarefa do pastor".

Algum tempo depois, durante um treinamento para pastores, um dos participantes me interrompeu e disse energicamente:

"Nunca me senti tão constrangido num encontro só!"

O comentário me deixou perplexo e, na mesma hora comecei a me perguntar o que é que eu tinha dito de tão grave. Fui pedindo desculpas por qualquer indelicadeza, mas aí ele me cortou novamente:

"Não! Não tem de se desculpar! Percebi que sou capaz de liderar minha igreja, pregar nos cultos, montar cursos, mas não sei se consigo discipular um homem!"

Quando deixei o local, percebi que aquele pastor me mostrara uma realidade com a qual eu não havia atinado ainda, devido à minha experiência pastoral.

Percebi que em geral o pastor fazia de tudo, menos discipular homens. E, no entanto, essa foi a única ordem que Jesus deixou: "Ide e fazei discípulos".

No ano que se seguiu, fundei a *Christian Men's Network* ("Rede de Homens Cristãos"), com o intuito de enviar mensagens em fitas de vídeo aos locais que eu não poderia visitar pessoalmente. Essas mensagens gravadas já rodaram o mundo. Até o momento, estão em 210 países.

Homem ao Máximo foi traduzido em mais de quarenta línguas, e o número de exemplares impressos já é de aproximadamente dois milhões. Escrevi outros dez livros, que somam mais um milhão de exemplares. Homem ao Máximo continua sendo o material pedagógico básico que, juntamente com os outros volumes, compõe nosso "currículo específico para homens". Esse material vem sendo utilizado por pastores e homens nas igrejas e em grupos de estudo por todo o mundo.

Ben Kinchlow, que escreveu o prefácio deste livro, deixou o programa *Clube 700*, e agora viaja por todo o mundo, pregando a Palavra. Ainda somos muito amigos e nos vemos sempre que temos uma oportunidade.

Meu filho Paul, depois de montar a própria produtora de tevê e, dentre outras coisas, trabalhar na concepção e produção do evento "Farm Aid" do cantor Willie Nelson, juntou-se à equipe e ministrou comigo por vários anos. Recentemente, comunicou-nos que vai se tornar pastor. Ao ouvir a novidade, Nancy anunciou que seria "membro fundadora número um" da igreja dele. Naturalmente, aos olhos dela, Paul é o maior pregador e ministro da Palavra que existe. Só Deus sabe em que lugar eu venho na escala de afeição dela.

Joann, que estava no seminário na época em que declarou que "os pecados sexuais seriam o grande problema da igreja nos anos oitenta", trabalhou como missionária no Japão e depois juntou-se ao nosso ministério. Atuou comigo na edição dos novos livros e hoje é uma escritora experiente e independente. Depois que se casaram, ela e o marido Richard obtiveram a guarda dos dois filhos pré-adolescentes dele, e juntamente com um dos enteados, ela escreveu um livro sobre famílias resultantes de um segundo casamento. O livro se tornou um *best-seller*. Vale a pena!

Minha outra filha, Lois, atuou por treze anos como procuradora adjunta do tribunal na Califórnia. Depois, mudou-se para o Texas, a fim de ficar mais perto da família, e começou trabalhar como colunista de jornais, escrevendo a partir de uma ótica conservadora. Hoje, está se lançando como escritora.

Minha esposa Nancy continua sendo "a mais bela mulher do mundo"e nunca deixou de ser a eficiente ajudadora que é para mim. Certo dia, disse-me: "Você devia pegar o seu livro e dar uma lida novamente."

Ai! Essa doeu! Mas como foi engraçado!

Temos mais de cinquenta anos de casamento. Vez por outra me perguntam se continuo casado com a mesma mulher de tantos anos atrás. Sempre respondo:

"*Não!* Hoje, Nancy é mais amável, generosa, leal, pura e temente a Deus do que nunca. É a melhor mãe, esposa de pastor, companheira, e cristã que já conheci."

Aquele pastor que teve problemas com o dirigente de louvor de sua igreja já se aposentou há tempos. O dirigente, por sua vez, é ministro de louvor numa igreja "moderna".

Já o pastor que coordenou o primeiro evento para homens no Oregon mudou-se para o norte da Califórnia algum tempo depois, onde exerceu um ministério de grande destaque.

Owen Carr partiu e está com o Senhor.

Earl Book passou a atuar como superintendente em sua denominação, e perdemos o contato.

Pat Robertson continuou à frente da *Christian Broadcasting Company* ("Rede de televisão cristã"), buscando alcançar pessoas em todo o mundo através de grandes cruzadas evangelísticas na televisão. Milhares e milhares de homens e mulheres vieram a conhecer a Jesus como Senhor e Salvador por meio desse ministério. A primeira doação que a Rede de Homens Cristãos recebeu, no valor de dez mil dólares, foi de Pat. Até hoje somos muito amigos.

Contei também a história de um comerciante que foi até minha casa conversar comigo. Ele se converteu, passou a frequentar a igreja que eu pastoreava, e aquele contato inicial se transformou numa grande amizade. Ele ainda atua no mercado imobiliário e hoje é membro da diretoria da Rede de Homens. Continua casado, e sua esposa é ainda maravilhosa.

"Steve e Gail", que se recuperaram do adultério de Steve, continuam juntos. Estive com eles um mês atrás. Ele ainda é o sujeito engraçado de sempre, e ela, a mulher alegre e animada que sempre foi. A filha deles, que um dia esteve à beira da morte, hoje é adulta e está servindo ao Senhor.

Fiquei conhecendo o Reverendo LaFayette Scales no final da década de oitenta. Ministramos juntos na África do Sul durante o *apartheid* e, embora ele fosse negro, deixou uma marca permanente na África e foi profundamente impactado ali. Tornou-se um dos pregadores de maior expressão no ministério para homens nos Estados Unidos e é também membro da diretoria da CMN, Rede de Homens Cristãos. Coincidentemente, ele estava no evento que realizamos em Pittsburgh, quando pedi aos presentes que concordassem comigo em oração, a fim de lançarmos esse ministério. Ele orou conosco, e o resto da história o leitor já conhece.

Muitos que mencionei neste livro passaram pela minha vida e seguiram em frente. Embora eu nem sempre tenha empregado nomes verdadeiros, os personagens que citei são reais, e relatei suas experiências para que sirvam de exemplo a cada um de nós. Onde quer que estejam hoje – e quer saibam ou não que contei suas histórias aqui – deixo-lhes um agradecimento pela contribuição que deram a mim – e ao leitor.

Hoje, vários homens que receberam ministração e edificação espiritual através do nosso ministério estão pessoalmente ensinando a outros. Ampliaram os princípios que passei a eles, melhoraram o conteúdo e estão transmitindo a mensagem de uma maneira bem melhor do que eles próprios receberam.

Certa ocasião, falei a um grupo de atletas numa conferência organizada por Larry Kerrychuk em Phoenix, da qual participou um técnico de futebol americano. Foi tão tocado pela mensagem "A palavra que empenhamos é um compromisso", que ao se encontrar com os homens que participavam de seu grupo de comunhão, sugeriu-lhes que dessem o nome de *Promise Keepers* ("Homens de Palavra") ao grupo.

O Senhor está agindo no coração dos homens, como só ele é capaz de fazer, e agradeço-lhe por fazer parte dessa obra.

Nancy foi quem percebeu o motivo por que muitos homens não entram em Canaã. Uma noite ela me disse:

"Os israelitas enviaram espias à terra e acabaram acreditando no relato negativo daqueles homens, em vez de se fiarem nas promessas de Deus. Acredito que a razão tenha sido a imagem medíocre que tinham de si mesmos. Julgavam-se inferiores e indignos das bênçãos de Deus. Não eram capazes de crer que Deus lhes daria tudo o que lhes prometera."

"E conosco é assim também", continuou. "Precisamos morrer para a antiga autoimagem que o mundo, o diabo e o pecado infundiram em nossa mente e coração. Por isso, é tão importante que Deus imprima nos homens a imagem de Cristo, no lugar dessa velha imagem. Só assim eles podem entrar em Canaã. Faça o que for possível para que os homens entendam isso", disse-me firmemente.

É exatamente o que estou fazendo.

Ali naquele salão elegante do hotel, eu conversava com um novo Ben - um homem que agora tinha uma nova imagem de si mesmo; uma imagem que Cristo lhe dera. O Espírito Santo estava renovando sua mente através da autoridade da Palavra de Deus. E isso o estava transformando num novo homem.

No decorrer desse tempo, tenho visto homens de todas as camadas da sociedade entrar em nossas reuniões com um tipo de atitude e sair com outra. Os mandamentos de Deus operam as mesmas transformações em todos, sejam eles quem forem.

Deus pode fazer o mesmo por você, meu amigo. Arrependa-se de seus pecados e abandone-os agora mesmo.

Se você ainda não pediu a Jesus para perdoar-lhe os pecados, faça-o neste mesmo instante. E se crê que ele é Senhor, contudo nunca confessou isso verbalmente, este é o momento de fazê-lo.

Paulo diz em Romanos 10 que, para sermos justificados, temos de crer com o coração, e para sermos salvos, temos de confessá-lo com a boca.

Então, agora, repita em voz alta, aí mesmo onde está, as seguintes palavras:

Neste momento, sem qualquer constrangimento ou vergonha, sem qualquer hesitação e diante de todas as pessoas que conheço – amigos, familiares e vizinhos – confesso que Jesus Cristo é meu Salvador pessoal.

Estou convicto de que quando pedi a Jesus que perdoasse todos os meus pecados e enviasse seu Espírito para habitar em meu coração, ele me atendeu.

Os anjos podem regozijar-se com o que estou dizendo neste instante, pois declaro na terra que Jesus Cristo é Senhor, e o digo para a glória de Deus Pai.

O diabo pode estremecer com o que estou falando. Publicamente confesso que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que ele veio do céu à terra, nasceu de uma virgem e viveu sem pecado. Andou por toda a parte praticando o bem e curando a todos os oprimidos do diabo. Foi crucificado e morreu pelos pecados do mundo, e em seguida foi sepultado.

Mas ele ressuscitou! E neste exato momento, quando estou aqui orando, encontra-se assentado à direita do Pai, nos céus.

E como seu Espírito habita em mim, minha também é a vitória que ele conquistou sobre a morte, o túmulo, o inferno, o mundo, a carne, o diabo; e eu o glorifico por isso.

E agora, Senhor, peço-te que operes transformações miraculosas em minha vida. Creio firmemente que me atenderás, e dou-te glória!

Amigo, ao fazer uma oração de confissão como essa, você simplesmente obedeceu a Deus. Agora creia que ele atenderá sua petição e operará mudanças poderosas em sua mente, coração, alma e corpo, isto é, em todo o seu ser.

Eu também estou exercitando fé no sentido de que Deus cumpra suas promessas na sua vida.

Não permita que outras pessoas venham a confiná-lo no pequeno mundo em que vivem.

Deus é muito grande e tem planos grandiosos para sua vida.

Desfrute da terra de Canaã cm todos os aspectos de sua vida: no casamento, na educação dos filhos, na sua profissão, nas finanças, nos estudos, em tudo.

Seja homem.

Seja homem em todo o seu potencial.

Um homem semelhante a Cristo.



Edwin Louis Cole ficou conhecido internacionalmente por ensinar como aplicar, de forma prática, as sábias verdades contidas nos princípios do Reino. Foi conferencista, personalidade da tevê norte-americana, escritor aclamado e preletor em diversos eventos. Deus o incumbiu de levar uma mensagem profética aos homens da nação, incitando-os a alcançar a verdadeira hombridade, que é ser semelhante a Cristo.

O ministério do Dr. Cole, falecido em 2002, continua alcançando milhares de homens no mundo todo através de livros, vídeos e audiocassetes.

Neste livro, o autor Edwin Cole põe por terra muitas das idéias distorcidas sobre a masculinidade e apresenta um novo conceito ao homem cristão contemporâneo: ser do sexo masculino é uma simples questão de genética, mas ser homem de fato é fruto de escolhas pessoais.

Homem ao máximo, afirma o autor, é aquele que tem a coragem de assumir a liderança do lar, sem se colocar como um ditador. Sabe tratar a esposa e os filhos com dignidade e respeito, e reconhece com humildade os próprios erros. É honesto consigo mesmo e com os outros, e procura tomar decisões justas e sensatas. Acima de tudo, o homem que é homem procura ser semelhante a Cristo.

"Através dos princípios práticos abordados neste livro, a vida das famílias cristãs experimentará mudanças profundas – um verdadeiro recomeço nas relações familiares – pois transformações duradouras, tanto na família como na sociedade, começam com a mudança na vida do homem."

Edwin Cole

Editora Betânia
Leitura para uma vida bem-sucedida
Caixa Postal 5010 - 31611-970 Venda Nova, MG
www.editorabetania.com.br

ISBN 978-85-358-0120-0
9 788535 801200